



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO

TURISMO E QUALIDADE DE VIDA DAS PESSOAS IDOSAS

Manoel Mendes de Souza

Brasília / DF

2021



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO

TURISMO E QUALIDADE DE VIDA DAS PESSOAS IDOSAS

Manoel Mendes de Souza

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília (CET/UnB), como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Vitor João Ramos Alves

Coorientadora: Profa. Dra. Neuza de Farias Araújo

Brasília / DF

2021

TURISMO E QUALIDADE DE VIDA DAS PESSOAS IDOSAS

Manoel Mendes de Souza

Aprovado pela banca examinadora:

Dr. Vitor João Ramos Alves

Professor orientador

Dra. Neuza de Farias Araújo

Professora coorientadora

Me. Cristiane Sousa de Araújo dos Santos

Professora avaliadora

Esp. Sara da Silva Meneses

Professora avaliadora

Dra. Lana Magaly Pires

Professora avaliadora

Brasília / DF, 25 de maio de 2021.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, com gratidão, à minha família, aos meus amigos e à todas as pessoas que, diretamente ou indiretamente, contribuíram para que ele se tornasse realidade.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus por ter me dado a oportunidade de transformar um sonho de criança em uma realidade de adulto, mesmo com os meus 66 anos de idade. Isto é uma prova material de que não se deve abdicar de seus sonhos, pelo contrário, deve-se manter a chama da esperança acesa e muita fé em Deus, que, com ajuda de pessoas maravilhosas que venham cruzar o teu caminho, há de estender a mão amiga e contribuir, decisivamente, para tirar da cachola seus sonhos e transformá-lo em realidade.

Aos meus familiares, que foram e são fundamentais para que eu pudesse atingir o meu objetivo acadêmico.

Ao meu Professor, orientador, consultor, Dr. Vitor João Ramos Alves, que foi crucial em minha caminhada, que de forma artesanal e metódica, conseguiu lapidar uma pedra bruta em algo maleável e de valor.

As minhas ilustres Professoras e Professores que tanto contribuíram para que eu chegasse onde estou. A todos os servidores do Centro de Excelência em Turismo (CET/UnB), mesmo aqueles que por direito e meritocracia, já se encontram aposentados e estão, portanto, gozando de suas merecidas e direitos adquiridos, as aposentadorias, por relevantes serviços prestado à classe dos docentes e discentes da maravilhosa Universidade de Brasília (UnB).

A minha gratidão.

Aos meus colegas de universidade, com quem aprendi bastante e pudemos, em vários momentos, compartilhar tarefas coletivas e desenvolver trabalhos com a orientação de nossas queridas e queridos professores. Em particular, Leticia Melgaço e Letícia Lyra, que, praticamente, foram minhas monitoras do primeiro ao quinto semestre.

A minha coorientadora, a ilustre professora, Dra. Neuza de Farias Araújo, pela relevante contribuição da qual jamais esquecerei em vida.

A minha Professora, Dra. Iara Lúcia Gomes Brasileiro, com quem tudo começou. Tendo sido a minha orientadora informal, com dedicação e apreço.

A todas as pessoas que contribuíram de forma decisiva, com suas entrevistas, para que esse trabalho se concretizasse: Almir Lima; Alice Alves Pereira; Antônio

Pedro de Souza Neto; Antônio Santos Costa; Belarmino Pereira Preces; Benevaldo Gomes da Costa; Carmen Gonçalves da Costa; Carmem Lúcia Coelho Ferreira; Cleonice Maria de Jesus; Constância Souza Martins; Francisca Giselda Coutinho de Sousa; Francisco das Chagas Teixeira Silva; Inês Santos do Nascimento; João Alves de Oliveira; José Ferreira do Nascimento; José do Patrocínio Filho; José Maria da Silva; Leni Viana Pereira; Leocadio de Moraes Barbosa; Luiza Fernandes Leite; Manoel Epaminondas Sobrinho; Maria Augusta Feitosa da Silva; Maria Carmen Silva de Paula; Maria da Graça Souza de Mello; Maria da Penha Meneses do Nascimento; Maria Dalva da Silva Santos; Maria Dária Pereira da Silva; Maria das Graças Silva; Maria de Miranda Aragão; Maria do Socorro Souza; Maria Helena Moraes Barbosa; Maria Ilda Branco Silva; Maria Regina dos Santos; Mario Vitor de Araújo; Maurina Alves dos Santos; Oldi Santos Filho; Telma Ramos de Sales; Teodora Ramos Urcino; Terezinha Barbosa de Melo.

Um agradecimento, em especial, ao meu filho, Lityz Ravel Hendrix Brasil Siqueira Mendes, Bibliotecário, formado na Universidade de Brasília (UnB) que foi o meu braço direito neste trabalho.

RESUMO

O Programa “Viaja Mais Melhor Idade”, instituído pelo Ministério do Turismo (MTur) em 2007, teve sua atuação por todo o território brasileiro até os meados de 2016. Sua estrutura funcional pautava em objetivos que promovessem o lazer e o turismo como estratégia para a inclusão social, viabilizando o acesso do público idoso às viagens e estimulando o turismo interno no Brasil. Entretanto, muito embora o programa “Viaja Mais Melhor Idade” tenha sido bem-sucedido e promovido benefícios para essa população, o MTur não levou adiante o programa, encerrando suas práticas a partir de 2016. Ao compreender o turismo como um fenômeno sistêmico, abrangente, natural, social, econômico e político – que promove transformações a partir do ser humano e seu local de interação – busca-se, com esta pesquisa, analisar como o fazer turismo contribui para a qualidade de vida das pessoas idosas. A pesquisa realizada se faz de nível qualitativa, do tipo exploratória e descritiva, adotando técnicas metodológicas de estudos bibliográficos e de estudos em campo, os quais foram realizadas entrevistas com 39 (trinta e nove) pessoas idosas, dos gêneros masculino e feminino, obtendo resposta às inquietações relacionadas à contribuição do fazer turismo para a melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas e, da mesma forma, sobre a sua importância no cenário brasileiro e mundial. O estudo também procurou centrar o seu foco no turismo, no lazer e no entretenimento, que são modalidades que contribuem significativamente para o bem-estar das pessoas idosas. Assim, entende-se que o movimento turístico consegue, com muita desenvoltura, agregar segmentos variados da sociedade, envolvendo o social, o econômico e o ambiental, o que proporciona maior integração entre as pessoas idosas e o espaço natural, que, de certa forma, reflete diretamente ou indiretamente na qualidade de vida.

Palavras-chave: Turismo. Pessoas idosas. Lazer. Entretenimento. Qualidade de vida.

ABSTRACT

The “Travel More Better Age” Program, instituted by the Ministry of Tourism (MTur) in 2007, had its performance throughout the Brazilian territory until mid-2016. Its functional structure guided by objectives that promote leisure and tourism as a strategy for social inclusion, enabling elderly people to access travel and stimulating domestic tourism in Brazil. However, even though the “Viaja Mais Melhor Idade” program was successful and promoted benefits for this population, MTur did not carry out the program, ending its practices as of 2016. Understanding tourism as a systemic, comprehensive phenomenon, natural, social, economic and political - which promotes transformations from the human being and his place of interaction - this research seeks to analyze how tourism contributes to the quality of life of the elderly. The research carried out is of a qualitative level, exploratory and descriptive, adopting methodological techniques of bibliographic studies and field studies, which were conducted with interviews with 39 (thirty-nine) elderly people, male and female, obtaining an answer to the concerns related to the contribution of tourism to improving the quality of life of the elderly and, likewise, about its importance in the Brazilian and worldwide scenario. The study also sought to focus on tourism, leisure and entertainment, which are modalities that significantly contribute to the well-being of the elderly. Thus, it is understood that the tourist movement can, with great ease, aggregate different segments of society, involving the social, economic and environmental, which provides greater integration between the elderly and the natural environment, which, in a way, directly or indirectly reflects on the quality of life.

Keywords: Tourism. Old people. Leisure. Training. Quality of life.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Análise percentuais socioeconômica de acordo com as faixas etárias das pessoas idosas entrevistadas	49
Gráfico 2: Análise percentuais socioeconômica de acordo com o estado civil das pessoas idosas entrevistadas	49
Gráfico 3: Análise percentuais socioeconômica de acordo com a renda per capita por mês das 39 (trinta e nove) pessoas idosas entrevistadas.	51
Gráfico 4: Análise percentuais socioeconômicos com relação às origens das pessoas idosas entrevistadas.....	52
Gráfico 5: Distribuição dos idosos por faixa etária, no Distrito Federal, 2018.	53
Gráfico 6: Razão de sexo de pessoas idosas, por faixa etária, no Distrito Federal, 2018.	54
Gráfico 7: Análise percentuais socioeconômica de independência financeira das 39 (trinta e nove) pessoas idosas entrevistadas.	55
Gráfico 8: Análise referente ao convívio com seus familiares	56
Gráfico 9: Representação do percentual de pessoas dependentes das rendas das pessoas idosas.....	57
Gráfico 10: Análise percentuais referente a religiosidade das pessoas idosas entrevistadas.....	58
Gráfico 11: Análise de percentuais referente à história de vida (infância) das pessoas idosas entrevistadas.....	59
Gráfico 12: Análise de percentuais referentes a história de vida (adolescência) das pessoas idosas entrevistadas	61
Gráfico 13: Análise de percentuais referentes a história de vida (fase adulta) das pessoas idosas entrevistadas	62
Gráfico 14: Análise de percentuais referentes a história de vida das pessoas idosas entrevistadas no período após aposentadoria	64
Gráfico 15: Análise percentuais referente às atividades preferidas por parte das pessoas idosas.....	65
Gráfico 16: Análise percentuais referente a quanto tempo as pessoas idosas entrevistadas moram no Distrito Federal brasileiro	66
Gráfico 17: Análise das opiniões das pessoas idosas entrevistadas sobre a participação das Universidades na qualidade de vida.....	68
Gráfico 18: Análise percentuais referente as opiniões das pessoas idosas entrevistadas sobre o que lhes falta e o que poderia ser feito a seu favor.....	69
Gráfico 19: Análise percentuais referente ao conhecimento das pessoas idosas relacionado ao Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003).....	70
Gráfico 20: Análise percentuais referentes às opiniões sobre o turismo	74

Gráfico 21: Análise referente o que pensam as pessoas idosas com relação ao Ministério do Turismo (MTur)	75
Gráfico 22: Análise referente a possíveis viagens que as pessoas idosas costumam realizar	77
Gráfico 23: Análise referente a chegadas de estrangeiros no Brasil - ano 2004 a 2020.	78
Gráfico 24: Análise percentual referente ao número de viagens que as pessoas idosas costumam fazer durante o ano.....	80
Gráfico 25: Análise referente às pessoas que costumam viajar sozinhas ou acompanhadas.....	81
Gráfico 26: Análise do ponto de vista das pessoas idosas referente à contribuição do lazer na qualidade de vida.....	82
Gráfico 27: Análise sobre a influência do turismo na vida das pessoas idosas.....	84

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Evolução do Viaja Mais Melhor Idade	36
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Contextualização do Assunto	12
Descrição da situação problema	12
Objetivo Geral	13
Objetivos Específicos	13
Justificativa.....	13
Metodologia de Pesquisa	14
1. BREVE HISTÓRICO DO TURISMO COMO FENÔMENO SOCIAL.....	17
1.1 O movimento do turismo a partir dos registros históricos da Antiguidade	17
1.2 O movimento do turismo a partir da Revolução Industrial e os avanços tecnológicos da Modernidade.....	22
2. AS CONQUISTAS SOCIAIS PARA A QUALIDADE DE VIDA DAS PESSOAS IDOSAS.....	34
2.1 A qualidade de vida como conceito e sua construção histórica	45
3. O TURISMO E A QUALIDADE DE VIDA DAS PESSOAS IDOSAS	48
3.1 Perfil das pessoas idosas entrevistadas.....	48
3.2 A qualidade de vida das pessoas idosas entrevistadas	67
3.3 A contribuição do Turismo para a qualidade de vida das pessoas idosas	74
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS.....	88
APÊNDICE 1: ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA AS ENTREVISTAS.....	94

INTRODUÇÃO

Contextualização do Assunto

O Programa “Viaja Mais Melhor Idade”, instituído pelo Ministério do Turismo (MTur) em 2007, teve sua atuação por todo o território brasileiro até os meados de 2016. Sua estrutura funcional pautava em objetivos que promovessem o lazer e o turismo como estratégia para a inclusão social, viabilizando o acesso do público idoso às viagens e estimulando o turismo interno no Brasil. Aposentados, pensionistas e maiores de 60 anos, recebiam incentivos variados para que aproveitassem o tempo livre para viajar (BRASIL, 2013).

As vantagens para este público-alvo seriam os descontos e vantagens em pacotes turísticos, meios de hospedagem, locação de veículos, atrações turísticas, além de englobar diárias extras, entradas e passeios gratuitos e milhas adicionais em passagens áreas, por exemplo.

Entretanto, muito embora o programa “Viaja Mais Melhor Idade” tenha sido bem-sucedido e promovido benefícios para essa população, o MTur não quis levar adiante o programa, encerrando suas práticas a partir de 2016.

Nesse contexto, surge o interesse do pesquisador em buscar entender os efeitos do turismo para a qualidade de vida das pessoas idosas, a partir da compreensão do turismo como fenômeno social, além de analisar, criticamente, o descaso dos gestores do turismo, em especial do próprio Ministério do Turismo, para o público representado pela população de pessoas idosas no território brasileiro.

Descrição da situação problema

Ao compreender o turismo como um fenômeno sistêmico, abrangente, natural, social, econômico e político, que promove transformações a partir do ser humano e seu local de interação, busca-se, com esta pesquisa, analisar: como o fazer turismo contribui para a qualidade de vida das pessoas idosas?

Objetivo Geral

Analisar as percepções sobre como o fazer turismo contribui para a qualidade de vida da pessoa idosa.

Objetivos Específicos

- Resgatar a construção teórica do conceito de turismo enquanto um fenômeno social.
- Identificar a evolução das conquistas sociais para a qualidade de vida das pessoas idosas.
- Identificar as contribuições do turismo, a partir da percepção das pessoas idosas, para a qualidade de vida.

Justificativa

Promover uma pesquisa que busque compreender o papel do turismo na melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas se faz essencial para o momento em que vive o Brasil. Diante da pandemia de coronavírus, pelo Covid-19, que já totaliza um número maior que 400.000 mortos, que sofre pela falta de gestão e cuidados sociais, de uma forma ampla, faz-se urgente pensar sobre a situação das pessoas idosas no território brasileiro. A pesquisa, portanto, buscou, através de estudos qualitativos, fundamentar-se, em suas convicções, sobre como o turismo contribui para a qualidade de vida destas pessoas idosas. População que está sendo esquecida pelos órgãos governamentais; negada suas oportunidades de alcançar a felicidade e a auto realização; independentemente de seu estado de saúde físico ou das condições sociais e econômicas.

Espera-se, assim, que este trabalho inspire outros pesquisadores, para que possam dar continuidade a pesquisa com maior profundidade, e apresentar possíveis soluções para um clamor social de suma importância por parte dessas pessoas, que representam, simbolicamente, a atual situação vivida pelas pessoas idosas pelos rincões do Brasil afora.

Metodologia de Pesquisa

O percurso metodológico, adotado para a efetivação deste trabalho, teve como base a pesquisa de nível qualitativa, do tipo exploratória e descritiva. Segundo Silva e Menezes (2000, p. 21), a pesquisa exploratória e descritiva visa “descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. Ela permite, em sua estrutura, o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados, tal como a entrevista e a observação sistemática.

A abordagem qualitativa tem como característica, conforme Alves (2007), fazer com que o pesquisador procure captar situações ou fenômenos em toda a sua extensão. “Trata de levantar possíveis variáveis existentes e na sua interação, o verdadeiro significado da questão (...). O pesquisador colhe informações, examina cada caso separadamente e tenta construir um quadro teórico geral” (ALVES, 2007, p. 58).

A pesquisa qualitativa ainda assume diferentes significados, no campo das Ciências Sociais. Compreende-se tal como “um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados” (MAANEN, 1979 p. 520). O autor citado ainda apresenta que este tipo de pesquisa tem, por objetivo, “traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social” e “trata de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação” (MAANEN, 1979 p. 521).

Assim, o estudo se pautou pelas técnicas de estudos bibliográficos e de estudos em campo, os quais o pesquisador entrevistou 39 (trinta e nove) pessoas idosas, dos gêneros masculino e feminino, obtendo resposta às inquietações relacionadas à contribuição do fazer turismo para a melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas e, da mesma forma, sobre a sua importância no cenário brasileiro e mundial. Considerou, como embasamento teórico, teses de estudiosos do turismo, com suas opiniões críticas, formulações sobre conceitos aqui tratados, a partir do turismo enquanto ciência.

Entre estes, merecem destaque, Fuster (1974), Arrillaga (1976), Rosenberg (1976), Labrador (1984), Cheli (1990), Steel (1990), Moesch (2002), Ignarra (2003), Santos Filho (2005), Barreto (2008, 2011), Cisne e Gastal (2010).

Mediante os estudos realizados, pôde-se delinear um roteiro semiestruturado de entrevista, com 20 questões (ver Apêndice I), no qual foi possível traçar um diagnóstico dos parâmetros intrinsecamente peculiares do turismo. Houve, nesse percurso, um envolvimento do conceito turismo com múltiplas variáveis, cujos segmentos mais evidentes foram: a viagem (a título de lazer); a promoção da saúde; o entretenimento; os negócios; as aventuras em áreas naturais e demais sistemas sociais que se destinam ao turismo. A pesquisa, assim, se constituiu por dados representados em formato de tabelas e gráficos, a fim de ilustrar e pensar criticamente a real situação pela qual perpassa as pessoas idosas no Distrito Federal brasileiro e no Brasil em sua totalidade.

Para melhor delinear a pesquisa, adotou-se como recorte espacial as Regiões Administrativas RA III – Taguatinga e RA IX – Ceilândia.

A análise dos dados foi feita de forma descritiva, onde inicialmente se descreveu o perfil dos entrevistados e, posteriormente, se apresenta a análise dos dados coletados, em relação a percepção dos entrevistados sobre o papel do turismo na qualidade de vida das pessoas idosas.

No primeiro capítulo do trabalho, assim, pode-se encontrar um breve histórico do turismo como fenômeno social, resgatando sua fase inicial, perpassando a era moderna e pontuando as questões sobre a fase contemporânea.

O segundo capítulo apresenta uma abordagem, não menos importante, sobre a atuação do Ministério do Turismo (MTur) e do Serviço Social do Comércio (SESC), a partir do público direcionado para a pesquisa (as pessoas idosas) e os feitos destes dois órgãos para a melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas e quais são as suas perspectivas futuras em prol dos mesmos. O pesquisador, por sua vez, não mediu esforços na busca de informações, e procurou confrontar a posição do Serviço Social do Comércio (SESC) e do Ministério do Turismo (MTur) para se chegar a uma conclusão do que é feito e poderá ser feito para que haja uma melhora factível na qualidade de vida das pessoas idosa, a partir do turismo.

O trabalho também faz menções ao Corona Vírus (Covid-19), que tem sido outro fator que contribuiu negativamente, nos últimos tempos, à qualidade de vida das pessoas idosas que, obrigatoriamente, força as pessoas idosas ao distanciamento social e ao recolhimento em suas respectivas residências.

A pesquisa, assim, procurou centrar seu foco no turismo, no lazer e no entretenimento, que são modalidades que, possivelmente, pode contribuir para a melhora da qualidade de vida das pessoas idosas. Entende-se, neste sentido, que o movimento turístico consegue, com muita desenvoltura, agregar segmentos variados da sociedade, envolvendo o social, o econômico e o ambiental, o que proporciona maior integração entre as pessoas idosas e o espaço natural, que, de certa forma, reflete diretamente ou indiretamente na qualidade de vida.

Por fim, no capítulo 3, é possível observar uma caracterização, por meio de gráficos e cálculos percentuais, do público entrevistado – pessoas idosas –, a qualidade de vida das pessoas idosas entrevistadas e a contribuição do turismo para a qualidade de vida destas pessoas idosas.

Diante das definições ora postas, fica demonstrado que a sabedoria popular tem coerência e relevância no cenário literário e teórico, apontando as controvérsias e confusões na definição de determinados conceitos. A partir da complexidade das categorias aqui analisadas (o turismo, o lazer e a qualidade de vida, por exemplo), surge o desafio de se pesquisar, de forma efetiva, para alcançar os objetivos propostos. Afirma-se, portanto, que este trabalho não é, e nem tem a pretensão de ser, definitivo. Fica em aberto a novas possibilidades, de que novos pesquisadores e estudantes interessados na temática podem continuar a pesquisa, propondo outros desafios.

1. BREVE HISTÓRICO DO TURISMO COMO FENÔMENO SOCIAL

1.1 O movimento do turismo a partir dos registros históricos da Antiguidade

Ao compreender o turismo como um complexo fenômeno sistêmico, que abarca os aspectos sociais, ambientais, econômicos, políticos e de infraestrutura da sociedade (MOESCH, 2002), faz-se necessário um apanhado histórico para estabelecer o movimento de construção teórica do turismo enquanto ciência até esta atual compreensão aqui apresentada.

Segundo Barreto (2008, p. 9), compreende-se que “a partir do momento em que começaram os estudos científicos do turismo, muitas definições têm sido dadas, tanto para o turismo quanto para os turistas”.

Ainda com base nos estudos de Barreto (2008), reconhece-se como a primeira definição de turismo, a de autoria do austríaco Hermann von Schuler zu Schattenhofen, que ocorreu em 1911. O autor descreve o turismo como “conceito que corresponde a todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado” (SCHATTENHOFEN *apud* BARRETO, 2008, p. 9).

Contudo, conforme salientado anteriormente, a literatura aponta uma variedade significativa de conceitos e definições. Segundo Barreto (2008), em 1929 surgiram as definições da chamada “Escola Berlinesa”, a partir de Fuster (1974, p. 24-28).

Barreto (2008) também registra que Roberto Glucksmann, define o turismo como sendo “um vencimento do espaço por pessoas que vão para um local no qual não tem residência fixa” (BARRETO, 2008, p. 9-10). Tendo sido esta definição refeita, aproximadamente, em 1939:

Quem interpreta o turismo como um problema de transporte, confunde este com o tráfego de turista. O turista começa onde o tráfego termina, no porto de turismo, no lugar de hospedagem. O tráfego de viajantes conduz ao turismo, porém não é turismo propriamente, nem sequer em parte. Turismo é a soma das relações existentes entre pessoas que se encontram temporariamente num lugar e os naturais desse local (GLUCKSMANN, 1939, *apud* BARRETO, 2008, p. 9-10).

Todavia, há registro recentes de definições do turismo por parte de De La Torre (1972), em que ele afirma de forma categórica que:

O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural (DE LA TORRE, 1972, p.19).

Conforme Fuster (1974):

Turismo é de um lado, o conjunto de turistas, do outro, os fenômenos e as relações que esta massa produz em consequência de suas viagens. Turismo é todo o equipamento receptivo de hotéis, agências de viagens, transportes, espetáculos, guias-intérpretes que o núcleo deve habilitar para atender às correntes (...) Turismo é o conjunto das organizações privadas ou públicas que surgem para fomentar a infraestrutura e a expansão do núcleo, as campanhas de propaganda (...) também são os efeitos negativos ou positivos que se produzem nas populações receptoras (FUSTER, 1974, apud BARRETO, 2008, p. 11-12).

Já para Arrillaga (1976), “o turismo é o conjunto de deslocamentos voluntários e temporais determinados por causa alheias ao lucro, conjunto de bens, serviços e organização que determinam e tornam possíveis estes deslocamentos e as relações e fatos que entre aqueles e os viajantes têm lugar” (ARRILLAGA, 1976 p. 25).

Embora tenhamos uma variedade de conceitos no tocante ao turismo, vale destacar algumas outras definições importantes para o planejamento da prática. Do ponto de vista formal, a Organização Mundial do Turismo (OMT) apresenta o turismo como: “as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras” (OMT, 1994).

Moesch (2002) evidencia que o turismo, na sua abordagem social, pode ser definido como:

O turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico (MOESCH, 2002, p. 9).

Assim, entende-se que a literatura aponta diversas interpretações para o que se denomina turismo e sua origem.

Ao tentar compreender as origens históricas do turismo, encontra-se em alguns autores que o turismo se deu, originariamente, na antiga Grécia, entre os Fenícios; na antiga Roma ou supostamente há milhões de anos no pretérito, como nos apresenta

Barreto (2008, p. 44). Outros autores situam o início do turismo no século VIII a.C., na Grécia antiga, período em que as pessoas se deslocavam de suas residências para participar ou prestigiar os jogos olímpicos. Fato que ocorria de quatro em quatro anos, segundo De La Torre (1972, p. 12).

Todavia, pode-se identificar algumas controvérsias sobre esse contexto histórico. Alguns autores afirmam terem sido os Fenícios os primeiros postulantes a essa façanha, como já apresentado, pelo fato de terem sido eles os inventores da moeda, que movimentou o comércio na época. McIntosh (1972, p. 09), ao aprofundar nos estudos teóricos, visando a busca de novos dados, retrata a probabilidade de que novas descobertas são passíveis de acontecerem. Com essa iniciativa, abre-se novos canais, possibilitando avançar no campo do turismo como ciência, trazendo um certo conforto e rigor científico em relação a essa inquietação, alimentada por todos os estudiosos do turismo.

Não obstante, a busca em outras culturas além das já pesquisadas, possibilita - aos pesquisadores, chegar a informações com maior precisão. O universo à disposição da ciência para a realização de tais pesquisas, são inúmeras e férteis. Há rumores de que, por meio da arqueologia, andarilhos que habitavam as cavernas de Mas-d'Azil, localizada nos Pirineus franceses, se deslocavam em direção ao mar e regressavam. Isso, há 13 milhões de anos, na visão dos estudiosos do turismo, poderia ser um prenúncio de iniciação da prática do turismo, embora de forma muito rudimentar (LEAKEY, 1985, apud BARRETO, 2008, p. 44).

Por outra parte, leva-se em conta, as viagens realizadas pelos romanos que supostamente seriam o início do turismo, muito embora, não houvesse convicção de que se poderia considerar o ato como turismo. Este movimento pode ter características de um viés de comercialização e de satisfação provocado por viagens realizadas com fins comerciais e não de lazer (BARRETO, 2008, p. 44).

Barreto (2008) ainda registra que o Império Romano teve a iniciativa de abrir estradas em escala com estes fins (as viagens comerciais). Isso torna-se crucial para facilitar a vida das pessoas em viajar. Esse progresso deu-se entre o século II a.C. e o século II d.C., com maior desenvoltura na Europa do século XVIII, da qual Roma estava inserida e ativa, provocando a saída de uma multidão de pessoas para as zonas rurais, em direção aos oceanos, águas termais, templos religiosos e as comemorações festivas ocorridas na época (BARRETO, 2008, p. 44).

Com base nestes registros, Barreto (2008, p. 44) aponta que os Romanos foram pioneiros nestas viagens, movidos pela satisfação e curiosidade em conhecer as gravuras da pré-história, dentre as quais: mapas, placas, vasos, azulejos e outras coisas mais, que servem como fontes de registro destas ações históricas. Outra particularidade, entre os romanos, eram os seus interesses pelas praias e também pelos “spas”, motivo que os levavam ao contentamento de viajar para estas áreas. Há registros na literatura que mostram uma das praias chamada Baias, que ficava próximo da atual Nápoles e do porto imperial, considerados resorts das estações de inverno e verão.

Na medida que o Império Romano desapareceu, houve uma baixa significativa de frequência por parte dos visitantes, tendo provocado uma queda de arrecadação no comércio e do número de viagens por parte dos turistas, com intuito de prazer e contemplação. Com isso, essas áreas sofreram uma queda das atividades comerciais e falência econômica local. As consequências foram a deterioração das estradas e, por fim, a total destruição de algumas delas (BARRETO, 2008, p. 45).

Conforme Cisne e Gastal (2010):

O Turismo pré-histórico compreenderia do período Medieval ao início do século XVII, momento em que os primeiros sinais de crescimento industrial começaram a exercer influência nos modos de vida. Os autores destacam fatores que teriam estimulado o interesse por visitar outras localidades, como o aumento gradual da riqueza, a extensão das classes de comerciantes e profissionais, os efeitos da Reforma Protestante e a secularização da educação, levando à inclusão da viagem como parte do processo educacional de formação do indivíduo (CISNE & GASTAL, 2010, p. 9).

Entende-se, portanto, que o turismo - supostamente - tem suas origens, ainda na pré-história. Quando os homens das cavernas se deslocavam em busca da caça para se alimentar e sobreviver diante das adversidades que lhe eram impostas ao longo de suas vidas. Isso consta dos registros antropológicos das respectivas literaturas, tal como os registros de De La Torre (1972).

Conforme Ignarra (2003), pode-se compreender que:

O fenômeno turístico está relacionado com as viagens, a visita a um local diverso do da residência das pessoas. Assim, em termos históricos, ele teve início quando o homem deixou de ser sedentário e passou a viajar, principalmente motivado pela necessidade de comércio com outros povos. É aceitável, portanto, admitir que o turismo de negócios antecedeu o de lazer. (...) Era também econômica a motivação para grandes viagens exploratórias dos povos antigos, que buscavam conhecer novas terras para sua ocupação

e posterior exploração. Dessa maneira, o turismo de aventura data de milênios antes de Cristo (IGNARRA, 2003 p. 02).

Na ausência de registros precisos, datando o início do que hoje se denomina de turismo, muitas perguntas ficam sem respostas, prevalecendo algumas hipóteses da real origem do turismo. Dentre todas estas contradições, aos fatos ocorridos no período da pré-história, há uma característica marcante desta época. Uma parte da sociedade era constituída de homens livres, e a outra de mão de obra escrava. Diferentemente das relações que ocorrem hoje na sociedade.

Curiosamente, imagina-se que as pessoas envolvidas nestes processos econômico-sociais, estavam imbuídas e motivadas de interesses similares, com o mesmo propósito que, atualmente, denomina-se de “turismo de entretenimento” (BARRETO, 2011, p. 45).

Segundo Barreto (2011, p. 45), “no século XV ainda há notícias de que em Baden-Baden havia multidões de visitantes, motivados pelos ‘costumes licenciosos entre homens e mulheres’ que aconteciam nos banhos”. Assim, foi no século XV que uma nova modalidade de viagens passou a ocorrer. Foram as chamadas “viagens transoceânicas”, que também contribuíram para novas descobertas, cujas figuras que se destacaram foram os espanhóis e portugueses. O que de certa forma despertou curiosidade nas pessoas. Motivando as pessoas que detinham poder aquisitivo para satisfazer suas necessidades e curiosidades, por meio da busca de uma nova modalidade de prazer (BARRETO, 2011, p. 46).

Entretanto, faz-se necessário distinguir “viagem” de outro tipo de “deslocamento”. Entende-se o deslocamento, a partir da compreensão da necessidade, aqui referenciando os seres humanos da antiguidade que se deslocavam em busca de melhoria de vida, a fim de impactar a qualidade de vidas do sujeito e sua família, com o básico para a subsistência. Estes, tinham a seu favor as matas, as árvores frutíferas e os rios que lhes rendiam o alimento para saciar a fome (BARRETO, 2011). Portanto, não significa viajar. O ato de viajar se consuma quando há a ida e a volta ao local de origem.

O movimento destes homens primitivos - que permaneciam nos lugares, na medida que estes lugares lhes proporcionassem alimentos para a sua sobrevivência - não representa a viagem turística, pois não havia (por parte destes andarilhos) uma determinação de retornar aos seus locais de origem. Prova é que, segundo Barreto

(2011, p. 51), inúmeras pessoas durante séculos perambulavam pelos territórios de forma nômade. Fato este que nada tem a ver com viagens, propriamente dito ou mesmo turismo.

1.2 O movimento do turismo a partir da Revolução Industrial e os avanços tecnológicos da Modernidade

A maneira como surgiu o turismo para o mundo não tem paralelo ao que hoje conhecemos sobre essa prática. Nem tampouco foi um acontecimento isolado. O turismo se apresentou com um viés atrelado à produção e ao desenvolvimento da tecnologia, a partir da revolução industrial, no século XVIII.

A produção representa e tem seu foco no poder econômico, pois, por sua vez, incentiva e decide quem pode e deve viajar. De outra parte, o aparato tecnológico direciona o como fazê-lo. Segundo Barreto (2008, p. 51), “no século XIX, após o advento da Revolução Industrial começaram as primeiras viagens organizadas com a intervenção de um agente de viagens. E é esse o começo do turismo moderno”.

No entanto, a autora apresenta que em 1830, na Inglaterra, a ferrovia Liverpool-Manchester foi a pioneira em se preocupar com o avanço das viagens e com o bem-estar dos usuários, em detrimento da carga. Dava-se início, então, o período da ferrovia, que foi crucial para o progresso do turismo.

Transcorrido esse período, em 1841, surgiu o comerciante de bíblias. Um empreendedor nato de nome Thomas Cook. Este cidadão percorreu 15 milhas com o propósito de localizar uma liga, envolvida pelo trabalho social, que visava resgatar pessoas do vício do álcool, na cidade de Leicester. Este encontro se daria em Loughborough, cidade localizada na região centro-leste da Inglaterra.

Durante o percurso, palpitou em Cook a ideia de adquirir um trem, a partir de seu impulso empreendedor, mesmo que alugado, para transportar pessoas conhecidas. Com esse propósito, ele conseguiu reunir 570 pessoas e com o seu talento de vendedor e bom negociante adquiriu e repassou bilhetes para essas 570 pessoas. Nascia ali a primeira iniciativa de um agenciador de turismo, que hoje se conhece como guia de turismo.

Não satisfeito com o êxito de sua primeira viagem, em 1846, Cook protagonizou a sua segunda viagem e, desta vez, o percurso foi de Londres a Glasgow (Escócia). O número de turistas para este percurso soma um total de 800 pessoas,

aproximadamente. Graças a sua perspicácia, utilizando-se da prestação de serviços de acompanhantes turísticos, naquele momento configurou-se o pontapé inicial do turismo coletivo. Evento que nos dias de hoje é reconhecido como *all inclusive tour*, *package* ou seja, em uma tradução para o português como “pacote” (BARRETO, 2008, p. 51).

Thomas Cook é, reconhecidamente, uma das muitas importantes pessoas que contribuíram para a evolução do turismo, em razão de seus feitos. Segundo Santos Filho (2005):

(...) o personagem histórico Thomas Cook só se tornou conhecido e considerado pelas literaturas inglesa e mundial quando foi resgatado por meio de estudos sobre o fenômeno turístico, os quais começaram a ser objeto de interesse do capitalismo e de centros de pesquisa. Por esse motivo, como mencionamos anteriormente, os grandes historiadores ingleses (conhecidos mundialmente) em nenhum momento o citam. A omissão pode ajudar a comprovar que o mesmo desempenhou na história da nação inglesa, um papel de pouco destaque para o conjunto das modificações estruturais que estavam ocorrendo na época (SANTOS FILHO, 2005, p. 74).

Com essa façanha, Thomas Cook naturalmente tornou-se uma figura conhecida no mundo dos negócios. Tendo criado uma marca no ramo de viagens. Mas nem por isso, detinha o monopólio dos negócios relacionados a viagens.

O diferencial do Cook lhe assegurou credibilidade. Foi a sua astúcia em oferecer um pacote fechado no período de férias, às pessoas interessadas em conhecer a destacada feira industrial de Londres de 1851, que proporcionou a ele ter transportado 165 mil turistas de Yorkshire (1856) e obteve a façanha de transportar um contingente de turistas à Europa continental.

A determinação do Cook e com seu espírito empreendedor, não media esforços. Em 1865 ele preparava reservas para acomodar os turistas em hotéis e criou um roteiro que batizou de “Conselhos de Cook para excursionistas e turistas”.

Quando foi no ano de 1866, Cook protagonizou sua primeira excursão (*tour*) para os Estados Unidos da América. Não satisfeito com as acomodações disponibilizadas aos seus turistas, em 1867, criou o *voucher* hoteleiro. Em 1869, pela primeira vez, realizou a façanha de conduzir um grupo de turistas ao Egito e à Terra Santa (Palestina).

Em 1872 conduziu uma equipe de turistas a realizar o desejo de dar uma volta ao mundo, acontecimento que durou 222 dias de muita história, contemplação e

confraternização. Com todas essas criatividades e façanhas, Cook estabeleceu o início do turismo na tão propagada era industrial - com viés exclusivamente comercial.

No tocante ao aspecto social, ele protagonizou um significativo progresso. Haja visto que a sua metodologia facilitou as pessoas a viajarem, tendo em vista que as coisas se tornaram mais acessíveis para as pessoas de menor poder aquisitivo da população (BARRETO, 2008, p. 51).

O turismo propriamente dito, segundo Barreto (2008), deu-se no século XVII na Inglaterra. Foi uma conotação encontrada na época para dar a definição às viagens feitas, até então, por pessoas com *status* social e grande poder aquisitivo.

Consta em Barreto (2008) que a origem da palavra *tour* é francesa, usada como uma forma de exaltar as classes nobres e privilegiadas. Este uso decorreu durante o período em que a Inglaterra esteve sob o domínio dos franceses, período que corresponde entre o século X ao XIV. Durante este período houve uma predominância do idioma francês em território inglês. O que fez com que a prática da escrita e da fala do idioma estrangeiro, provocasse a quase extinção da língua materna, em razão do pouco uso nas escolas. “A palavra *tour* quer dizer volta e tem seu equivalente no Inglês *turn*, e no latim *tornare*” (BARRETO, 2008, p. 43).

Segundo Barreto (2008, p. 43), o pesquisador suíço Arthur Haulot, acredita que a origem da palavra está no hebraico *Tur* que aparece na Bíblia com o significado de “viagem de reconhecimento”. Em razão dos constantes deslocamentos de pessoas nômades, ainda na pré-história (como já observado), infere-se que esse procedimento de ida (destino) e volta (origem), seria uma espécie de turismo, o que, segundo Barreto (2008), diferenciaria a viagem de turismo. O turismo, conforme a autora, inclui a viagem apenas como uma parte, havendo muitas viagens que não são de turismo (BARRETO, 2011, p. 13).

Barreto (2011), também cita exemplos de viagens de negócios; viagens de estudos; viagens para visitar parentes em ocasiões especiais (como doença ou morte), exemplos que podem ser mais que um prazer ou compromisso social. Portanto, entende-se que a viagem não é a mesma coisa que turismo, como observaremos no decorrer do trabalho.

Se, por uma parte, a Geografia é responsável por trazer à tona as culturas do mundo à luz do conhecimento, conforme assegura algumas teorias expressas por Barreto (2011), por outro lado, a História descreve com primazia, todos os

acontecimentos ocorridos pelo mundo afora, com base na literatura existente. Com o turismo não seria diferente. A História, complementa Barreto (2011), aponta e descreve o turismo desde suas origens, desde a modernidade até a contemporaneidade. O protagonismo principal, nesta fase moderna, sempre foi da Inglaterra, onde se originou o conceito de *tour* (mesmo diante da precariedade na área de comunicação existente na época).

Segundo Barreto (2011), foi no século XVI que se iniciou - com maior intensidade - as viagens informais. Alega-se que na ocasião, os meios de comunicação eram inexistentes. O que prevalecia era a parte escrita, sendo que livros eram coisa rara, para quem tinha a pretensão de conhecer outras culturas, outros povos, novos idiomas. Essas informações só eram obtidas através das viagens - privilégio voltado às pessoas de maior poder aquisitivo.

As primeiras viagens de turismo, propriamente dito, de acordo com Barreto (2011), encontravam-se equidistantes do que temos hoje em dia. Com o passar dos anos, as coisas foram evoluindo rumo à modernidade e se adaptando às necessidades presentes. Um marco referencial do turismo moderno, ocorreu exatamente na revolução industrial na Inglaterra, com características economicistas voltadas à produção.

Foi um período denominado pelos estudiosos do turismo como “barroca”. O seu perfil era mais voltado às pessoas jovens, estudantes, em companhia de seus respectivos professores, que recebiam para acompanhá-los. Na essência da palavra, não se caracterizava como um turismo em si, mas tinha um viés voltado a um *tour*, que proporcionaria viagens de ida e volta, com segmentos de uma classe privilegiada denominada de elite social.

Era um acontecimento muito masculinizado, conforme Barreto (2011, p. 47), pois havia um certo preconceito com relação às mulheres nessas atividades. A sociedade criava barreiras, dificultando as mulheres de se aventurarem nessas viagens, que no entender da época: “viajar desacompanhada dos pais, não era coisa de mulher”.

Para Barreto (2011), o pensamento da época, consistia em proporcionar aos rapazes conhecimento do mundo, fora de seus países de origem. Sendo que, futuramente, se formariam e viriam a ocupar cargos em altos escalões. Tanto na rede privada, quanto pública, ou mesmo nas carreiras militares. Mediante as suas

experiências, suas respectivas formações, posturas éticas e até servirem numa suposta guerra, em que seus países viessem a se envolver.

A formação dos jovens era de tamanho rigor, que um grande número dos excursionistas, morriam em duelos travados com espadas em defesa da honra. Haja visto, que naquela época a formação dos jovens era levada ao extremo da severidade. O que levou inúmeras mentes brilhantes, a pagarem com a própria vida em defesa da honra.

Barreto (2011, p. 48) ainda enfatiza que os Ingleses raramente se deslocavam para a Espanha. Em razão de se encontrar sob o domínio da inquisição, tinha uma reputação muito ruim entre os ingleses. A Espanha, por causa da Inquisição e sua legião, era conhecida como "besta negra europeia", sendo que os mesmos circulavam pelos lugares pouco íngremes da Alemanha, Itália, França e pelos países baixos. Por sua vez, há registros de que os alemães iniciaram viagens com maior constância.

O entretenimento, segundo Barreto (2011 p. 48), a priori, não tinha como objetivo elevar o astral das pessoas, muito menos a parte artística. Seu propósito era voltado para a aventura. Havia uma necessidade de que os responsáveis pelos jovens lhes fizessem companhia e, de preferência, quem tivessem fluência no idioma do local de destino, para os quais iriam visitar.

Um dos pré-requisitos era que já tivesse visitado o país anteriormente, para facilitar a transmissão de informações da cultura local aos visitantes. Dentre a comitiva de visitantes, existiu um de nome Richard Lassets, que escreveu um livro, publicado em 1679, onde fez o registro do desenrolar daquelas viagens (BARRETO, 2011 p. 48).

No tocante à economia, houve um progresso muito significativo no século XVI. Foi quando se inaugurou o primeiro hotel do mundo, o Weka Et-Al-Ghury, no Cairo (Egito), visando a acomodação dos comerciantes, dentre os quais se intensificou a presença dos italianos.

Foi quando também surgiram os primeiros meios de transportes, tendo as carruagens - que se apresentavam com maior fidalguia - como acomodação dos viajantes. Contemplou-se também viagens de entretenimento e lazer neste mesmo período, surgindo a oferta de 12 *spas*, que passaram a fazer parte do atendimento às pessoas de pouco destaque social e enfermas, assistidas por programas de lazer e entretenimento da época.

Não obstante, havia um grupo de pessoas egocêntricas que fazia usos dessas viagens com o objetivo de exaltação e fidalguia, dentre as quais faziam travessias em carruagem ao Monte Gotardo (Alpes Suíços).

Já no século XVII, ocorreu um progresso significativo no tocante ao transporte. Foi quando surgiu a belina, que se deslocava com maior velocidade e possuía duas poltronas e era eficiente. Todavia a prestação de serviços ocorria com pouca frequência, de forma primária e morosa, se deslocavam a 4 milhas por hora. As linhas iniciais tinham seus percursos de Frankfurt a Paris e de Londres a Oxford, sendo que cada deslocamento durava seis dias, sendo, portanto, lentas. (BARRETO, 2011 p. 48).

Muitos fatores contribuíram para o crescimento dos meios de transportes e por consequência do turismo. A demanda por serviços postal, fez com que os serviços fossem agilizados. No ano de 1784, John Palmer implantou o sistema de diligência voltada ao sistema de transportes ágil de correspondência e, agregou o processo de prestação de serviço postal com o de transportar pessoas.

Havia na época um entendimento, segundo Barreto (2011), que todo homem deveria ter acesso ao conhecimento e lhe ser proporcionado a conhecer o berço da civilização greco-romana; o Mediterrâneo no continente europeu. Por sua vez, a sociedade alemã acalentava uma certa preocupação cultural significativa.

No decorrer de suas viagens, os alemães eram muito aplicados na leitura, e se dedicam a saber tudo que ocorria em volta do mundo. Goethe, um dramaturgo alemão, dedicou 10 anos só na preparação de sua viagem na busca do conhecimento, do lazer e do entretenimento.

Por outro lado, muitas discussões transcorreram entre os filósofos com opiniões divergentes. Sendo que alguns afirmavam que o ato de viajar não contribuía para a educação. Pelo contrário, impregnava as pessoas de vícios. Já os favoráveis argumentavam que apenas os institutos educacionais isoladamente, não seriam capazes de oferecer pedagogicamente um resultado prático culturalmente do que ocorre na humanidade.

Diante dessas discussões, Lord Shaftesbury, teve a percepção da importância econômica e social do turismo. E desde então, passou a incentivar os jovens a conhecer os países europeus (em particular na Inglaterra, região onde se desenvolvia fervorosamente a industrialização). Assim, havia um comércio pulsante em que era

de fundamental importância visitá-lo, com propósito de conhecer e ampliar os seus aprendizados.

Porém, nem tudo era uma maravilha, essa foi a época dos maiores assaltantes de caminhos. No final do século, porém, a Europa pacificou-se e, com mais segurança, as mulheres começaram a viajar acompanhadas de seus respectivos maridos.

Nessa época os turistas, para se acomodarem, usavam habitações privadas, ou locavam pousadas que atendiam também a comodidade dos cavalos, como estada de descanso por período de algumas horas. Quando foi em 1774, David Low iniciou suas atividades colocando em prática seu hotel voltado a família, na cidade de Covent Garden, na Inglaterra.

Uma particularidade que marcou o século XVIII foi o chamado "turismo romântico". Neste período, as pessoas assimilaram novas modalidades de turismo, que consistia em gostar de ar, montanhas e natureza. No período anterior ao romantismo turístico, as pessoas não voltavam seus olhares para os Alpes atentando para as suas exuberâncias naturais.

Havia, portanto, uma negativa, onde a contemplação a natureza era de certa forma ignorada, descartada e taxada de coisa feia. Com o passar dos anos, a Suíça sofreu uma transformação repentina, tendo sido reconhecida por parte dos visitantes. O número de turistas teve um aumento significativo. Outro fator que contribuiu também para a atração de turistas foi a iniciativa criativa dos irmãos Luna, o de introduzir os patins para a prática esportiva no país (BARRETO, 2011, p. 50).

Há muitas passagens que marcaram o turismo na idade moderna, como cita Barreto (2011), uma delas é o término do século XVIII e durante o período do século XIX. Este período ficou marcado por uma nova curiosidade que motivaram as pessoas ao lazer para o descanso e admirar a beleza da natureza por si só.

Essa maior interação com a natureza. Fez com que mais pessoas aderissem a este estilo de vida. O lado negativo, foi a degradação da própria natureza, que teve reflexo direto na qualidade de vida do homem nas grandes metrópoles, e locais de grande concentração de pessoas, como fábricas e indústrias.

Ficou demonstrado através da literatura, que no século XIX, o homem tinha um olhar voltado para a natureza de forma desafiadora. Na concepção do homem a natureza era como se fosse o desconhecido que necessitava ser desbravado.

Com o processo da industrialização, deu-se início a uma nova perspectiva e conscientização do homem. Em que ele imaginou que todo aquele patrimônio deveria ser preservado para que ele e as novas gerações pudessem desfrutá-la. (BARRETO, 2011, p. 51).

Esses acontecimentos perduraram durante mais de um século, e era quase que uma exclusividade de pessoas que se lançavam em uma espécie de aventuras, e também era como se houvesse uma reserva destinada às classes com maior poder aquisitivo. Situação que se alterou somente a partir de 1936 e 1937, período em que projetos de lei europeus (que tratavam especificamente dos direitos do trabalhador no tocante a férias) foram aprovados. Esta vitória dos trabalhadores, teve uma relevância muito significativa para o movimento de lazer e descanso. Estabeleceu-se, naquele momento, uma conquista social considerável (LABRADOR, 1984, p. 39).

Portanto, o turismo trilhou um caminho onde a história registra avanços a partir do século XIX e nos últimos trinta anos do século XX, procurou divulgar as viagens, principalmente, para as camadas mais jovens, sem deixar de lado a classe trabalhadora (cujos protagonistas foram as associações de classe ligadas ao turismo e agremiações esportivas). Uniram-se a estas forças o Estado, bem como os sindicatos de empresas voltados ao turismo e demais similares.

Houve no transcorrer dessas últimas três décadas (do século XX) uma mobilização significativa por parte das associações envolvidas no processo com intuito de alavancar o turismo. Entre elas podemos citar a Associações dos Amigos da Natureza, que tinha como objetivo o amor à defesa da natureza.

Considerável registrar que a União Internacional foi fundada em 1895, em Viena - capital da Áustria -, contribuindo para a instalação de Albergues da Juventude (egressos na Alemanha em 1909), expandido também para a França, chegando até a Inglaterra, em 1929, e se espalhado pelo mundo afora.

Youth Hostel Association (YHA), cuja fundação ocorreu em 1930 na Inglaterra e no País de Gales simultaneamente, tinha como propósito oferecer à juventude (particularmente os mais vulneráveis) oportunidades de lazer e entretenimento. Assim, prevalecia, acima de tudo, a fraternidade amorosa em seus encontros, onde quer que ele acontecesse. Para isso, foi criada uma rede de *campi* de acomodação que oferecesse a melhor acomodação possível a esses grupos de jovens.

Muitas outras associações fizeram parte desse esforço coletivo, objetivando consolidar um ideal de bem comum, em que todos pudessem usufruir das benesses e oportunidades, que todos esperavam, através do turismo.

A *Young Men Christian Association* (YMCA), fundada em 1644, e a *Young Women's Christian Association* (YWCA), de 1655, também foram reconhecidas neste processo por terem como metas: oferecer alojamentos a seus associados e alcançar outros objetivos que pudessem agregar valor à qualidade de vida de seus afiliados. Também fizeram parte desse grupo o escotismo, fundado em 1908, que sua prioridade era o cuidado com a vida das pessoas acampadas, para que pudessem haver o progresso pessoal, motivando-as a criatividade para que as pessoas se sentissem seguras em seus projetos.

Todo este movimento organizacional começou pela Itália, em 1925, seguido pela Alemanha, em 1933, onde graças às mobilizações das forças organizadas de classes (como sindicatos e associações de trabalhadores), juntas, obtiveram as conquistas no tocante ao social (ROSEMBERG, 1976, p. 67).

A Alemanha a partir de 1933 e a Itália desde 1925 criaram duas grandes organizações que entre outras ocupações, valeram-se do turismo para instigar o ímpeto patriótico de seus cidadãos. As organizações estatais *Kraft durch Freude* Força pela Alegria na Alemanha e a *Opera Nazionale Dopolavoro* na Itália aliaram turismo e esporte com os objetivos de formação militar dos jovens e de exaltação nacional.

Nesse processo adotado pelos países envolvidos na melhoria da qualidade de vida de seus trabalhadores, a União Soviética (URSS), em 1933, conseguiu a façanha de proporcionar um ganho superior a 1,2 milhão de benefícios distribuídos entre os operários da ativa que se encontravam em férias.

Há registros de que a Áustria faz parte dos países que foram pioneiros em se preocupar com o turismo, por volta do século XIX, exatamente em 1936. O governo austríaco criou o *Neues Leben* (Nova Vida), uma associação incumbida de organizar o lazer e o entretenimento, em benefício dos trabalhadores, juntamente com seus familiares. Além disso, também determinou a criação de uma reserva econômica destinada às férias dos trabalhadores. Com a unificação do território austríaco, por parte da Alemanha, a *Neues Leben* acabou sendo trocada pela *Kraft durch Freude*.

O movimento sindical da França, teve um papel fundamental no progresso do turismo social. O *Tourisme Vacances pour Tous* (Turismo-Férias) a todas as pessoas,

surgiu graças a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) e de lideranças sindicais daquela região na década de trinta, com o compromisso de contemplar o turismo das famílias.

Segundo, Rosenberg (1976, p. 67), O Papa Paulo VI, em 1964, qualificou o turismo como o "acontecimento social mais importante do século". Em 1970, foi por ele criada a "Comissão Pontifícia para as migrações e o turismo", sob a tutela da Congregação dos Bispos.

Na medida que o movimento foi tomando corpo, vários outros segmentos começaram a se incorporar às reivindicações e conquistas dos trabalhadores. Dentre os quais, no campo religioso, com a iniciativa do Papa Paulo VI em 1970, o qual criou a "Comissão Pontifícia para as migrações e o turismo", seguido do Papa João Paulo II que, em 1988, tomou a iniciativa de formalizar o Conselho Pontifícia em um setor a ser cuidado em definitivo pela pastoral do turismo.

Segundo Cheli:

Em 1988, o Papa João Paulo II, que transformou em Conselho Pontifical com um departamento destinado a pastoral do turismo. Para a Igreja, o turismo concorre para a construção de um mundo pacífico enquanto que o turismo social, adicionalmente, é "uma busca de justiça social, uma prática de convivência, uma procura de unidade, uma arte de dar e acolher. (CHELI, 1990, p. 82-84).

Com base nesses avanços, é possível compreender que foi na modernidade que o turismo avançou teoricamente, enquanto ciência, vislumbrando a adequação econômica, ambiental e social. Portanto, concorda-se que todo esse movimento:

(...) conduziu à obtenção por parte dos trabalhadores de férias anuais pagas, o que se traduziu ao mesmo tempo no reconhecimento de um direito fundamental do ser humano ao repouso e ao lazer. Ele tomou-se em um fator de equilíbrio social, de conhecimento mútuo dos homens e dos povos e da elevação do indivíduo. Ele tem conquistado, além de suas dimensões quantitativas bem conhecidas, uma dimensão cultural e moral que convém favorecer e proteger contra as distorções negativas devidas a fatores econômicos. Os poderes públicos e os operadores técnicos deveriam participar no desenvolvimento do turismo formulando linhas diretrizes visando a encorajar os investimentos apropriados (...) (ROSENBERG, 1976, p. 73).

Com isso, os avanços do turismo nas camadas sociais, tornaram-se uma realidade. Na medida em que se passou a valorizar mais os trabalhadores, proporcionando-lhes melhor qualidade de vida. Não somente aos trabalhadores, bem como seus familiares.

Com o turismo, o lazer e o entretenimento, compartilhando momentos de prazer em família, em seus períodos de férias (conquistas essas feitas com muita luta) foram cruciais para consolidar a realização e satisfação dos operários em todos os segmentos do trabalho. Aos trabalhadores, que com a força de sua mão de obra, foram responsáveis pelo progresso vital da economia, do meio ambiente e do aspecto social em sua totalidade. São valores constituídos que concedem:

O direito à utilização do lazer e em particular do acesso às férias e à liberdade de viagem e do turismo, consequência natural do direito ao trabalho, são reconhecidos como elementos de realização do ser humano pela Declaração universal dos direitos do homem, bem como pela legislação de inúmeros Estados. Ele resulta para a sociedade no dever de criar para o conjunto dos cidadãos as melhores condições práticas de acesso efetivo e sem discriminação a este tipo de atividade. Um tal esforço deve ser concebido em harmonia com as prioridades, instituições e tradições de cada país em particular (ROSENBERG, 1976, p. 73).

Nesses contextos, se inserem as viagens, que são análogas à própria antiguidade. Segundo Rosenberg (1976), até o século XIX, havia um reduzido grupo de pessoas que realizavam essas aventuras. Eram os chamados peregrinos, comerciantes, jovens estudantes e uma minoria privilegiada de artistas.

As motivações maiores desse turismo eram a contemplação, o lazer, o entretenimento e o prazer em satisfazer o ego de cada um dos viajantes. Além, de um determinado grupo de comerciantes que tinha como objetivo ganhar dinheiro.

Fora desse grupo privilegiado, raros eram os que se aventuravam a se deslocar e arriscarem em transportes com uma precariedade indesejável. A falta de segurança adequada e os meios de hospedagem que deixavam a desejar. Somente nos idos do ano de 1800 que o turismo teve um impulso relevante, quando o termo “turista” veio à tona, tendo surgido na Inglaterra em razão do “Grand Tour”. Evento impulsionado pela juventude aristocrata, que detinha poder aquisitivo, proveniente de seus pais que os patrocinavam e motivavam a realizar o glamour da época (ROSENBERG, 1976, p. 73).

Ao longo do século, conforme Labrador (1984), o turismo tornou-se o sonho de consumo de uma classe social privilegiada, e de um grupo de pessoas que se aventuravam a conhecer o mundo favorecido pelo turismo. Somente a partir de 1936 e 1937, ao se aprovar novas legislações trabalhistas europeias, que foi possível socializar o turismo, com maior abrangência em camadas populares e de menor poder aquisitivo.

Esse processo foi crucial para contemplar os trabalhadores, embora na época não tenha tido a relevância e importância do que aquelas mudanças representavam. Entende-se, portanto, que, a partir daquele momento, deu-se início ao que hoje se considera como turismo social.

Os sindicatos de classe, associações do turismo e modalidades esportivas, juntas, tiveram a iniciativa de prospectar as viagens como sendo algo desejável e necessário. Contudo, a história do turismo registra uma série de iniciativas que a partir do século XIX e ao longo das três primeiras décadas do século XX, buscaram a popularização das viagens especialmente entre os jovens e os trabalhadores. “Estas iniciativas partiram tanto de associações turísticas e esportivas, quanto do Estado, de sindicatos de empresas e outros” (LABRADOR, 1984, p. 39).

O transcorrer do turismo social, evidencia situações que traz para o campo da discussão um caráter humanista que, segundo Paher (1988, p. 31), pode ser entendido como "a interação entre BITS e a Organização Mundial de Turismo", fazendo com que esta última adotasse na Declaração de Manila, em 1980.

Nesse contexto, o continente europeu, sem sombra de dúvida, figura como o centro protagonista em expertise, no tocante ao turismo social, a nível global. Nas últimas décadas, Portugal, Espanha, Alemanha, Itália, Áustria, Holanda e Dinamarca não têm medido esforços, objetivando alavancar um turismo de forma totalitária e igualitária.

No decorrer dos processos socioeconômico e da cultura global, que são solidárias com grupos sociais, bem como entidades com ligação ao turismo social, são passíveis, portanto, de se considerar que, atualmente, as estruturas do turismo social têm tido uma especificidade de qualidade comparável ao segmento do turismo global (STEEL, 1990, p. 43).

Com base no transcorrer histórico do turismo, desde a pré-história até a idade moderna e contemporânea, suscita-nos uma pergunta: qual é o grau impactante provocado pelo turismo no ciclo de vida das pessoas idosas do Brasil?

A proposta desta pesquisa, a partir de estudos preliminares feitos em campo, bem como bibliográficos, tentará responder de forma convincente a essa indagação.

2. AS CONQUISTAS SOCIAIS PARA A QUALIDADE DE VIDA DAS PESSOAS IDOSAS

O Ministério do Turismo (MTur), juntamente com o Serviço Social do Comércio (SESC), tem estabelecido uma política de turismo voltada às pessoas idosas de um modo geral. Todavia, ações ainda muito tímidas e passíveis de melhora na qualidade de prestação de serviços aos idosos. Haja visto, que programas instituídos pelo MTur, como o “Viaja Mais Melhor Idade”, foram desativados pela Portaria nº 207, de 8 de setembro de 2016.

O MINISTRO DE ESTADO DO TURISMO, interino, no uso das atribuições que lhe confere o Parágrafo único, incisos II e IV, do art. 87, da Constituição, R E S O L V E:

Art. 1º Fica revogada a Portaria GM/MTur nº 228, de 3 de setembro de 2013, que instituiu o Programa Viaja Mais, o Projeto Viaja Mais Melhor Idade e dá outras providências.

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação (BRASIL, 2016).

Esta atitude contribuiu, significativamente, para o deterioramento do turismo voltado às pessoas idosas. Tendo em vista, que havia incentivo, tanto financeiro quanto benefícios fiscais, que favoreciam e motivavam as pessoas idosas a viajarem (BRASIL, 2021)

No tocante ao Serviço Social do Comércio (SESC), com a redução de verbas provenientes das empresas que pagam contribuições às instituições do Sistema S - com base nas seguintes alíquotas: Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP, 2,5%), Serviço Social do Comércio (SESC,1,5%), Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (SENAC,1,0%), Serviço Social da Indústria (SESI,1,5%), Serviço Social de Transporte (SEST, 1,5%), Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI,1,0%), Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte SENAT, 1,0%), Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR, Variável no intervalo de 0,2% a 2,5%) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 0.3% a 0.6%) (BRASIL, 2021).

No período entre os programas de (2007 até 2010) e de (2013 a 2016), segundo o Ministério do Turismo (BRASIL, 2016, p. 5), foram vendidos R\$ 531 milhões de pacotes turísticos. Sem sombra de dúvida que o encerramento do projeto (Viaja Mais Melhor Idade). Teve impacto negativo com relação ao número de pessoas idosas, que

constantemente se juntavam formando grupos de pessoas com o propósito de viajarem de forma coletiva.

O SESC, que ostentava diversos clubes em variadas regiões do litoral do Brasil, na acolhida do segmento de pessoas idosas, sofreu uma redução destes estabelecimentos de lazer e entretenimento em razão da baixa arrecadação proveniente da contribuição das empresas. Em virtude da perda de receita das empresas, devido à queda do consumo da população, passaram a contribuir com menores valores destinados ao SESC e demais entidades pertencentes ao grupo "S" (SESC, 2003).

Outro fator que contribuiu negativamente, nos últimos tempos, à qualidade de vida das pessoas idosas tem sido o vírus Covid-19, que compulsoriamente “obriga” as pessoas idosas ao distanciamento social e ao recolhimento em suas respectivas residências.

Todos esses fatores provocaram o fechamento de clubes e restaurantes da cadeia do SESC em todo Brasil, dos quais os idosos tinham acesso. Com as medidas de contenção de despesas por parte do SESC e do MTur (SESC, 2003). A qualidade de vida das pessoas idosas tivera um impacto negativo acentuado, em razão de terem suas demandas reprimidas e postergadas.

O movimento turístico consegue, portanto, com muita desenvoltura, agregar segmentos variados da sociedade que envolve o social, o econômico e o ambiental, proporcionando maior integração entre as pessoas idosas que, de certa forma, reflete diretamente ou indiretamente em suas qualidades de vida (SESC, 2003).

Segundo Campbell (1976 *apud* AWAD & VORUGANTI, 2000 p. 558), “qualidade de vida é uma vaga e etérea entidade, algo sobre a qual muita gente fala, mas que ninguém sabe claramente o que é”.

Já para a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2015), a definição de qualidade de vida é “a percepção que um indivíduo tem sobre a sua posição na vida, dentro do contexto dos sistemas de cultura e valores nos quais está inserido e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”.

O Programa “Viaja Mais Melhor Idade” também foi muito significativo no processo de melhorar a qualidade de vida dos idosos, tendo o lazer como objetivo macro. Instituído em 2007 e sua atuação percorreu durante os anos até 2016. Carregava em sua estrutura funcional os objetivos de fazer a inclusão social por meio

do turismo, viabilizando o acesso do público idoso às viagens de lazer; e estimular o turismo interno, ao fazer com que aposentados, pensionistas e maiores de 60 anos, aproveite seu tempo livre para viajar pelo Brasil (BRASIL, 2013).

Conforme as diretrizes do Programa, pode-se encontrar a definição deste público-alvo:

Idoso: pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.
 Aposentado: ex-servidor ou trabalhador desligado de onde exerceu suas atividades laborais, que recebe proventos (designação do trabalhador ou do servidor aposentado) integrais ou proporcionais, observadas as regras específicas para cada situação.
 Pensionista: pessoa designada como dependente do servidor ou trabalhador falecido, que passa a receber pagamento mensal (benefício) correspondente à remuneração ou ao provento que era devido ao servidor ou trabalhador (BRASIL, 2013, p. 6).

As vantagens para este público-alvo (pessoas com 60 anos ou mais, aposentados e pensionistas) seriam: (1) ter descontos e vantagens exclusivos em pacotes turísticos, meios de hospedagem, locação de veículos, atrações turísticas e muito mais; (2) englobar também diárias extras, entradas e passeios gratuitos e milhas adicionais, por exemplo.

Assim, a tabela abaixo retrata bem os benefícios gerados às pessoas idosas, quando da existência do programa “Viaja Mais Melhor Idade” do MTur que foi implantado na sua primeira edição pela Portaria GM/MTur nº 228, de 3 de setembro de 2013. Entre (2007- 2010) e na sua segunda edição em (2013).

Tabela 1: Evolução do Viaja Mais Melhor Idade

1ª Edição (2007 - 2010)	2ª Edição (a partir de 2013)
Crédito consignado	Cartão de Crédito / Crediário
Até R\$ 3 mil reais	De acordo com a renda do idoso
Juros reduzidos, parcelamento em até 10x	Juros reduzidos, parcelamento em até 48x
Pacotes turísticos para grupos	Pacotes ou serviços avulsos
Datas pré-definidas	Qualquer data
40 destinos receptores	Todos os municípios brasileiros
28 destinos emissores	Todos os municípios brasileiros
Compras somente em agências e operadoras cadastradas	Compras em qualquer empresa cadastrada

Descontos somente em hotéis credenciados	Descontos e vantagens em toda rede cadastrada
Compra intermediada	Consumidor compra direto do vendedor
O máximo um acompanhante	Pelo menos um acompanhante com as mesmas condições
Gestão terceirizada	Gestão via administração pública

Fonte; Cartilha Viaja Mais Melhor Idade – 2ª Edição, Versão REVISADA.28.08.2013. Circulação interna do MTur, p. 13 - adaptação de Manoel Mendes de Souza (MARÇO/2021).

Entretanto, muito embora o programa “Viaja Mais Melhor Idade”, do Ministério do Turismo, tenha sido bem-sucedido em suas edições de 2007 a 2010 e 2013 a 2016, o MTur não quis levar adiante o programa, tido na época como promissor e de um alcance social louvável.

O programa Viaja Mais Melhor Idade foi instituído em 2007, com um duplo objetivo. Primeiro, fazer a inclusão social por meio do turismo, viabilizando o acesso do público idoso às viagens de lazer. Depois, estimular o turismo interno, ao fazer com que aposentados, pensionistas e maiores de 60 anos aproveitem seu tempo livre para viajar pelo Brasil (BRASIL, 2013, p. 5).

Com a criação desse programa (Viaja Mais Melhor Idade) voltado às pessoas idosas, criou-se uma expectativa que a partir daquele programa as pessoas idosas (até então invisíveis) passariam a ter visibilidade e seriam absorvidos por processo de inclusão. Saindo da “marginalidade”, da exclusão, e ganhando o direito de exercer a sua verdadeira cidadania, que até então lhes era negada, seria possível incluir esse público nas ofertas turísticas do país.

O programa foi o primeiro braço operacional de uma iniciativa maior do Ministério do Turismo, o Viaja Mais. Sua primeira fase, encerrada em 2010, foi um sucesso: com a disponibilidade de tempo e recursos que caracterizam o público da melhor idade, promoveu-se o aumento das taxas de ocupação dos prestadores de serviços turísticos e, conseqüentemente, a redução dos efeitos da sazonalidade. Entre os anos de 2007 e 2010, foram vendidos 599 mil pacotes turísticos no âmbito do Viaja Mais Melhor Idade, gerando mais de R\$ 531 milhões (BRASIL, 2013, p. 5).

Embora com todo esse fator positivo e a expectativa de sucesso do programa, o Sr. Ministro Alberto Alves - em exercício na época, no Ministério do Turismo - revogou a Portaria GM/MTur nº 228, de 3 de setembro de 2013, que instituiu o programa “Viaja Mais Melhor Idade”. Programa este de relevante cunho social, com abrangência no segmento de pessoas já idosas, aposentadas, pensionistas que em seus momentos livres, procuravam ocupar o seu tempo livre da melhor maneira

possível. Este tempo livre também poderia ser aproveitado para o turismo, em busca do lazer, do entretenimento e do bem-estar, cujo maior benefício - sem sombra de dúvida - era a melhora da qualidade de vida, da satisfação, do aumento de suas longevidades, de forma prazerosa e plena.

A perda de um projeto da envergadura como o "Viaja Mais Melhor Idade", do MTur, não é algo salutar, haja visto o seu alcance social na vida das pessoas idosas. Onde era notória a conquista desse segmento (das pessoas idosas, que muitas vezes são invisíveis e em muitos casos, ignoradas até mesmo pelos familiares, que as deixam em asilos abandonados) essa é uma realidade triste do nosso dia-a-dia, que não se pode ignorar.

Já no tocante ao lazer, segundo Malta (2000, p. 219):

O lazer (sinônimo de ócio) é o tempo livre de que dispõe uma pessoa... O lazer não só exclui as obrigações laborais, mas também o tempo despendido para satisfazer necessidades básicas como comer ou dormir. O uso mais habitual do conceito está associado ao descanso do trabalho.

Não obstante, segundo Amaral (1987) a definição de entretenimento é: "o entretenimento é uma função psicossocial da imprensa" (AMARAL, 1987, p. 24).

Por fim, segundo Ferreira, (2005, p. 200), o conceito de bem-estar se constitui como um dos temas para os quais a psicologia tem fundamento epistemológico e caminhos metodológicos já muito refletido. Para o autor, "ele tem também a seu favor o facto de estar enraizado em modelos teóricos diversos, de integrar contributos de áreas de investigação distintas e de estar em vias de caracterizar, integradamente, múltiplas valências do bem-estar" (FERREIRA, 2005, p. 200).

Com base nestas reflexões, é possível perceber a importância fundamental de um programa como o Viaja Mais Melhor Idade, e o quanto a falta de programas desse porte tornam vulneráveis as pessoas idosas (contempladas com o programa), pois lhes são tirados os benefícios. O que fatalmente terá um impacto negativo em suas qualidades de vida.

O conceito de bem-estar social (BES) articula duas perspectivas em psicologia: uma que se assenta nas teorias sobre estados emocionais, emoções, afetos e sentimentos (afetos positivos e afetos negativos) e outra que se sustenta nos domínios da cognição e se operacionaliza por avaliações de satisfação (com a vida em geral, com aspectos específicos da vida como o trabalho) (SIQUEIRA & PADOVAM, 2008, p. 3).

Doravante os fatos explicitados, nos permite entender que a velhice se acentua às pessoas que tenham tido a felicidade de ultrapassar os 60 anos de idade. O mesmo aplica-se para o idoso que, de acordo com o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003) e a Política Nacional do Idoso (Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994), definem como pessoas idosas “aquelas com 60 anos ou mais” (PNT, 2013-2016, p. 10).

Na visão de Beauvoir (1990, p. 17):

A velhice não é um fato estático; é o resultado e o prolongamento de um processo. Em que consiste esse processo? Em outras palavras, o que é envelhecer? Esta ideia está ligada à ideia de mudança. Mas a vida do embrião, do recém-nascido, da criança é uma mudança contínua. Caberia concluir daí, como fizeram alguns que nossa existência é uma morte lenta? É evidente que não. Um tal paradoxo desconhece a essencial verdade da vida; esta é um sistema instável no qual, a cada instante, o equilíbrio se perde e se reconquista: é a inércia que é o sinônimo de morte. Mudar é a lei da vida.

Entretanto, o envelhecimento, de acordo com a medicina, não se constitui como impedimento para que as pessoas nessa faixa etária de idade possam exercer seus afazeres com soberania, produtividade e de forma prazerosa. Pelo contrário, o “envelhecimento ativo, ao contrário do que muitos pensam, a idade, não é um impeditivo para uma vida socialmente ativa”, tal como apresenta o Programa Nacional do Turismo (PNT, 2013-2016, p. 12), e, segundo Goldstein (2004), “os homens parecem ser mais reticentes que as mulheres idosas quanto se engajar no exercício de novos papéis sociais abertos pela alta modernidade, como por exemplo, participar de grupos de convivência e lazer” (GOLDSTEIN, 2004, p 118).

De acordo com os especialistas em gerontologia, as atividades do dia-a-dia revigoram os idosos, aumentando a autoestima, fazendo com que eles se sintam úteis e até imprescindíveis em determinadas atividades em que a experiência é primordial (PNT, 2013-2016, p. 12).

Portanto, amparados no seu Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, e na Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que definem como pessoas idosas aquelas com 60 anos ou mais, esse público também possui como direito, os seus direitos assegurados na lei nº 10.741/2003. Entretanto, segundo as pesquisas de campo e estudos realizados, nem sempre elas se beneficiam de seus direitos em sua totalidade.

Um dos fatores negacionistas desses direitos tem como consequência o pouco conhecimento das pessoas idosas de seu próprio estatuto. Mesmo sendo um excelente mecanismo em suas defesas, é pouco conhecido por uma grande maioria dessas pessoas, que são os maiores interessados e demandantes dessa lei, criada especificamente para atender às suas demandas e suas necessidades.

Essas pessoas por direito deveriam ter pleno acesso ao que lhes assegura a lei 10.741/2003 (Estatuto das pessoas Idosa). Todavia, segundo algumas pessoas que foram entrevistadas, há muitas barreiras que limitam as demandas por parte do segmento das pessoas idosas.

Com base em pesquisa de campo realizada, não é difícil de se perceber longas filas em portas de hospitais, bancos e casas lotéricas, que dispõe de um caixa específico para atender pessoas idosas e pessoas com deficiência. Como o contingente demandante desses serviços por parte de pessoas idosas é muito grande, as filas desses segmentos se assemelham a outras filas consideradas “normais”, bem como em outros locais onde o número de pessoas idosas seja significativo. De acordo com alguns dos entrevistados e entrevistadas, existem ainda muitos preconceitos e desrespeito às pessoas idosas, por parte da sociedade brasileira.

A lei 10.741/2003 por si só, não dispõe de meios materiais e recursos humanos para estar presente em todos os lugares e fiscalizar esse desrespeito às pessoas idosas, e demais pessoas que se enquadrem nos benefícios salvaguardados por lei específica que asseguram o direito dessas pessoas.

Nos ônibus coletivos, que prestam serviços no Distrito Federal, por exemplo, existem os espaços destinados às pessoas idosas e outros benefícios assegurados pela lei 10.741/2003 e 5.984/2017. Estas leis lhes asseguram, por direito, o passe livre e os deslocamentos gratuitos. Sejam nos transportes coletivos, bem como no metroviário. As pessoas idosas de acordo com suas necessidades e desejos, nem sempre têm os seus direitos atendidos plenamente.

Há situações em que, para algumas pessoas idosas na faixa etária entre 60 a 64 anos, lhes são negados os direitos de ir e vir, direitos assegurados em lei (10.741/2003 e 5.984/2017). Em outras situações chegam a serem rechaçados com grosseria, desrespeito e até agressões físicas, passando por humilhações injustificáveis.

Segundo reportagem do Correio Braziliense, “idosos com menos de 65 anos são barrados em transporte público” (Correio Braziliense, reportagem de Augusto Fernandes e Azelma Rodrigues, 04/03/18). No Distrito Federal, em particular, pessoas a partir de 60 anos de idade têm direito ao passe livre nos ônibus e também no metrô assegurado pela Lei Distrital nº5.984/2017.

Todavia, falta fiscalização e até instrução às pessoas idosas, para que elas possam fazer valer suas demandas e direitos assegurados em lei. Bem como prioridade nos assentos dos ônibus. O que na prática não é viabilizado. Haja visto, que na maioria dos ônibus as roletas ficam na parte dianteira dos ônibus. Onde são reservadas entre quatro a sete cadeiras para que os idosos e outros beneficiários possam se assentarem. Com exceção de uma ou duas empresas, destinam 12 assentos as pessoas idosas e demais beneficiários do sistema de transporte público do Distrito Federal.

Como o número de idosos é significativo no Distrito Federal, e de outros segmentos que usufruem do mesmo direito. Essas vagas são ocupadas com facilidade pela demanda de pessoas idosas e outros beneficiários que representam um número expressivo dessa faixa etária entre 60 e 64 anos. O que desfavorece a grande maioria dos contemplados pelas leis 10.741/2003 e 5.984/2017. Segundo a (CODEPLAN/PDAD, 2018, p. 6):

A Diretoria de Estudos e Pesquisas Sociais (DIPOS), a partir dos dados da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio (PDAD) 2018, a População idosa do Distrito Federal é de 303.017 pessoas, concentrada nas RAs de Ceilândia, Plano Piloto e Taguatinga. A maioria é formada por mulheres entre 60 e 69 anos.

Na pesquisa de campo realizada, foi possível identificar nas falas dos entrevistados que os demais beneficiários, sejam eles pessoas idosas ou não, que excederem esse número de lugares, são forçados a permanecerem em pé em longos trechos dos percursos. Geralmente, eles pegam a condução nos trechos onde os lugares já estão ocupados. Ou seja, de onde eles tomam a condução ao término de onde esses beneficiários irão descer dos ônibus. Esse percurso acaba provocando um grande sofrimento, angústia, torturas físicas e psicológicas nas pessoas idosas.

Em razão do grande volume de pessoas que necessitam do transporte público, principalmente em horários de pico ou muito movimento, é louvável que exista uma lei que proteja as pessoas idosas, a lei 10.741/2003 e 5.984/2017. Porém, para que essa

lei surta os efeitos desejáveis e atenda a finalidade a que ela se propõe, faz-se necessário que haja fiscalização no cumprimento da lei nº 10.741/2003 e a lei nº 5.984/2017, e que assegurem os direitos das pessoas idosas e demais beneficiários contemplados na lei.

O ideal seria que todos os beneficiários do passe livre tivessem a autorização para entrar pela porta contrária à roleta. Isso seria um avanço e iria contribuir significativamente para a qualidade de vida da pessoa idosa e demais beneficiários do sistema de transporte público do Distrito Federal.

É um contrassenso se falar em qualidade de vida, tendo em vista que coisas básicas e elementares são negadas as pessoas idosas que vivem no Distrito Federal do país.

De acordo com Minayo et al. (2000, p.10):

(...) qualidade de vida é uma noção eminentemente humana, que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental e à própria estética existencial. Pressupõe a capacidade de efetuar uma síntese cultural de todos os elementos que determinada sociedade considera seu padrão de conforto e bem-estar. O termo abrange muitos significados, que remetem conhecimentos, experiências e valores de indivíduos e coletividades que a ele se reportam em variadas épocas, espaços e histórias diferentes, sendo, portanto, uma construção social com a marca da relatividade cultural.

É preciso que as autoridades estejam atentas às necessidades e fragilidades das pessoas idosas, com mobilidade reduzida, deficiências, gestantes e mesmo pessoas com criança de colo. Tendo em vista que pelo avançar da idade, muitas dessas pessoas idosas são observadas supostamente com base em seus estados físicos característicos, tais como perda de mobilidade, surdez, enrugamento da pele, flacidez em seus órgãos, diminuição da rigidez muscular, bem como uma maior sensibilidade a serem acometidos de doenças, estas também precisam de atenção e seus direitos defendidos.

Segundo Gonçalves (2003, p. 43):

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se está, na “inversão da práxis”, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens.

Todavia, estudos feitos mediante pesquisa de campo e teórica, apontam que nem sempre o fator idade é indicativo de velhice. Haja visto, existirem pessoas velhas com apenas 50 anos de idade e pessoas relativamente novas com sessenta anos de idade. Segundo, Gonçalves (2003, p. 43), “o aumento da esperança de vida e a redução da taxa de natalidade contribuem diretamente para um aumento progressivo do envelhecimento populacional e defende que tais situações exigem medidas mitigadoras específicas”.

Na visão de Pontarolo e Oliveira (2008, p. 120):

No Brasil a atenção ao idoso teve início com a Constituição Federal de 1988 quando foi introduzido o conceito de Seguridade Social, a partir daí a legislação brasileira procurou se adequar a uma conotação de cidadania. Através da Lei 8.842/94 que rege as normas para os direitos sociais dos idosos, tentando garantir sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade.

Entretanto, pesquisas do IBGE (2018) apontam o progresso no alargamento de vida das pessoas dos dois gêneros: masculino, feminino. Este ganho de prolongamento do tempo de vida e com qualidade. Deve-se a fatores, que são essenciais e vitais na vida dos seres humanos, dentre os quais o turismo, o lazer, o entretenimento, à saúde, a maior interação do homem com o meio ambiente, etc. Segundo o pesquisador Márcio Minamiguchi do IBGE (2019):

A expectativa de vida dos brasileiros aumentou em 3 meses e 4 dias, de 2017 para 2018, alcançando 76,3 anos. Desde 1940, já são 30,8 anos a mais do que se espera que a população viva. Os dados são das Tábuas Completas de Mortalidade, divulgadas hoje pelo IBGE (AGÊNCIA IBGE DE NOTÍCIAS, novembro, 2019).

O somatório de tudo isso, segundo revelam os estudos, resulta em qualidade de vida. É como se fosse uma terapia ocupacional, constituindo em um ambiente muito bom no relacionamento familiar e social. Este posicionamento, reconhecidamente, tem contribuído para o bem-estar social particular e coletivo das pessoas idosas.

As entrevistas realizadas para esta pesquisa também revelaram que, embora exista ainda uma grande lacuna a ser preenchida, para se atender às necessidades das pessoas idosas, muita coisa avançou e está mais acessível ao segmento das pessoas idosas. Não obstante, o lazer, o entretenimento, o bem-estar e o acesso à internet têm contribuído, de certa forma, para encurtar a distância social, a qual as pessoas idosas eram historicamente submetidas.

Esse processo de modernidade e inclusão social está rompendo um fator de desequilíbrio entre o segmento de pessoas idosas, que são as supostas barreiras e preconceitos impostos às pessoas idosas. Diante de uma realidade antagônica, no tocante à classe social, os estudos de pesquisa de campo indicam que as pessoas mais humildes, em grande maioria são “forçadas” a abrirem mão de muitos benefícios que lhes são de direito, principalmente no quesito qualidade de vida.

Os entrevistados narraram que, com o advento da epidemia do Covid-19, a qual descambou em desemprego e morte de centenas de milhares de pessoas do Brasil e pelo mundo afora, pessoas idosas e em situação vulnerável perderam seus entes queridos, deixando-as em maiores dificuldades. Mesmo aposentados ou pensionistas, voltaram a trabalhar, fazendo os chamados “bicos” para sobreviverem e manterem seus familiares. Isso teve um impacto negativo e direto na qualidade de vida dessas pessoas.

Essa tragédia arruinou a vida de milhares de pessoas e as pessoas idosas foram as mais afetadas. Embora tenha havido a ajuda do governo, com o auxílio emergencial por apenas quatro meses, ainda assim, em razão da vulnerabilidade de uma camada social menos favorecida, ficaram expostos à fragilidades; e revela o quanto elas necessitam de maior atenção por parte do governo e da sociedade.

Segundo, Pontarolo e Oliveira (2008, p. 120):

Dentre as entidades da sociedade civil que se organizam em prol dos idosos destacam-se a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), o Serviço Social do Comércio (SESC), a Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas (COPAB), a Associação Nacional de Gerontologia (ANG) e a Pastoral da Terceira Idade da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Outrossim, a incessante busca por uma melhor qualidade de vida, é intrinsecamente um direito e dever de todo cidadão e cidadã brasileiro. Urge, porém, maior liberdade e fraternidade para que a busca pela igualdade seja uma realidade e não uma utopia.

Entende-se, portanto, que se faz urgente a sociedade buscar diminuir os conflitos (guerras) e promover mais o respeito e amor ao próximo, a fim de que seus anciãos sejam melhores tratados, com o devido respeito que eles fizeram por merecer.

Já dizia o saudoso Nelson Cavaquinho, em sua melodia, “Quando eu me chamar saudade”, composta em parceria com Guilherme Brito, em que eles com

extrema sabedoria e perspicácia escrevem: “quem quiser fazer por mim, que faça agora”.

2.1 A qualidade de vida como conceito e sua construção histórica

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1998), qualidade de vida é “a percepção do indivíduo de sua inserção na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”.

O termo deriva da paz de espírito em consonância da harmonia do homem com o meio ambiente e tudo que gira à sua volta, tais como: usufruir do lazer, entretenimento e bem-estar; gozar de boa saúde física e mental; bem como, ter alegria, se sentir feliz e realizado naquilo que se propõe a fazer. Assim, entende-se que a qualidade de vida tem sido um desafio permanente, demandado pelas pessoas que anseiam em viver a felicidade plena.

Conforme a Organização Mundial de Saúde (1998):

Qualidade de vida reflete a percepção dos indivíduos de que suas necessidades estão sendo satisfeitas ou, ainda, que lhes estão sendo negadas oportunidades de alcançar a felicidade e a autorrealização, com independência de seu estado de saúde físico ou das condições sociais e econômicas (OMS, 1998).

Neste contexto, o conceito de “qualidade de vida” traz em sua essência condições práticas da realidade presente no bem-estar da pessoa humana. Tem como pré-requisito: a saúde, o lazer, o entretenimento, a paz espiritual, o equilíbrio físico e psicológico, a auto estima, a alegria, o prazer naquilo que faz e se pretende realizar.

Em suma é um somatório de variáveis positivas diante de novas teses evidenciadas. Qualidade de vida é também entendida como “a percepção que um indivíduo tem sobre a sua posição na vida, dentro do contexto dos sistemas de cultura e valores nos quais está inserido e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (OMS, 1998).

Durante as últimas quatro décadas, os estudos e pesquisas de campo apontam e atestam ser apropriada a definição de qualidade de vida tal como a descrita por Campbell (1976).

Somando-se a isso um bom relacionamento familiar e social em seus convívios diários. A Organização Mundial da Saúde também a retrata como uma outra corrente, em um sentido subjetivo, ao descrever que:

O conceito de qualidade de vida está diretamente associado à autoestima e ao bem-estar pessoal e compreende vários aspetos, nomeadamente, a capacidade funcional, o nível socioeconómico, o estado emocional, a interação social, a atividade intelectual, o autocuidado, o suporte familiar, o estado de saúde, os valores culturais, éticos e religiosos, o estilo de vida, a satisfação com o emprego e/ou com atividades diárias e o ambiente em que se vive. Organização Mundial da Saúde (OMS,1998).

Esta apresentação, de certa forma, corrobora para a qualidade de vida propagada para a promoção da saúde, de forma acentuada, baseada em princípios voltados ao bem-estar. Portanto, entende-se que o conceito envolve múltiplas variáveis de ideias convergentes que se agregam e consolidam a definição de qualidade de vida.

Dado a complexidade em definir qualidade de vida, é possível perceber que, até mesmo entre os estudiosos sobre o assunto qualidade de vida, há uma margem de dúvidas em dissociar qualidade de vida e saúde. O que de certa forma dá margem a interpretações diversas, conforme expresso a seguir.

O contexto de qualidade de vida é de certa forma subjetiva, haja visto que a qualidade de vida surge de tal forma associada à saúde, que muitos autores não as distinguem uma da outra. Para eles saúde e qualidade de vida são a mesma coisa. De facto, a saúde não é o único fator que influencia a nossa qualidade de vida, contudo ela tem uma importância (GUMBRECHT, 1998).

Em todos os conceitos supracitados, não há uma definição reveladora associando qualidade de vida com o meio ambiente. Os conceitos estão muito presos ao fator econômico, social e psicológico. Portanto, a qualidade de vida é tratada nesta pesquisa como uma variável complexa, com muitas observações a serem consideradas. Algumas pessoas podem ter muita riqueza material, todavia, não gozam de boa saúde. Vivem em um estado emocional desequilibrado. Demonstração clara de que a qualidade de vida, neste caso, é incompatível com a riqueza material.

Ao considerar que qualidade de vida conjuga: o bem-estar, a vida saudável, o equilíbrio financeiro, a paz de espírito e o livre arbítrio; busca-se com esta pesquisa compreender como o turismo contribui para a qualidade de vida das pessoas idosas, a partir de entrevistas realizadas e apresentadas no capítulo a seguir.

Dito isto, cabe aos estudiosos e pesquisadores do turismo uma postura crítica e um rigor metodológico que contribuam para uma consciência de se promover o turismo com responsabilidade, promovendo saúde para as pessoas que viajam; fazendo cada um à sua parte na preservação da qualidade de vida. Bem como, da saúde individual e coletiva.

Assim sendo, em sequência, será tratado a relação e contribuição do turismo, do lazer, do entretenimento e do bem-estar no ciclo de vida das pessoas idosas, para se chegar à hipótese de que o turismo contribui para a qualidade de vida das pessoas idosas. Além de apresentar o perfil das pessoas que deram a sua contribuição para a realização deste trabalho.

3. O TURISMO E A QUALIDADE DE VIDA DAS PESSOAS IDOSAS

Ao considerar atender o terceiro objetivo específico do trabalho, “identificar as contribuições do turismo, a partir da percepção das pessoas idosas, para sua qualidade de vida”, o presente capítulo apresenta, de forma detalhada, os dados obtidos durante a pesquisa empírica, a partir das 39 (trinta e nove) entrevistas realizadas, a fim de promover suas análises. Ele é subdividido em três partes que apresentam: (1) o perfil das pessoas idosas entrevistadas; (2) a análise da qualidade de vida das pessoas idosas entrevistadas; e (3) a contribuição do turismo para a qualidade de vida das pessoas idosas.

3.1 Perfil das pessoas idosas entrevistadas

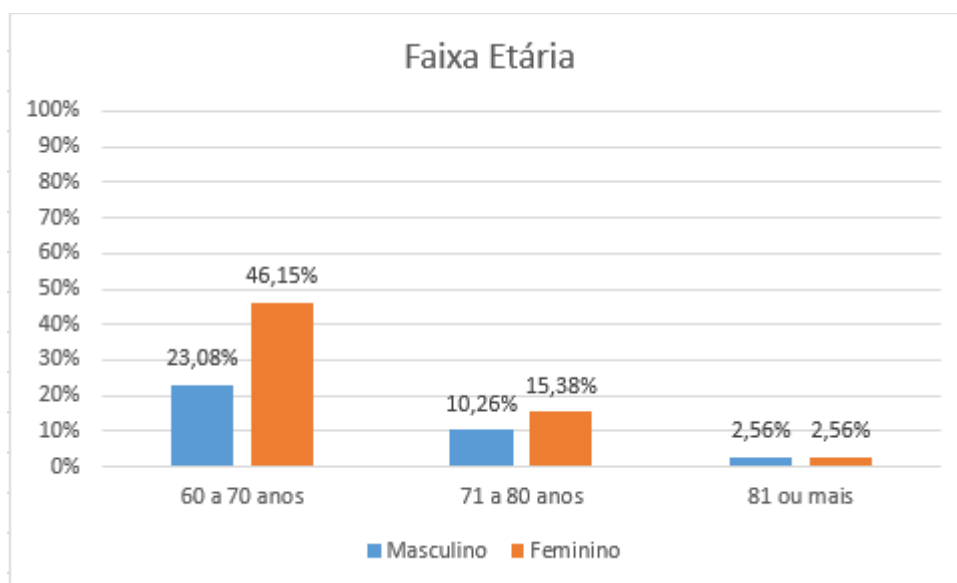
A primeira parte das entrevistas realizadas teve como proposta identificar o perfil das pessoas idosas das Regiões Administrativas do Distrito Federal, em particular na RA III - Taguatinga e na RA IX - Ceilândia. Para tal, toma-se como categorias de análise a idade, o estado civil, a condição socioeconômica, o local de origem, o nível de independência dos entrevistados, suas relações com a família, a religião, a história de vida, as atividades preferidas em momentos de lazer e o tempo de moradia no Distrito Federal.

Para início, pode-se observar no Gráfico 1 o resultado do trabalho de campo que entrevistou 39 (trinta e nove) pessoas na faixa etária entre 60 (sessenta) a 89 (oitenta e nove) anos de idade, dos gêneros masculino e feminino, que na faixa etária entre 60 (sessenta) a 70 (setenta) anos, 9 (nove) pessoas (23,08%) eram do gênero masculino e 18 (dezoito) pessoas (46,15%) por cento eram do gênero feminino, perfazendo 69,23%.

Observou-se que na faixa etária entre 71 (setenta e um) a 80 (oitenta anos) anos, 4 (quatro) pessoas (10,26%) eram do gênero masculino e que 6 (seis) pessoas (15,38%) era do gênero feminino, perfazendo (25,64%).

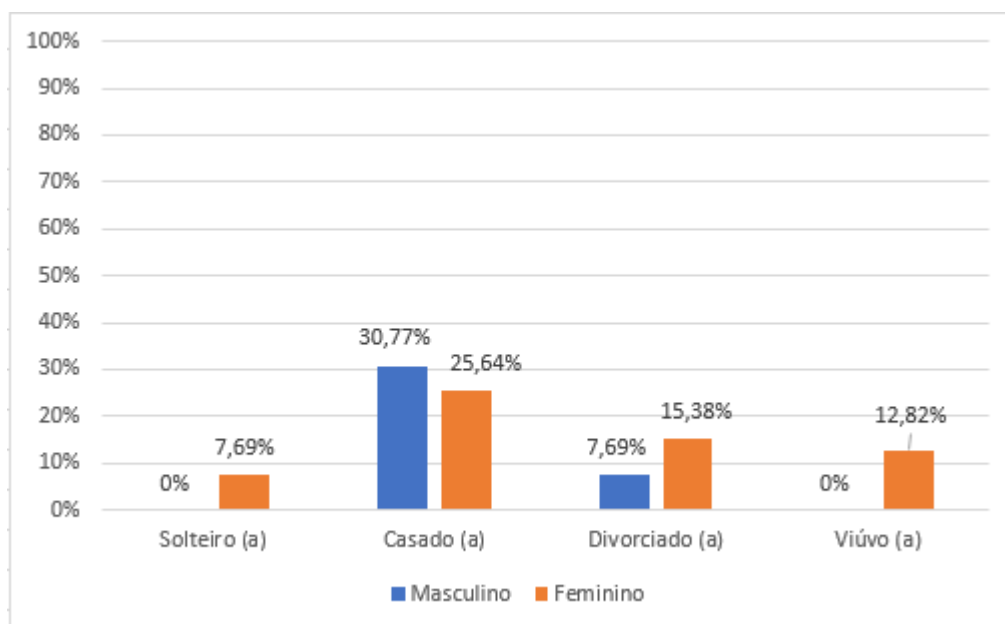
Já no tocante a faixa etária entre 81 (oitenta e um) anos ou mais, a pesquisa entrevistou 2 (duas) pessoas, sendo 1 (uma) do gênero masculino (2,56%) e 1 (uma) outra do gênero feminino (2,56%), perfazendo 5,13%. Totalizando [69,23% + 25,64% + 5.13%] = 100%.

Gráfico 1: Análise percentuais socioeconômica de acordo com as faixas etárias das pessoas idosas entrevistadas



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Gráfico 2: Análise percentuais socioeconômica de acordo com o estado civil das pessoas idosas entrevistadas



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

No Gráfico 2, referente ao estado civil das 39 (trinta e nove) pessoas idosas entrevistadas, não se constatou nenhuma pessoa idosa solteira do gênero masculino, ou seja 0,00%, enquanto que do gênero feminino observou-se 3 (três) pessoas solteiras, perfazendo 7,69%.

Já com relação às pessoas casadas se chegou ao número de 22 (vinte e duas) pessoas idosas, sendo 12 (doze) do gênero masculino, o que corresponde a 30,77% e 10 (dez) pessoas idosas do gênero feminino, correspondendo a 25,64%, perfazendo 56,41%, considerando o total das 39 (trinta e nove) entrevistas realizadas.

No que se refere a pessoas idosas divorciadas, o estudo apontou 9 (nove) pessoas idosas, sendo que do gênero masculino eram 3 (três), o que representa 7,69% e 6 (seis) pessoas eram do gênero feminino (15,38%), perfazendo 23,09%.

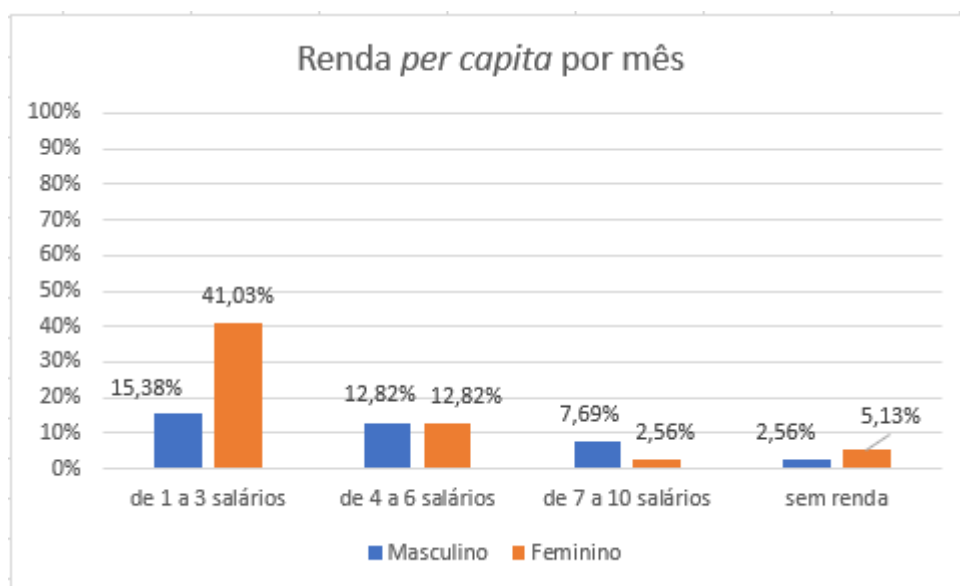
Os números com relação às pessoas idosas viúvas entrevistadas são de 5 (cinco), sendo todas elas do gênero feminino. Este dado representa um percentual de 12,82%. O estudo não constatou nenhuma pessoa viúva do gênero masculino, perfazendo os resultados: $[(7,69\%)+ (56,41\%) + (23,08\%) + (12,82\%)] = 100\%$.

Através das entrevistas realizadas em campo e das leituras bibliográficas realizadas, é possível supor que entre as pessoas idosas, existe uma união estável. Onde predomina maior durabilidade do casamento. Também foi possível constatar que alguns casais já estão casados há 50 (cinquenta) anos. Isso tem um reflexo direto na qualidade de vida dessas pessoas idosas, pelo companheirismo e também pelo fato de poderem compartilhar juntas momentos felizes, e a satisfação em ter ao seu lado sua “cara metade”. Isso para as pessoas idosas, é uma realização que transformou sonhos em realidade.

Ao buscar compreender os dados sobre condição socioeconômica das pessoas idosas entrevistadas, pode-se entender no gráfico 3 a seguir que, mediante o estudo de campo realizado, foi possível fazer um levantamento de suas respectivas rendas, obtidas mensalmente, via trabalho, aposentadorias, pensões ou mesmo provenientes de renda familiar e outros.

Os dados apontam que no quesito da faixa salarial entre 1 (um) a 3 (três) salários mínimos, no grupo gênero masculino, havia 6 (seis) pessoas idosas nessa faixa salarial, o que representa 15,38%, e que no tocante ao gênero feminino constatou-se existir 16 (dezesesseis) pessoas idosas, o que significa 41,03%, perfazendo 56,42% no total.

Gráfico 3: Análise percentuais socioeconômica de acordo com a renda per capita por mês das 39 (trinta e nove) pessoas idosas entrevistadas.



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Já no tocante a faixa salarial entre 4 a 6 salários mínimos, o estudo ouviu 5 (cinco) pessoas idosas do gênero masculino, com renda de 5 (cinco) salários mínimos, o que corresponde a 12,82%, sendo que, coincidentemente, foram entrevistadas também 5 (cinco) pessoas idosas do gênero feminino, as quais representam, por paridade, o percentual de 12,82%. O somatório foi de 25,64%.

No tocante a faixa salarial entre 7 (sete) a 10 (dez) salários, o estudo entrevistou 3 (três) pessoas idosas do gênero masculino, (7,69%), e uma pessoa idosa do gênero feminino (2,56%).

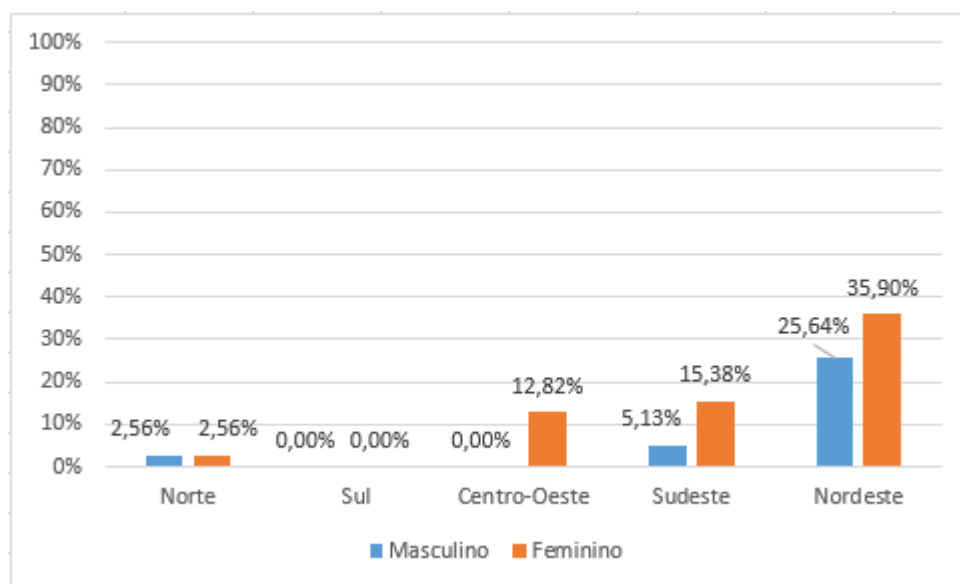
Assim, a pesquisa constatou que, neste universo de 39 (trinta e nove) pessoas idosas entrevistadas, havia 1 (uma) pessoa idosa do gênero masculino sem renda (2,56%) por cento, e, por sua vez, 2 (duas) pessoas idosas do gênero feminino sem renda (5,13%).

Somando-se, pode-se obter o seguinte cálculo: $[56,42\% + 25,64\% + 7,69\% + 2,56\% + 2,56\% + 5,13\%] = 100\%$, tendo como referencial as 39 (trinta e nove) pessoas idosas entrevistadas.

Diante do estudo apresentado, é possível deduzir que a renda das pessoas em idade avançada, está aquém do necessário para que essas pessoas idosas possam ter acesso ao turismo, ao lazer, ao entretenimento e ao bem-estar, um pré-requisito

salutar para que as pessoas idosas possam usufruir de uma melhor qualidade de vida e uma vida saudável em suas respectivas velhices.

Gráfico 4: Análise percentuais socioeconômicos com relação às origens das pessoas idosas entrevistadas.



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

O Gráfico 4 apresenta o resultado da pesquisa, constatando que as pessoas idosas, egressas da região norte do país, são 1 (uma) do gênero masculino (2,56%) e outra do gênero feminino (2,56%), perfazendo 5,13% do montante entrevistado. Já no tocante às pessoas idosas de origem do sul do Brasil, não se constatou nenhuma, ou seja, 0,00%. Quanto às pessoas idosas nascidas na região centro-oeste, o estudo certificou-se de não haver nenhuma do gênero masculino (0,00%), no que se refere às pessoas idosas, do gênero feminino, o estudo aponta existir 5 (cinco) pessoas, o que representa (12,82%). Com relação à região sudeste, o estudo de campo constatou a existência de 2 pessoas do gênero masculino (5,13%) e, com relação ao gênero feminino, foi constatada a existência de 6 (seis) pessoas idosas (15,38%). Já referente à região nordeste, o estudo testemunhou haver 10 (dez) pessoas idosas do gênero masculino (25,64%) e por sua vez, 14 (quatorze) pessoas idosas do gênero feminino (35,90%).

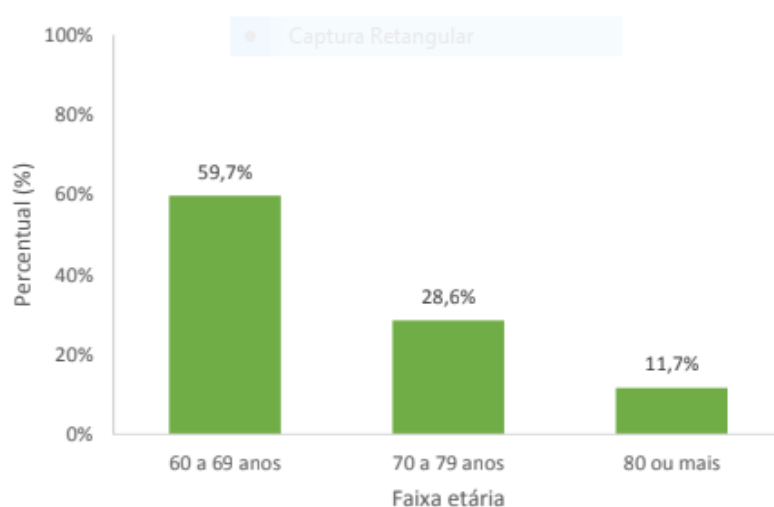
Totalizando [5,13% + 0,00% + 12,82% + 20,51% + 61,54%] = 100%.

O estudo apontou também uma predominância de pessoas egressas da região nordeste, característica essa peculiar a todo o território do Distrito Federal,

principalmente na RA III - Taguatinga e na RA IX - Ceilândia, onde serviu como base para a realização deste estudo.

Para contribuir para a análise, referencia-se a pesquisa realizada pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan - DF) de 2018, informado pelo gráfico 5, que apresenta o percentual de pessoas idosas do Distrito Federal brasileiro.

Gráfico 5: Distribuição dos idosos por faixa etária, no Distrito Federal, 2018.



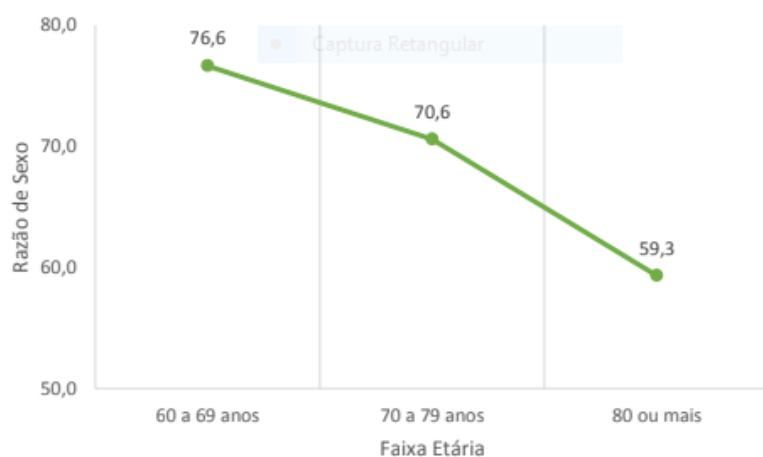
Fonte: Codeplan, Pesquisa por Amostra de Domicílios - PDAD - 2018.
Elaboração: DIPOS/Codeplan DF.

Segundo as informações contidas no PDAD (2018, p. 14):

Em 2018, viviam no Distrito Federal 2.881.854 pessoas, das quais 303.017 eram idosas (60 anos ou mais), ou seja, 10,5% da população. Aproximadamente 40,0% da população idosa do DF viviam nas RAs Ceilândia, Plano Piloto e Taguatinga. Ao observar os subgrupos etários (Gráfico 5), tem-se como o grupo majoritários aquele da faixa etária de 60 a 69 anos (59,7%), seguido por 70 a 79 anos (28,6%) e, finalmente, aqueles com 80 anos e mais (11,7%).

Em seguida, o trabalho destaca os dados presentes no gráfico 6, também da PDAD (2018, p. 14), que apresenta a proporção de homens com relação às mulheres nas faixas etárias entre 60 anos ou mais de idade do Distrito Federal.

Gráfico 6: Razão de sexo de pessoas idosas, por faixa etária, no Distrito Federal, 2018.



Fonte: Codeplan, Pesquisa por Amostra de Domicílios - PDAD - 2018.
Elaboração: DIPOS/Codeplan DF.

Segundo o documento do PDAD (2018, p. 14):

A maioria da população idosa é do sexo feminino (57,9%). Os homens correspondem a 42,1% do grupo com 60 anos e mais. Em relação à razão de sexo, os dados da PDAD (2018, P. 14), apontam que essa medida se intensifica com o aumento da idade (Gráfico 6). Na faixa etária de 60 a 69 anos é de 76,6 homens para cada 100 mulheres, passando para 59,3 homens para cada 100 mulheres na faixa etária de 80 ou mais. Esse resultado é influenciado por fatores como o aumento da longevidade da população em gerar, e a mortalidade diferenciada por sexo e por faixas etárias.

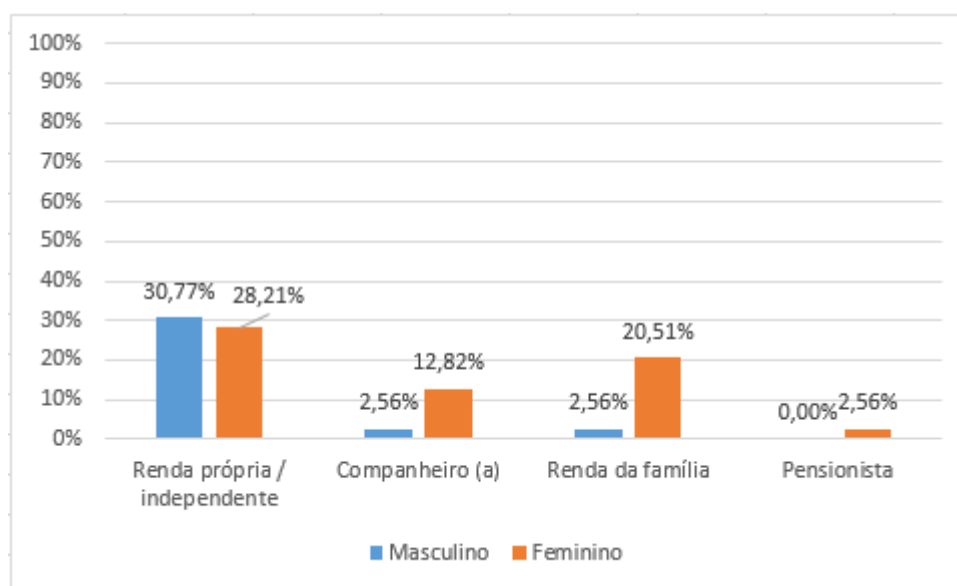
A pesquisa revela que a presença das mulheres idosas e sua atuação na sociedade se faz muito significativa pelo movimento de empoderamento e liberdade, na busca pela qualidade de vida.

O estudo também procurou saber, das 39 (trinta e nove) pessoas idosas entrevistadas, qual era o nível de independência financeira com relação aos familiares ou supostos benefícios que porventura recebiam esses participantes.

A pesquisa constatou que 12 (doze) pessoas idosas do gênero masculino tinham renda própria (30,77%), e que 11 (onze) pessoas idosas do gênero feminino viviam de sua própria renda, além de serem totalmente independentes (28,21%), perfazendo (58,98%).

Entretanto, 5 (cinco) pessoas do gênero feminino dependiam da renda do marido ou companheiro (12,82%), e que 1 (uma) pessoa do gênero masculino dependia da renda da esposa (2,56%), perfazendo 15,38%.

Gráfico 7: Análise percentuais socioeconômica de independência financeira das 39 (trinta e nove) pessoas idosas entrevistadas.



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A pesquisa constatou, por sua vez, que 1 (uma) pessoa dependia da renda familiar (2,56%), enquanto que 8 (oito) pessoas do gênero feminino dependiam da renda dos familiares (20,21%). Além destas, 1 (uma) pessoa do gênero feminino era pensionista (2,56%), perfazendo 25,63%.

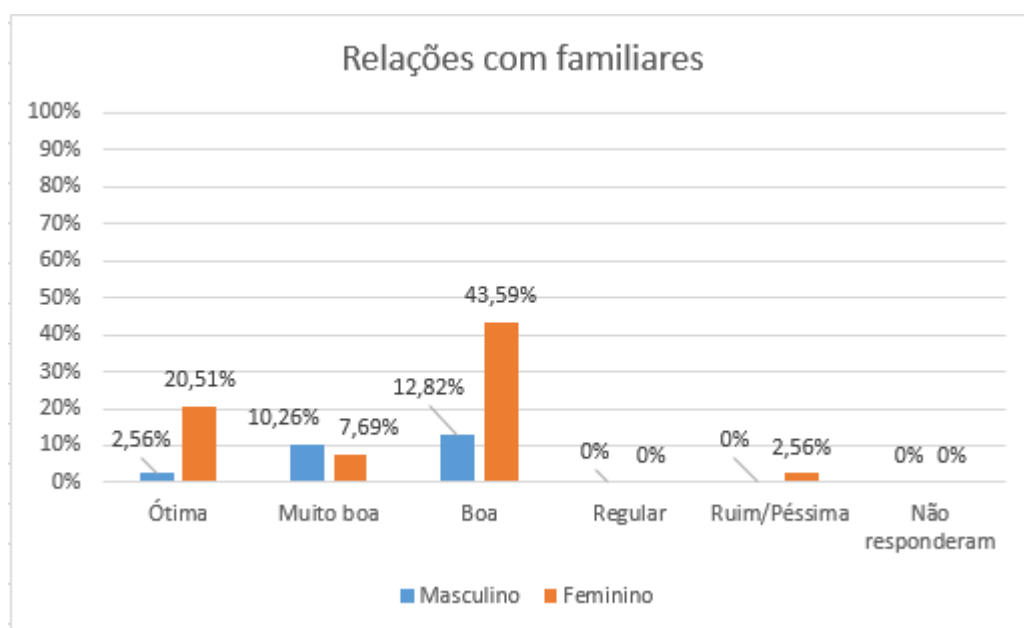
Totalizando [30,77% + 28,21% + 2,56% + 12,82 + 2,56% + 20,51% + 2,56%)] = (100%).

O gráfico 7 ainda retrata a discrepância salarial existente entre as camadas sociais residentes no Distrito Federal, em particular das pessoas idosas que residem na RA III - Taguatinga e na RA IX - Ceilândia. As duas regionais têm uma predominância de pessoas egressas da região nordeste, o que dá uma característica peculiar as essas regionais, onde há vários espaços culturais nordestinos.

O gráfico 8 ilustra os dados percentuais sobre o relacionamento familiar das pessoas idosas com seus respectivos familiares. No quesito “Ótimo ou Excelente” a pesquisa constatou existir 1 pessoa do gênero masculino, o que representa 2,56% das 39 (trinta e nove) pessoas idosas entrevistadas. Já no que se refere ao gênero feminino a pesquisa acusou a existência de 8 (oito pessoas idosas, o que significa 20,51%, perfazendo 23,08%.

No quesito relação familiar “muito boa”, a pesquisa descobriu haver 7 (sete) pessoas idosas, sendo que 4 (quatro) do gênero masculino (10,26%) e 3 (três) do gênero feminino (7,69%), perfazendo 17,95%.

Gráfico 8: Análise referente ao convívio com seus familiares



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Já no tocante ao quesito relacionamento familiar “boa”, o estudo constatou a existência de 22 pessoas idosas, sendo que 5 (cinco) pessoas idosas eram do gênero masculino (12,82%) e 17 (dezessete) pessoas idosas do gênero feminino (43,59%), perfazendo (56,41%).

No quesito relacionamento familiar “regular”, a pesquisa não localizou nenhuma pessoa idosa, nem do gênero masculino, muito menos do gênero feminino. A mesma situação foi referente ao quesito relacionamento familiar “ruim”, nem uma pessoa se declarou ter um convívio ruim com seus familiares e seus ciclos de amizades.

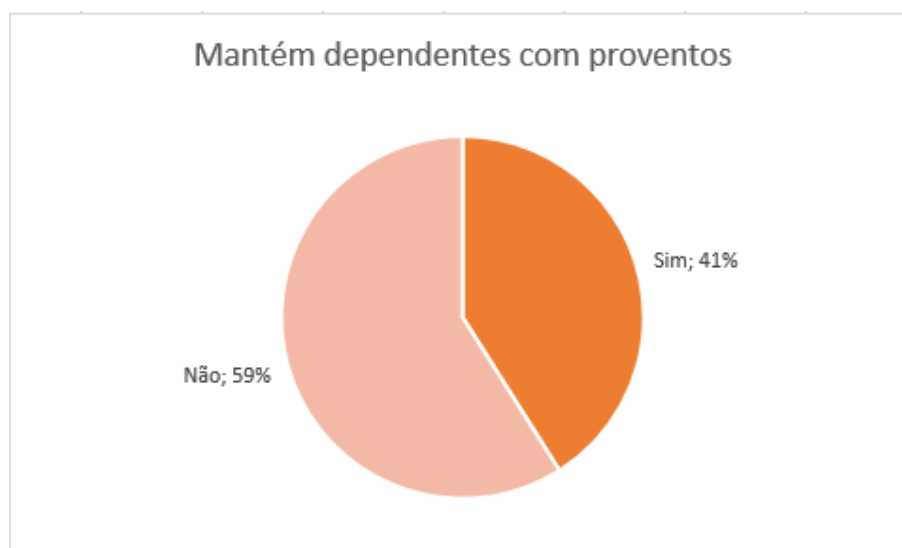
Entretanto, no quesito relacionamento familiar “péssimo”, a pesquisa detectou uma pessoa idosa do gênero feminino (2,56%), que se declarou estar vivendo essa situação no transcorrer de sua vida.

Totalizando: [(23,08%) + (17,95%) + (56,41%) + (2,56%)] = 100%.

O quadro apresentado no gráfico 8, portanto, é positivo, haja visto, que somando-se os quesitos: Ótimo [(23,08%) + Muito boa (17,95% + Boa (56,41%)] = 97,44%, ou seja, próximo de 100%, havendo apenas uma pessoa que se declarou

estar vivendo uma situação péssima. Parece ser uma coisa mais pontual que não reflete a realidade no cômputo geral, de acordo com a pesquisa de campo e as entrevistas realizadas.

Gráfico 9: Representação do percentual de pessoas dependentes das rendas das pessoas idosas.



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

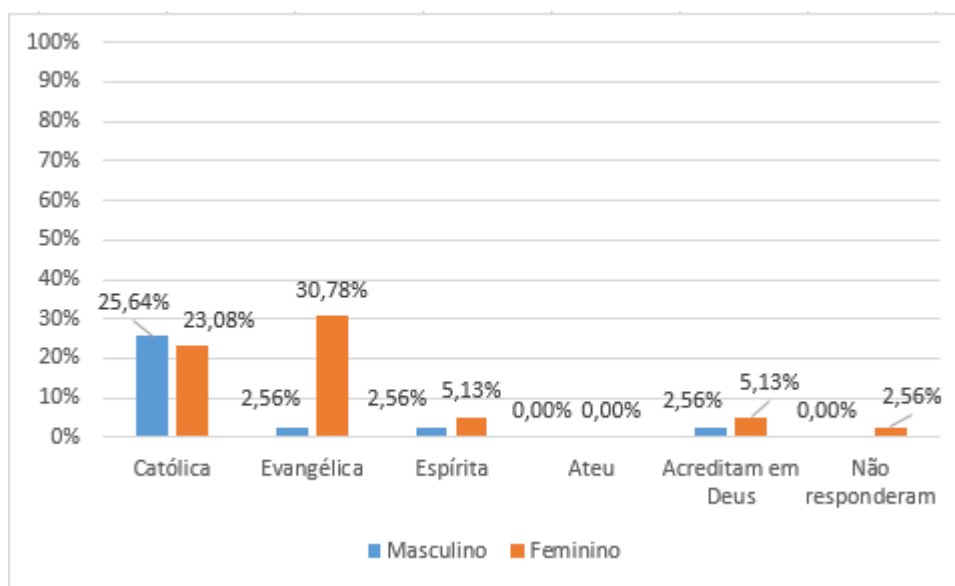
No gráfico 9, observa-se uma realidade preocupante. Passa um percentual significativo da população idosa no Distrito Federal e não é diferente no contexto do Brasil em sua totalidade. Além das pessoas idosas apresentarem ter um provento aquém do desejável, de acordo com os estudos feitos e as entrevistas realizadas, ainda assim, observa-se um percentual de 41% das pessoas idosas que arcam com suas rendas, todas as despesas particulares e de seus dependentes, dentre os quais são netos e, às vezes, ainda contribuem com a renda da família.

Entretanto, essas adversidades não só sobrecarregam as pessoas idosas financeiramente, como lhes impõem compromissos que, a priori, não deveriam estar sobre suas responsabilidades. Essa é uma das variáveis que distancia as pessoas idosas de uma velhice saudável e uma melhor qualidade de vida, tendo em vista, o alto custo de vida no Distrito Federal, e a máxima de que, nada se faz sem o dinheiro na frente.

Esta situação não é diferente com relação ao turismo, ao lazer, ao entretenimento e ao bem-estar. Portanto, faz-se necessário uma maior conscientização por parte da sociedade brasileira, com relação aos seus anciões,

sendo vigilantes e impedido que as pessoas idosas sejam exploradas financeiramente ou por outros meios, obrigando-as à trabalhos extras e desrespeitando-as, em seus direitos a uma vida digna e saudável em suas velhices.

Gráfico 10: Análise percentuais referente a religiosidade das pessoas idosas entrevistadas



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

O gráfico 10 apresenta as respostas referente à religiosidade de cada um dos entrevistados e constatou que no tocante a religião católica existia 10 (dez) pessoas idosas do gênero masculino (25,64%) e 9 (nove) pessoas idosas do gênero feminino (23,08%), perfazendo um total de 48,72%.

Já com relação aos evangélicos, o estudo percebeu existir 1 (uma) pessoa idosa do gênero masculino (2,56%) e 12 pessoas idosas do gênero feminino (30,78%), perfazendo 33,34%.

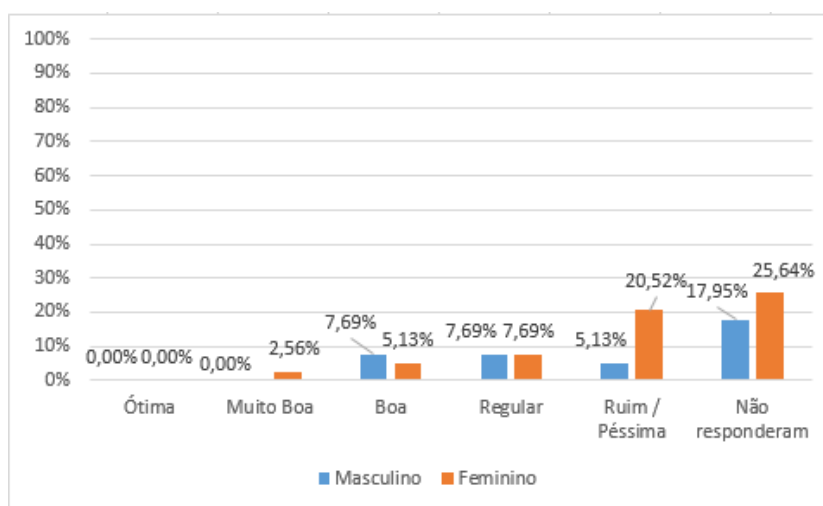
Quanto a religião espírita, das trinta e nove pessoas entrevistadas, 3 (três) se declararam espírita, sendo 1 (uma) do gênero masculino (2,56%) e 2 (duas) pessoas idosas do gênero feminino (5,13%), perfazendo 7,69%.

Todavia, a pesquisa não constatou nenhuma pessoa que tenha afirmado ser ateu ou ateia. Porém, diante dos estudos realizados, foi possível constatar a existência de 3 (três) pessoas idosas que afirmaram não terem nenhuma religião, sendo uma idosa do gênero masculino (2,56%) e 2 (duas) pessoas idosas do gênero feminino (5,13%), perfazendo 7,69%. Cabe ressaltar que no universo das 39 (trinta e nove) pessoas idosas entrevistadas de ambos os gêneros, apenas 1 (uma) não respondeu

a pesquisa (2,56%), totalizando: [(48,72%) + (33,34%) + (7,69%) + (7,69%) + (2,56%)] = 100%.

A pesquisa foi fundamental para se ter um apanhado da religiosidade das pessoas idosas, sendo que a uma pequena diferença da superioridade favorável à religião católica. Em um “linguajar político”, poderia se dizer que houve um empate técnico. A pesquisa apontou com clareza o avanço da religião evangélica, o que de certa forma tem incomodado bastante os adeptos do catolicismo, deixando transparecer que esse crescimento é uma realidade presente.

Gráfico 11: Análise de percentuais referente à história de vida (infância) das pessoas idosas entrevistadas



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

O gráfico 11 ilustra o histórico de vida das pessoas idosas em diversas fases de suas respectivas vidas. No que tange ao período de infância do quesito “ótima infância”, a pesquisa não observou nenhuma pessoa idosa que tenha usufruído dessa condição.

Já no tocante ao quesito “infância muito boa”, o estudo constatou não existir nenhuma pessoa idosa do gênero masculino neste estágio, já referente ao gênero feminino o estudo acusou 1 (uma) pessoa idosa, o que representa 2,56%.

No quesito “infância boa”, 3 (três) pessoas idosas do gênero masculino declararam de forma positiva (7,69%). Quanto ao gênero feminino, 2 (duas) pessoas idosas afirmaram ter tido uma infância boa (5,13%), perfazendo (12,82%).

Por sua vez, no quesito “infância regular”, a pesquisa acusou 3 (três) pessoas do gênero masculino (7,69%) e 3 (três) pessoas idosas do gênero feminino (7,69%), perfazendo 15,38%.

Entretanto, no quesito “infância ruim/péssima”, o estudo descobriu que 2 (duas) pessoas idosas do gênero masculino afirmaram ter tido uma infância nessa categoria (5,13%). Já no tocante ao gênero feminino constatou-se 8 (oito) pessoas do gênero feminino (20,52%), perfazendo 25,65%.

Não responderam 17 (dezessete) pessoas idosas, sendo 7 (sete) do gênero Masculino (17,95%) e 10 pessoas do gênero feminino (25,64%), perfazendo 43,59%. Totalizando: $[2,56\% + 12,82\% + 15,38\% + 25,65 + 43,59] = 100\%$.

O gráfico 11, no tocante a vida das pessoas idosa, vividas em suas respectivas infâncias, retrata uma realidade de pessoas que tiveram em seus inícios de vida como criança, uma fase difícil, talvez por serem em sua maioria, originárias de famílias pobres, que tiveram que trocar sua infância por atividades que pudessem ajudar na renda familiar.

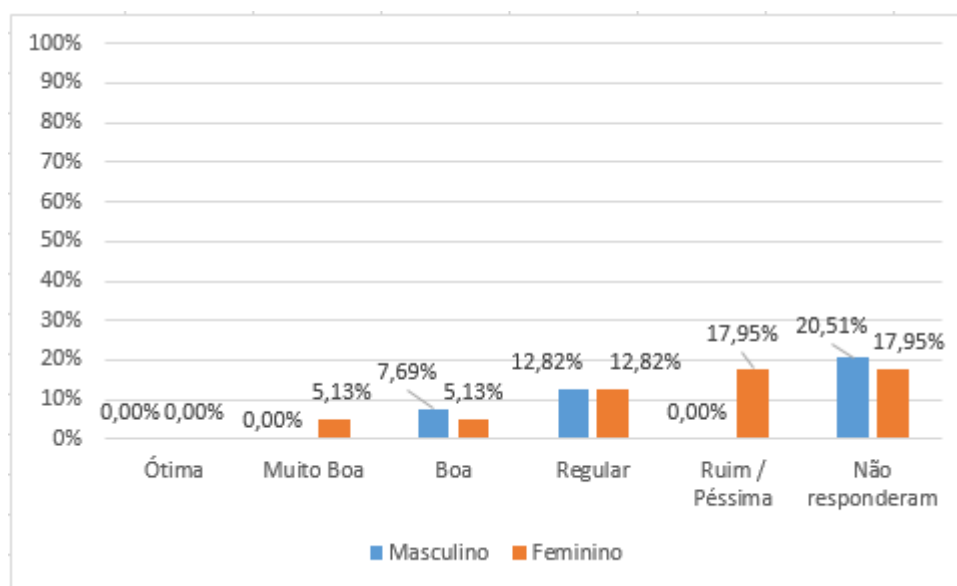
Muitas vezes, ao se posicionar no trabalho desde a infância (tanto na lavoura ou mesmo vendendo salgados nas ruas), o sujeito acaba não avançando nos estudos, lutando, em condições até violentas, para a própria subsistência e dos seus familiares. Essa é uma realidade que a pesquisa percebeu no semblante das pessoas idosas no transcorrer das entrevistas. Percebe-se, da mesma forma, uma certa tristeza no semblante dos entrevistados, ao falarem de suas infâncias, algumas delas chegando a lacrimejar os olhos durante a entrevista.

De acordo com o gráfico 12, referente às suas fases de vida na adolescência, o estudo constatou que no quesito “ótima adolescência” o percentual foi de 0,0% (zero).

No tocante a uma “adolescência muito boa”, a pesquisa não entrevistou nenhuma pessoa idosa do gênero masculino (0,0%), enquanto que do gênero feminino foi entrevistada 2 (duas) pessoas idosas (5,13%).

Já com relação ao quesito “adolescência boa”, foram entrevistadas 3 (três) pessoas idosas do gênero masculino (7,69%) e, referente ao gênero feminino, foram entrevistadas 2 (duas) pessoas idosas (5,13%), perfazendo um quantitativo de 12,82%.

Gráfico 12: Análise de percentuais referentes a história de vida (adolescência) das pessoas idosas entrevistadas



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

No quesito “adolescência regular”, foram entrevistadas 10 pessoas idosas de ambos os gêneros (Masculino/Feminino), sendo 5 (cinco) do masculino (12,82%) e 5 (cinco) do feminino (12,82%), perfazendo um total de 25,64%.

Enquanto que no quesito “adolescência ruim ou péssima”, foram entrevistadas 7 (sete) pessoas idosas, todas do gênero feminino (17,95%). Segundo a pesquisa, não havia nenhuma do gênero masculino.

Não responderam às perguntas com relação a suas vidas na adolescência, 8 (oito) pessoas do gênero masculino (20,51%) e 7 (sete) do gênero feminino (17,95%), perfazendo um total de 38,46%.

Totalizando: [(5,13%) + (12,82%) + (25,64%) + (17,95%) + (38,46%)] = 100%.

O gráfico 12 não é muito diferente do anterior, o Gráfico 11, constando que 7 (sete) pessoas declararam ter tido uma adolescência ruim (17,95%), enquanto que 15 (quinze) pessoas (38,46%) preferiram o silêncio.

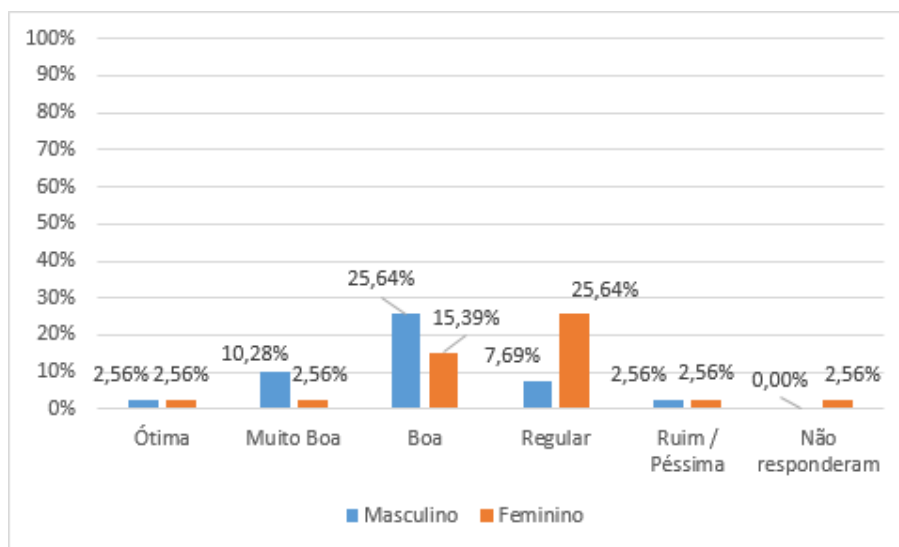
Somando-se o quesito “ruim” com os que permaneceram em silêncio, chegamos ao número de 22 pessoas (56,41%), mais da metade das trinta e nove pessoas idosas entrevistadas. Este é um reflexo que tem se acentuado nas grandes cidades, seja na infância ou na velhice das pessoas, haja visto, que as pessoas com menor renda *per capita*, insistem em ter um número elevado de filhos, em média três

filhos por família, o que convenhamos para se sustentar - uma família com cinco pessoas ou mais -, recebendo um salário mínimo, torna-se uma realidade muito difícil.

Outro fator determinante é a baixa escolaridade dessas pessoas, que acabam refletindo estes efeitos sociais em seus filhos que, quando chegam na faixa etária de 12 (doze) anos de idade, grande parte abandona a escola e passa a trabalhar, informalmente, em busca de renda (por necessidade própria ou para ajudar seus familiares) e qualidade de vida.

Diante dessa realidade de sobrevivência, os jovens perdem a adolescência e também a cidadania, que é a escola que forma o cidadão ou cidadã com opinião crítica e conhecedor de seus deveres e direitos. Portanto, é preciso pensar em políticas públicas que tenham um olhar voltado para o social, preservando nossas crianças e adolescentes de hoje, que serão os futuros homens e mulheres de amanhã.

Gráfico 13: Análise de percentuais referentes a história de vida (fase adulta) das pessoas idosas entrevistadas



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

O Gráfico 13 retrata a situação vivida na fase adulta pelas 39 (trinta e nove) pessoas idosas entrevistadas, conforme pesquisas realizadas em campo. No que se refere ao quesito “fase adulta ótima”, foi constatado a existência de apenas 2 (duas) pessoas idosas, sendo uma do gênero masculino (2,56%) e a outra do gênero feminino (2,56%), perfazendo (5,13%).

Já no que se refere ao quesito “muito boa”, a pesquisa constatou a existência de 5 (cinco) pessoas adultas, sendo 4 (quatro) do gênero masculino (10,26%) e apenas uma do gênero feminino (2,56%), perfazendo 12,82%.

No tocante ao quesito “fase adulta boa”, o estudo aponta 16 (dezesesseis) pessoas idosas, sendo 10 (dez) do gênero masculino (25,64%) e 6 (seis) do gênero feminino (15,38%), perfazendo 41,03%.

Quanto ao quesito “fase adulta regular”, a pesquisa constatou existir 13 (treze) pessoas idosas, sendo que 3 (três) eram do gênero masculino (7,69%) e 10 (dez) eram do gênero feminino (25,64%), perfazendo (33,33%).

Entretanto, no quesito “fase adulta ruim ou péssima”, o estudo observou que 2 (duas) pessoas declararam ter uma vida ruim ou péssima, sendo 1 (uma) do gênero masculino (2,56%) e uma outra do gênero feminino (2,56%), perfazendo 5,13%.

Por fim, apenas 1 (uma) das pessoas idosas (2,56%) não respondeu à pergunta, o que totaliza: [(5,13%) + (12,82%) + (41,03%) + (33,33%) + (5,13%) + (2,56%)] = 100%.

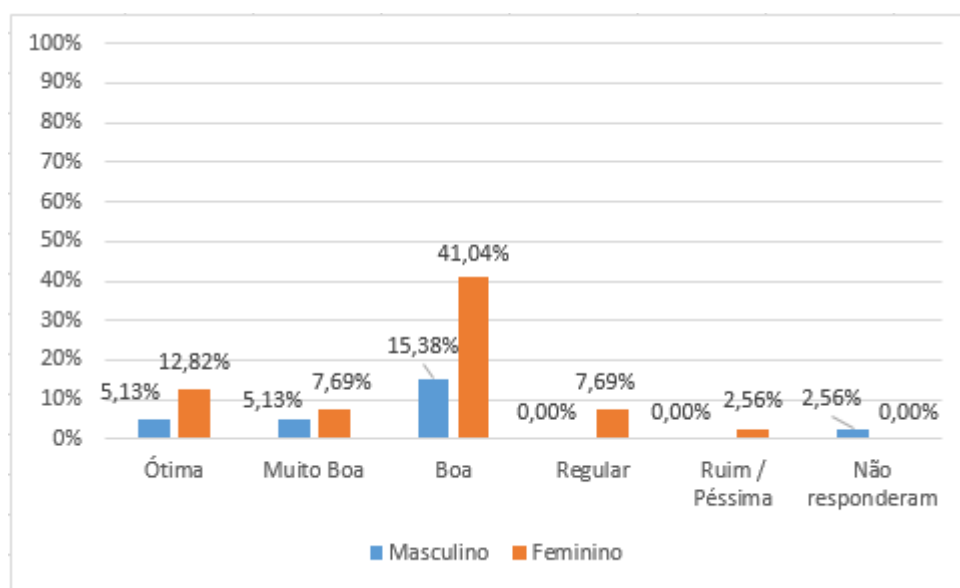
No Gráfico 13 a pesquisa conseguiu extrair um diagnóstico positivo das situações ora vividas pelas pessoas idosas residentes nas RA III - Taguatinga, bem como na RA IX - Ceilândia. Embora tenha sido possível observar que mediante as entrevistas realizadas com as trinta e nove pessoas idosas de ambos os gêneros, o quesito “ótima”, aparece de forma tímida.

Já os quesitos “muito boa” e “boa” apresentam uma relativa melhoria, sendo que o quesito “boa” tem um destaque considerável, enquanto que o “regular” se mantém estável. Os quesitos “ruim” e os que não responderam apresentaram um índice bem baixo comparado aos itens anteriores apresentados.

O Gráfico 14 a seguir ilustra muito bem a situação vivida pelas pessoas idosas após as suas aposentadorias. No quesito “vida ótima” o quadro constatado foi que existem 7 (sete) pessoas idosas nesta situação, sendo 2 (duas) do gênero masculino (5,13%) e 5 (cinco) pessoas idosas do gênero feminino (12,82%), perfazendo 17,95% de soma.

Já no tocante ao quesito “vida muito boa”, a pesquisa constatou existir 5 (cinco) pessoas neste estado, sendo 2 (duas) do gênero masculino (5,13%) e 3 (três) do gênero feminino (7,69%), perfazendo 12,82%.

Gráfico 14: Análise de percentuais referentes a história de vida das pessoas idosas entrevistadas no período após aposentadoria



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Quanto ao quesito vida boa o estudo constatou a existência de 22 (Vinte e duas) pessoas idosas sendo que 6 (seis) eram do gênero masculino (15,38%) e 16 (dezesesseis) do gênero feminino (41,03%), perfazendo 56,41%.

Por sua vez, no quesito “vida regular”, a pesquisa constatou existir 3 (três) pessoas idosas, sendo todas do gênero feminino (7,69%) e nenhuma do gênero masculino (0,0%).

No que se refere ao quesito “ruim e péssimo”, a pesquisa entrevistou apenas uma pessoa idosa, sendo esta do gênero feminino (2,56%). Por fim, o estudo observou a existência de 1 (uma) pessoa idosa do gênero masculino (2,56%) que não respondeu com relação a este item.

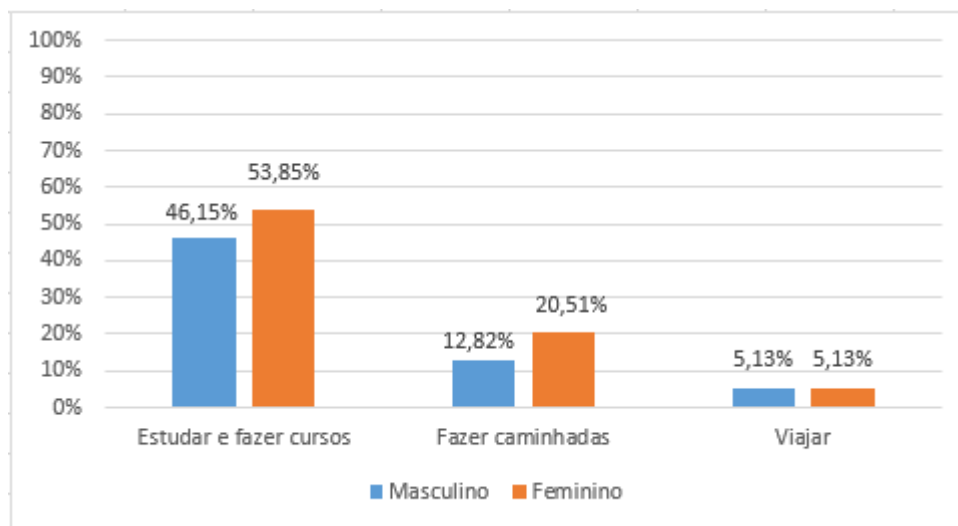
Totalizando, obtém-se a soma: $[(17,95\%)+(12,82\%)+(56,41\%)+(7,69\%)+(2,56\%)+(2,56\%)] = 100\%$.

O gráfico 14 segue praticamente o mesmo parâmetro do gráfico nº 13, tendo, porém, apresentado uma leve subida no tocante a melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas entrevistadas. Destacam-se os itens “ótima”, “muito boa” e “boa”, que obtiveram uma acrescida considerável. Quanto aos quesitos “regular”, “ruim/péssima” e os que não responderam sofreram uma queda significativa.

Segundo a pesquisa, os avanços na qualidade de vida das pessoas idosas em suas fases adultas e após à aposentadoria, deve-se em parte à mudança dessas

pessoas de seus locais de origem e à estabilidade de vínculos com as Regiões Administrativas em destaque (RA III - Taguatinga e RA IX - Ceilândia).

Gráfico 15: Análise percentuais referente às atividades preferidas por parte das pessoas idosas



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

O Gráfico 15 aponta em primeiro lugar, segundo os estudos de campo e entrevistas realizadas, que na opinião de 18 (dezoito) pessoas do gênero masculino vem o quesito “estudar” (46,15%), já no tocante ao gênero feminino, o alcance foi ainda maior de 21 (vinte e uma) pessoas idosas, que declararam suas preferências pelo estudo (53,85%), caracterizando uma unanimidade entre as trinta e nove pessoas idosas entrevistadas, ou seja 100%.

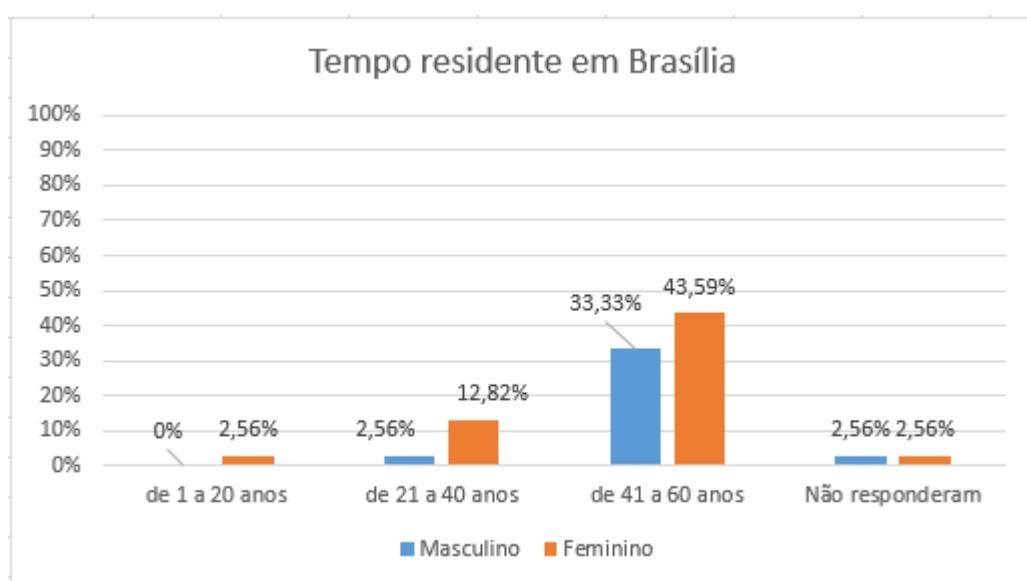
Em segundo lugar aparece o quesito “caminhada”, na opinião manifestada por 5 (cinco) pessoas idosas do gênero masculino (12,82%) e 8 (oito) do gênero feminino (20,51%), somando, portanto, 13 (treze) pessoas dos dois gêneros (33,33%).

Já no terceiro lugar aparece, de acordo com os entrevistados, o quesito viajar para 2 (dois) do gênero masculino (5,13%) e também 2 (dois) para o gênero feminino (5,13%), perfazendo (10,26%).

O estudo ainda mostra que apesar da idade avançar no tempo, as pessoas idosas se mostram 100% ativas e lúcidas em suas atividades, no que tange a busca pelo estudo, por caminhadas e viajar (um dos segmentos do turismo). Associado ao estudo, à caminhada, ao lazer, ao entretenimento e ao bem-estar, a viagem também propicia a saúde das pessoas idosas, melhorando significativamente a qualidade de vida e a longevidade dessas pessoas.

Isso, por sua vez, é extremamente relevante para uma vida saudável com qualidade de vida e para o convívio social. Estudar é uma de muitas maneiras das pessoas estarem próximas umas das outras, onde há um estreitamento das amizades, troca de conhecimentos e fraternidade, o que é muito comum nas pessoas desta faixa etária, tendo em vista os longos anos de vida existencial e o acúmulo das experiências acumuladas no decorrer de suas vidas.

Gráfico 16: Análise percentuais referente a quanto tempo as pessoas idosas entrevistadas moram no Distrito Federal brasileiro



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

O gráfico 16 traz um apanhado sobre o tempo de moradia das 39 (trinta e nove) pessoas idosas entrevistadas. Segundo a primeira categoria, o período entre “1 a 20 anos”, constatou-se que apenas uma pessoa idosa, do gênero feminino, mora no Distrito Federal, totalizando a categoria em 2,56%.

Já no período entre “21 a 40 anos”, 5 (cinco) pessoas das 39 (trinta e nove) pessoas idosas entrevistadas, declararam residir no Distrito Federal. Sendo 1 (uma) pessoa do gênero masculino (2,56%) e 5 (cinco) pessoas idosas do gênero feminino (12,82%), perfazendo (15,38%).

No que se refere ao período entre “41 a 60 anos”, foi constatado que 30 (trinta) pessoas residem no Distrito Federal, sendo que 13 (treze) destas pessoas idosas eram do gênero masculino (33,33%) e 17 (dezessete) pessoas eram do gênero feminino (43,59%), perfazendo um total de 76,92%.

A pesquisa apontou ainda que 2 (duas) pessoas idosas não responderam a essa pergunta, sendo uma do gênero masculino (2,56%) e a outra do gênero feminino (2,56%), perfazendo 5,13%.

Registrando este total, pode-se observar: $[(2,56\%)+(15,38\%)+(76,92\%)+(5,13\%)] = 100\%$.

O Gráfico 16 ainda ilustra o perfil de pioneirismo das 39 (trinta e nove) pessoas idosas entrevistadas, que em sua maioria residem, entre 21 a 60 anos, na RA III - Taguatinga e na RA IX - Ceilândia. Assim, podemos considerar que estes protagonistas vivenciam a vida cotidiana na Capital Federal há mais de duas décadas, chegando a seis décadas, segundo a pesquisa.

3.2 A qualidade de vida das pessoas idosas entrevistadas

A segunda parte das entrevistas realizadas teve como proposta identificar questões que vão além das características particulares dos entrevistados. Busca-se refletir sobre o papel das Universidades, se tem cumprido um papel ativo no tocante à melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas no Distrito Federal. Busca-se também entender o que falta ao idoso e o que poderia ser feito a favor do mesmo, possibilitando uma reflexão sobre o próprio papel do Estado neste sentido.

O roteiro da entrevista também abordou sobre o conhecimento das pessoas idosas a respeito do Estatuto do Idoso, e se, em algum momento, elas já tiveram que recorrer ao seu conteúdo, por terem os seus direitos desrespeitados. Assim, pode-se analisar a respeito da qualidade de vida das pessoas idosas entrevistadas e se haveria alguma sugestão no que seria possível melhorar.

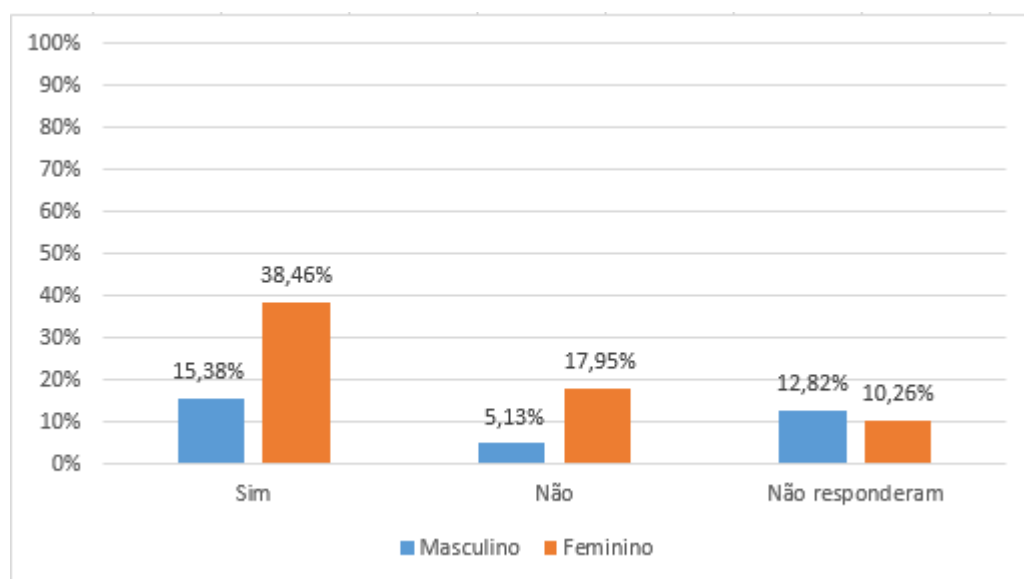
Como se pode observar pelo Gráfico 17, que retrata a opinião das pessoas idosas com relação à contribuição dada pelas universidades para a melhoria de suas qualidades de vida, 6 (seis) pessoas idosas do gênero masculino (15,38%) e 15 (quinze) pessoas idosas do gênero feminino (38,46%) afirmaram que as Universidades contribuem, sim, positivamente para a melhoria da qualidade de suas vidas, perfazendo um total de 53,84% pessoas idosas.

Por outra parte, 9 (nove) pessoas idosas pensam que não. Sendo 2 (duas) do gênero masculino (5,13%) e 7 (sete) do gênero feminino (17,95%), perfazendo (23,08%).

Entretanto, outras 9 (nove) pessoas idosas não opinaram, sendo 5 (cinco) pessoas idosas do gênero masculino (12,82%) e 4 (quatro) do gênero feminino (10,26%), perfazendo 23,08%.

Totalizando, é possível conferir: $[(53,84\%)+(23,08\%)+(23,08\%)] = 100\%$.

Gráfico 17: Análise das opiniões das pessoas idosas entrevistadas sobre a participação das Universidades na qualidade de vida



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

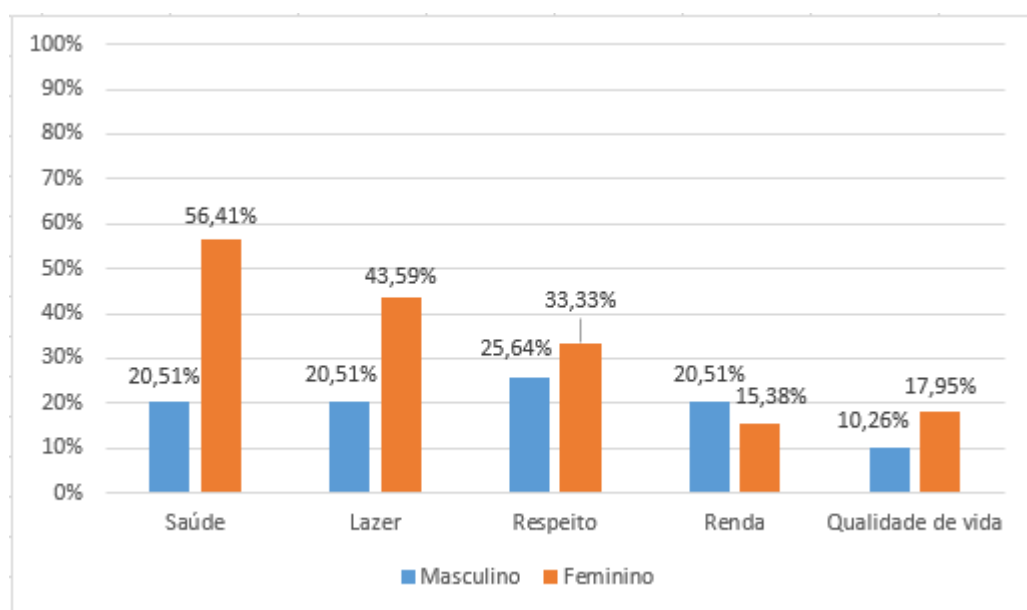
O gráfico 17, assim, ilustra o pensamento e juízo que as pessoas idosas entrevistadas fazem a respeito da importância das universidades em suas vidas. Das 39 (trinta e nove) pessoas que foram ouvidas, 21 (vinte e uma) pessoa (53,85%) responderam de forma livre e espontânea vontade, reconhecerem que as universidades contribuem sim, para a melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas, proporcionando diversas formas de inserção social, oferecendo oportunidade de qualificação, cursos de línguas estrangeiras, acesso à saúde, ao lazer, ao entretenimento e promovem o bem-estar, em prol da melhora da qualidade de vida das pessoas idosas.

Por outro lado, como já mencionado, 9 (nove) pessoas (23,08%) acham que as universidades não contribuem para a melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas. Outras 9 (nove) pessoas não opinaram, somando-se 9 (nove) opiniões negativas, com mais 9 (nove) de pessoas que não responderam. O que ajuda considerar que 18 (dezoito) pessoas ignoram as práticas ou devolutivas das universidades (46,15%) para a sociedade. Este dado representa um percentual

bastante alto no tocante à importância que as universidades têm na formação de cidadãos e cidadãs críticos e responsáveis.

Já no Gráfico 18, pode-se observar as opiniões das pessoas idosas entrevistadas referente às carências e às respectivas prioridades para que possam usufruir de uma melhor qualidade de vida.

Gráfico 18: Análise percentuais referente as opiniões das pessoas idosas entrevistadas sobre o que lhes falta e o que poderia ser feito a seu favor



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

No quesito “saúde”, a pesquisa constatou que 30 pessoas idosas são favoráveis em primeiro lugar, sendo que 8 (oito) pessoas idosas eram do gênero masculino (20,51%) e 22 (vinte e duas) pessoas do gênero feminino (56,41%), perfazendo 76,92%.

Em segundo lugar, vem o “lazer”, sendo na opinião de 25 (vinte e cinco) pessoas idosas uma possível contribuição para a qualidade de vida. Deste total de pessoas, 8 (oito) eram do gênero masculino (20,51%) e 17 (dezessete) do gênero feminino (43,59%), perfazendo um total de 64,10% da resposta.

No terceiro lugar, aparece o “respeito” com 23 (vinte e três) opiniões favoráveis. Segundo os dados, as 39 (trinta e nove) pessoas idosas entrevistadas, se manifestaram com 10 (dez) eram do gênero masculino (25,64%) e 13 (treze) do gênero feminino (33,33%), perfazendo um total de 58,97%.

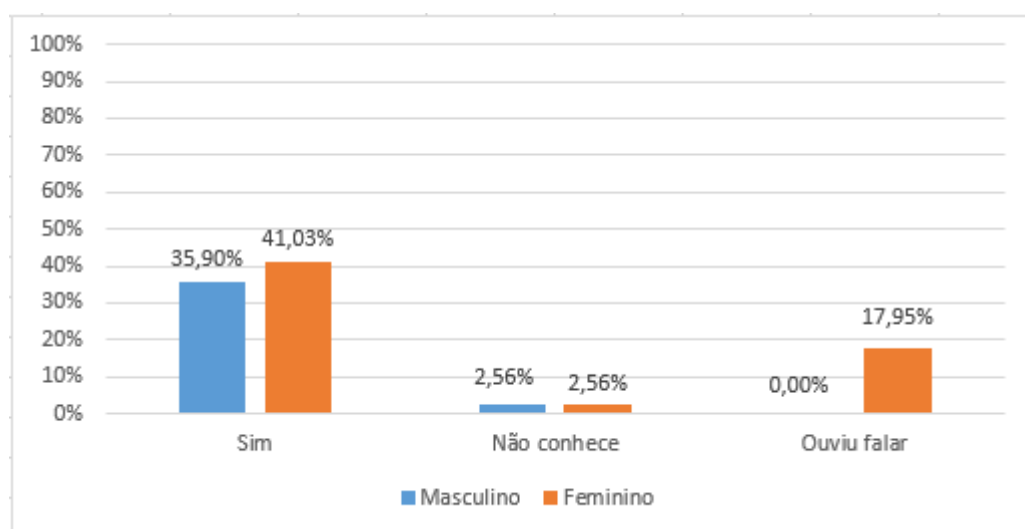
O quesito “renda” aparece em quarto lugar, com 14 (quatorze) pessoas idosas de opinião favoráveis à sua vida cotidiana. Sendo que 8 (oito) pessoas eram do gênero masculino (20,51%) e 6 (seis) eram do gênero feminino (15,38%), perfazendo 35,89%.

Por fim, aparece a “qualidade de vida” em quinto lugar, com a opinião de 11 (onze) pessoas favoráveis, sendo que 4 (quatro) eram do gênero masculino (10,26%) e 7 (sete) do gênero feminino (17,95%), perfazendo um total de 28,21%.

O Gráfico 18 traz um diagnóstico que ratifica as preocupações das pessoas idosas no tocante de suas prioridades para a melhoria da qualidade de vida, e o que poderia ser feito a favor das mesmas. Torna-se evidente, objetivamente, o que é prioridade em suas respectivas vidas e o que é possível fazer em prol da melhoria das mesmas, apontando com clareza e convicção as suas realidades do dia-a-dia.

Neste contexto, o estudo contribuiu de forma assertiva, através das entrevistas, para oportunizar identificar de um grupo de 39 (trinta e nove) pessoas idosas dos gêneros masculino e feminino, com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos de idade, as suas necessidades e pontos de vistas de forma livre e espontânea, externando quais são as suas carências e prioridades, para que possam ter uma participação ativa e serem inseridas no processo transformador da sociedade.

Gráfico 19: Análise percentuais referente ao conhecimento das pessoas idosas relacionado ao Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003)



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

O Gráfico 19 ilustra a opinião das 39 (trinta e nove) pessoas idosas entrevistadas, referente aos seus conhecimentos sobre o Estatuto da Pessoa Idosa,

Lei nº 10.741/2003. A pesquisa de campo constatou que 30 (trinta) pessoas idosas tem conhecimento sim do estatuto, Lei nº 10.741/2003, sendo que 14 (quatorze) pessoas idosas são do gênero masculino (35,90%) e 16 (dezesesseis) do gênero feminino (41,03%), perfazendo 76,93% no total. No entanto, 2 (duas) pessoas idosas, declararam desconhecer o estatuto da pessoa idosa, sendo 1 (uma) do gênero masculino (2,56%) e 1 (uma) do gênero feminino (2,56%), perfazendo um total de 5,12%.

O estudo ainda constatou que 7 (sete) pessoas idosas apenas ouviram falar do estatuto da pessoa idosa, bem como da lei nº 10.741/2003. Portanto, não tem opinião formada a respeito do que representa o Estatuto do Idoso, nem tão pouco da lei nº 10.741/2003, sendo todas elas do gênero feminino (17,95%).

Assim, totalizando os dados identificados, pode-se apresentar: $[(76,93\%) + (5,12\%) + (17,95\%)] = 100\%$.

Mediante este estudo, foi possível constatar que a maioria delas tem conhecimento do estatuto da pessoa idosa, Lei nº 10.741/2003, sendo 30 (trinta) pessoas idosas (76,93%) no total. Entretanto, 2 (duas) pessoas (5,12%) declararam desconhecer o estatuto das pessoas idosas. Por sua vez, 7 (sete) outras pessoas, apenas ouviram falar a respeito do estatuto. Este último dado chega a ser preocupante, uma vez que essa lei é (ou deveria ser) fundamental para elucidar quaisquer necessidades, desrespeito ou violência que a pessoa idosa venha a ter ou sofrer em sociedade. É primordial, portanto, que as pessoas idosas tenham conhecimento e consciência deste estatuto, Lei nº 10.741/2003, criada exclusivamente para protegê-las e resguardar seus direitos.

Uma questão da entrevista que merece ser mais detalhada, pela sua característica subjetiva, é a referente a opinião dos entrevistados sobre: “Na sua opinião, o que falta ao idoso e o que poderia ser feito a favor do mesmo?”.

As respostas obtidas foram exatamente iguais às expressas no Gráfico 18, que elenca a saúde como o bem mais precioso em suas vidas, tendo sido classificada em primeiro lugar. Sendo que 8 (oito) pessoas eram do gênero masculino (20,51%) e que a maioria, 22 (vinte e duas) pessoas, eram do gênero feminino (56,41 %), perfazendo um total de 76,92% das respostas. O lazer aparece em segundo lugar com 25 (vinte e cinco) declarações, de acordo com as opiniões das pessoas idosas entrevistadas. Sendo que 8 (oito) eram do gênero masculino (20,51%) e 17 (dezesete) do gênero

feminino (43,59%), perfazendo um total de 64,10%. Em terceiro lugar, de acordo com a pesquisa, aparece o respeito na opinião de 23 (vinte e três) pessoas idosas das 39 (trinta e nove) entrevistadas. Sendo que 10 (dez) eram do gênero masculino (25,64%) e 13 (treze) do gênero feminino (33,33%). Já em quarto lugar, aparece a renda de acordo com a pesquisa realizada com as 39 (trinta e nove) pessoas idosas, 14 (quatorze) declararam favoráveis a renda, sendo que 8 (oito) eram do gênero masculino (20,51%) e apenas 6 (seis) do gênero feminino (15,38%), perfazendo 35,89%.

E por fim, em quinto lugar, temos a qualidade de vida na opinião de 11 (onze) pessoas, sendo que 4 (quatro) eram do gênero masculino (10,26%) e 7 (sete) eram do gênero feminino (17,95%).

Vale destacar alguns dos depoimentos registrados durante a realização das entrevistas, conforme a seguir:

Eu gosto muito de caminhada, caminhada é muito bom para a saúde, então como eu gosto muito de viajar, e não viajo só, porque eu viajo em ônibus de turismo para fazer minhas compras, uma turma bem organizada, pessoas idosas, pessoas novas, aí vai aquele conjunto de pessoas de várias idades. No ônibus de turismo, isso me enriquece. Gosto muito de fazer isso, e me sinto feliz (PARTICIPANTE A, 2020, registro oral).

Que Deus nos dê saúde e paz, amo minha família, e incentivo muito para que elas possam viajar muito. Estive em um clube e questionei o fato de não haver meia entrada para o Idoso. Há preconceito de toda ordem, os idosos são invisíveis, nas paradas de homens quando estão sós os ônibus não param (PARTICIPANTE B, 2020, registro oral).

Olha está melhorando muito. Eu disse para melhorar ainda mais, a vida do idoso, precisa ter acesso fácil a saúde, porque o SUS, faz a parte dele, nós sabemos da burocracia, e às vezes o desleixo, do poder público, em suas unidades de saúde, hoje ouvir pessoas que trabalham em Upas aqui de Brasília, principalmente aqui na Ceilândia que os funcionários precisam comprar os materiais de trabalho para poder assistir as pessoas que vão em busca das Upas então quando nós sabemos que existem materiais deteriorados, máquinas importantíssimas a saúde que estão sendo deterioradas fechadas a anos nos ambientes hospitalares em desuso, sobre a responsabilidade do poder público, seria interessante que os nossos governantes pudessem olhar essa parte, para que o acesso do idoso, não só idoso, mas as crianças que precisam, fosse mais facilitada, olha é muitas pessoas morrendo. Nos hospitais nos postos de saúde sendo maltratadas, os remédios. Nós tivemos uma informação através do zap.um montão de remédios no galpão que teve de ser incinerados porque perdeu o prazo da validade. Isso é um crime contra a humanidade, principalmente para as pessoas que necessitam desses remédios (PARTICIPANTE C, 2020, registro oral).

Se ele tiver um bom acompanhamento médico, no sentido total, e ele possuir uma renda que lhe propicie tranquilidade, ele vai viver muito bem! Embora eu ache que essa é a parte difícil de se consumir no momento no Brasil. Alguns

poucos felizardos, podem se dizer tranquilos neste aspecto (PARTICIPANTE D, 2020, registro oral).

É a colaboração mais no sentido de saúde, porque deixa muito a desejar. Pra todos, principalmente para o Idoso. Que a saúde fosse mais favorável para a gente. Eu não tenho o que reclamar no sentido remédio, eu não tenho problemas com isso. Mas, já outras pessoas já têm. Então o que poderia ser feito era mais, atividades também, mais passeios para as pessoas da terceira idade. Porque tem muitos que não tem condições de ir por conta própria (PARTICIPANTE E, 2020, registro oral).

É o governo né, olhar mais um pouquinho, dar mais atenção no problema de saúde, dar mais atenção no problema de saúde. Se ele der mais atenção, será ótimo. Tem idoso que às vezes morre, por falta de assistência. O médico dá uma olhadinha e manda para casa, o Idoso perde a paciência, saí da fila, eu fui ao Núcleo Bandeirantes na fila dos remédios fui lá pegar remédios, a fila era muito grande os idosos estavam na fila para pegar o seu remédio na policlínica, todos estavam reclamando e falando mal do governo. Será que eles estavam errados? Não! Estão certos. Estavam falando o que eles estão sofrendo (PARTICIPANTE F, 2020, registro oral).

Tem muita coisa que precisa fazer a favor do Idoso. Primeiro: A saúde, porque a saúde do Brasil e o Distrito Federal são péssimos. É de quinta prá lá. Porque o Idoso chega em um hospital da vida desses daí! Uma tal de UPA dessas aí, fica morrendo em cima de uma tábua, uma maca que eu já vi no hospital de Ceilândia o bombeiro chegar, e o SAMU chegar com alguém, ficar na própria maca do SAMU no corredor do hospital e o SAMU ficou sem trabalhar, porque não tinha uma maca para colocar o paciente. Agora que país nós estamos? Isso tudo acontecendo na capital do Brasil, que nem parece ser a Capital do País, e aí se arrasta pelo menos desde 1977, quando eu cheguei aqui. É como dizia meu pai: “a cantiga da perua é de mal a pior”, é zero. Para o Idoso, é zero. Agora você imagina, no papel nós temos direitos disso, daquilo e de outras coisas, mas na prática. Não tem direito a patavina nenhuma infelizmente, está muito a desejar. Não é só o Distrito Federal não. É o país todo. Nossos governantes, só lembram dos latifundiários, dos banqueiros, e do pobre, só na hora do voto. Põe a mão em seu pescoço, só falta dar um cheirinho no cangote (PARTICIPANTE G, 2020, registro oral).

Então, primeiramente a saúde, o, respeito, cidadania, todo mundo, não só com o Idoso, mas com todos. Que seja assim, as pessoas se aproximem mais das pessoas, para ver a sua capacidade, acho que isto é um modo de ajudar as outras pessoas (PARTICIPANTE H, 2020, registro oral).

Estes foram alguns dos depoimentos que certificam o posicionamento da promoção à saúde como essencial para as pessoas idosas e valem como propostas estratégicas para se pensar ações para o Ministério do Turismo, voltadas às pessoas idosas. Entretanto, esta sugestão merece ser analisada com mais detalhe em futuras pesquisas.

Cabe aqui esclarecer que, das 39 (trinta e nove) pessoas idosas entrevistadas, poderiam ter respondido muito mais de uma opção, e que de acordo com a pesquisa estruturada anteriormente, estes 5 (cinco) itens foram os que mais foram citados durante as falas.

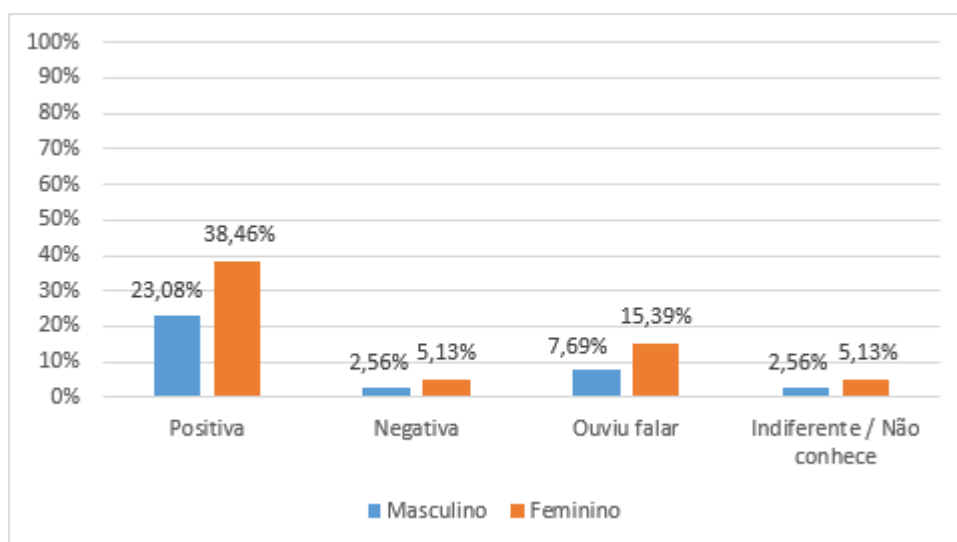
3.3 A contribuição do Turismo para a qualidade de vida das pessoas idosas

A última parte das entrevistas realizadas possibilita uma análise sobre a relação do turismo, juntamente com o papel do Ministério do Turismo no fazer e planejar turismo no território brasileiro, para a melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas. Além de observar o ato de viajar como instrumento efetivo dessa qualidade de vida.

Iniciando com o Gráfico 20, pode-se compreender que 24 (vinte e quatro) pessoas idosas entrevistadas, entre o total de 39 (trinta e nove), consideram o turismo como atividade positiva para melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas. Os dados revelam que 9 (nove) dos que responderam foram do gênero masculino (23,08%) e 15 (quinze) foram do gênero feminino (38,46%), perfazendo 61,54%.

Entretanto, houve 3 pessoas que responderam negativamente, sendo 1 (uma) do gênero masculino (2,56%) e 2 (duas) do gênero feminino (5,13%), perfazendo um total de (7,69%).

Gráfico 20: Análise percentuais referentes às opiniões sobre o turismo



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Das 39 (trinta e nove) pessoas idosas entrevistadas, 9 (nove) pessoas idosas de ambos os gêneros declararam apenas ouvir falar de turismo, sendo que 3 (três) pessoas eram do gênero masculino (7,69%) e 6 (seis) eram do gênero feminino (15,39%), perfazendo um total de 23,08%.

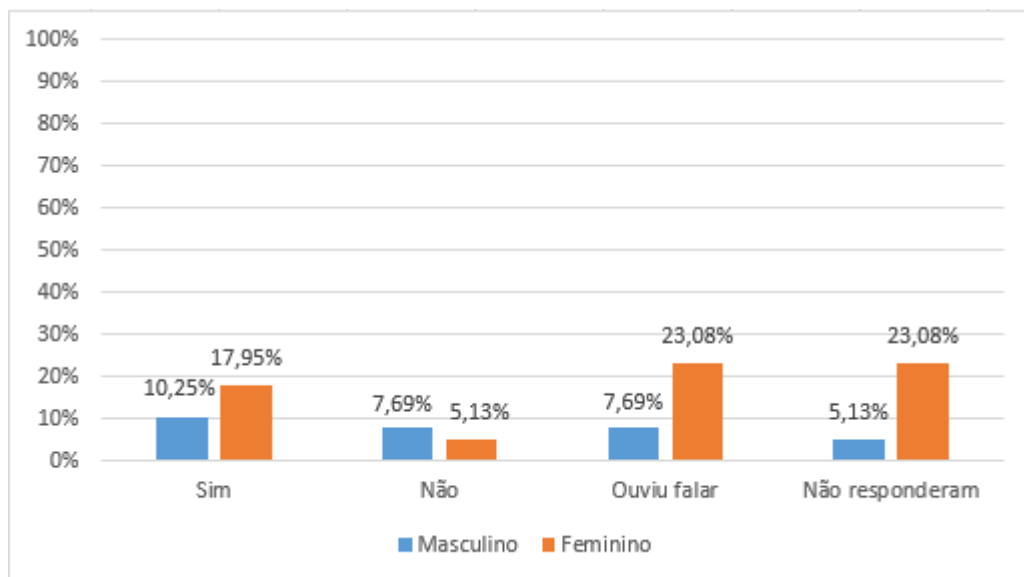
Uma pessoa idosa do gênero masculino se declarou indiferente com relação ao turismo, o que representa um valor de 2,56% das respostas. Outras 2 (duas) pessoas idosas do gênero feminino afirmaram desconhecer por completo o sentido do turismo (5,13%) para a qualidade de vida.

Assim, totaliza-se $[(61,54\%)+(7,69\%)+(23,08\%)+(2,56\%)+(5,13\%)]= 100\%$.

A seguir, o Gráfico 21 nos ajuda a observar o resultado das respostas sobre o conhecimento do Ministério do Turismo e sua atuação no território brasileiro.

Responderam de forma positiva referente à existência e atuação do Ministério do Turismo, 11 (onze) pessoas idosas, sendo 4 (quatro) do gênero masculino (10,25%) e 7 (sete) do gênero feminino (17,95%), perfazendo 28,20%. Já 5 (cinco) pessoas idosas se posicionaram negativamente com relação à existência e atuação do MTur, sendo 3 (três) do gênero masculino (7,69%) e 2 (duas) do gênero feminino (5,13%), perfazendo um total de 12,82%.

Gráfico 21: Análise referente o que pensam as pessoas idosas com relação ao Ministério do Turismo (MTur)



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A pesquisa também diagnosticou que 12 (doze) pessoas (30,77%) idosas de ambos os gêneros, declararam apenas ouvir falar sobre o Ministério do Turismo (MTur), sendo 3 (três) do gênero masculino (7,69%) e 9 (nove) do gênero feminino (23,08%).

Por outra parte, 11 (onze) pessoas idosas declararam não ter opinião formada a respeito do Ministério do Turismo, sendo 2 (duas) do gênero masculino (5,13%) e 9 (nove) do gênero feminino (23,08%), perfazendo um total de 28,21%.

Ao totalizar os dados, têm-se: [(28,20%)+(12,82%)+(30,77%) +(28,21%)] = 100%.

Mediante o resultado do Gráfico 21, ficou demonstrado o desconhecimento por parte da maioria das 39 (trinta e nove pessoas) idosas entrevistadas sobre o Ministério do Turismo, onde apenas 11 (onze) pessoas (28,20%), afirmaram ter conhecimento do órgão, opinando de forma positiva quanto à existência e ações do mesmo. Enquanto que 5 (cinco) pessoas (12,82%) responderam de forma negativa no tocante à existência do Ministério do Turismo.

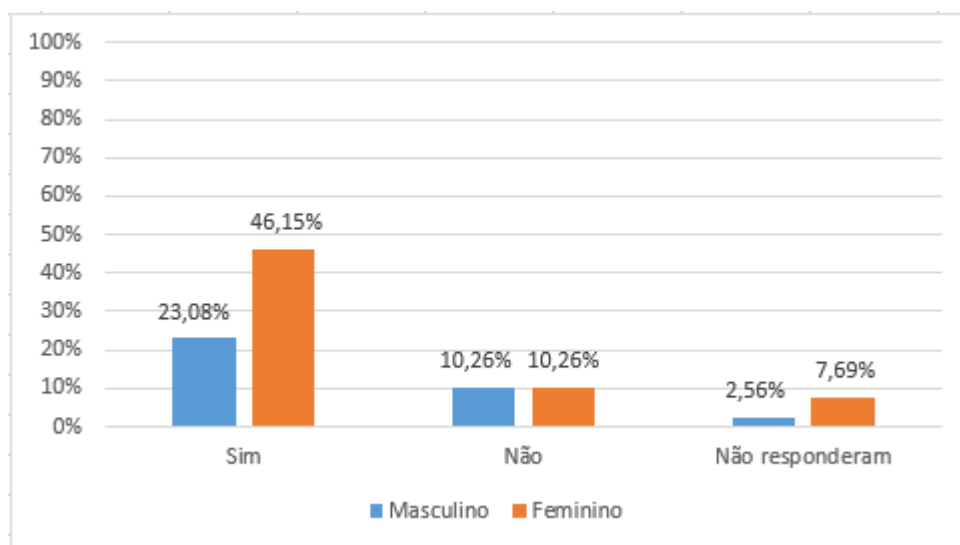
Conforme a fala de alguns dos entrevistados, o Ministério do Turismo não faz por merecer a sua existência, não divulgam de forma ampla as suas atuações em sociedade. As que declararam que apenas ouviram falar a respeito do órgão (30,77%) e das que não responderam (28,21%), totalizam um percentual de 58,98%. Tal informação precipita uma análise mais acurada com relação a este fenômeno. Surgem, assim, os questionamentos: - O que está verdadeiramente ocorrendo com o Ministério do Turismo (MTur)? Falta divulgação, comunicação ou o Ministério do Turismo é inoperante, não fazendo por merecer o reconhecimento de sua existência por parte das pessoas idosas? Pelo menos, foi o que se percebeu a partir das 39 (trinta e nove) pessoas idosas que foram entrevistadas pela pesquisa.

O Gráfico 22, aqui analisado, elenca os percentuais de vezes em que as pessoas idosas costumam viajar. Neste contexto, a pesquisa de campo realizada com as 39 (trinta e nove) pessoas idosas, constatou que 27 (vinte e sete) delas confirmaram já terem viajado. Sendo que 9 (nove) pessoas eram do gênero masculino (23,08%) e 18 (dezoito) do gênero feminino (46,15%), perfazendo um total de 69,22%.

Entretanto 8 (oito) pessoas declaram que não viajam. Sendo 4 (quatro) do gênero masculino (10,26%) e outras 4 (quatro) do gênero feminino (10,26%), perfazendo 20,52% do total das respostas.

Por fim, foram identificadas 4 (quatro) pessoas que não se dispuseram a responder a esta pergunta (10,26%).

Gráfico 22: Análise referente a possíveis viagens que as pessoas idosas costumam realizar



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Conferindo as respostas, obtêm-se: $[(69,22\%)+(20,52\%)+(10,26\%)] = 100\%$.

Assim, o Gráfico 22 traz uma curiosidade em relação ao Gráfico 21 antes analisado. Enquanto no Gráfico 21 apresenta 12,82% das pessoas que não conhecem o Ministério do Turismo, no Gráfico 22 apresenta um percentual de 69,23% das pessoas que afirmaram viajar. Portanto, não há como negar que viajar tem ligação forte com turismo, mas que, por sua vez, não faz relação alguma com o Ministério do Turismo (MTur), haja visto, que esses dados (os de número de viagens realizadas no país ou no exterior) são também catalogados pelo próprio Ministério supracitado.

Vale destacar nesta parte da análise os dados recentes apresentados pelo Ministério do Turismo, sobre o percentual de viagens realizadas no Brasil até o ano de 2020.

Os dados informam que no ano de 2014 até 2019 houve um aumento significativo na vinda de estrangeiros para o Brasil. O turismo se intensificou nesse período devido a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas em 2016. Assim, percebe-se que o Ministério do Turismo tem intensificado o marketing do turismo interno, mas para o público internacional, deixando de lado os turistas nacionais.

Gráfico 23: Análise referente a chegadas de estrangeiros no Brasil - ano 2004 a 2020.



Fonte: Ministério do Turismo, OMT (2019).

Portanto, fica claro mais uma vez, que a parte da publicidade do Ministério e suas ações, não tem o alcance social desejado, o que reporta ao fechamento do programa “Viaja Mais, Melhor Idade”, analisado no início deste trabalho. É preciso que o Ministério do Turismo (MTur) reveja sua atuação social e se torne um órgão ativo; que tenha suas ações voltadas para o social, a população esquecida economicamente, justificando, portanto, a sua existência enquanto um Ministério Federativo, que deveria representar a população brasileira em sua totalidade. Faz-se, portanto, inadmissível que se tenha um Ministério inoperante, inexpressivo, ineficiente e ineficaz em suas ações, voltando seus programas - exclusivamente - para as classes de maior renda ou para uma elite que não representa a maioria dos brasileiros.

Mudanças não de ser necessárias para que o Ministério do Turismo amplie sua forma de alcançar as demais classes sociais, de forma a provocar uma mobilização sistêmica no fazer turismo, objetivando impulsionar o fluxo de turistas que visitam o Brasil, e alcançando a população que está aquém da oferta proporcionada pelas riquezas e diversidades culturais existentes no território nacional. É injustificável que países como Portugal e Espanha recebam 30 milhões de turistas por ano, enquanto que o Brasil não passa de 6,5 milhões de turistas ao ano.

O Brasil precisa se mobilizar para uma nova realidade de mercado internacional, considerando o turismo como uma variável ecossistêmica capaz de,

também, impulsionar a economia brasileira. Faz-se necessário, portanto, que o Brasil saia da ociosidade e cumpra o seu papel como protagonista. É preciso se reinventar, usar da criatividade, das inovações tecnológicas que estão ao nosso alcance, e colocar o país (gigante pela própria natureza) como uma potência mundial e não como mão de obra barata ou recurso natural a ser explorado e exportado pelas grandes potências mundiais.

Seguindo com a análise, o Gráfico 24 ilustra bem a realidade das pessoas idosas com relação aos números de viagens que fizeram no decorrer do ano de 2020 (ou antes), quando não se ouvia falar da pandemia pelo Covid-19. Portanto, 22 (vinte e duas) pessoas das 39 (trinta e nove entrevistadas, declararam viajar entre 1 (uma) a 3 (três) vezes por ano. Sendo que 14 (quatorze) eram do gênero masculino (35,89%) e 8 (oito) eram do gênero feminino (20,51%), perfazendo 56,4% no total.

Já de 5 (cinco) a 8 (oito) viagens, apenas 2 (duas) pessoas idosas do gênero feminino declararam ter viajado (5,13%), nenhuma, portanto, do gênero masculino (0,0%).

Entre 9 (nove) e 12 (doze) viagens, 2 (duas) pessoas afirmaram ter viajado, sendo que 1 (uma) era do gênero masculino (2,56%) e 1 (uma) do gênero feminino (2,56%), perfazendo 5,12% no total da variável analisada.

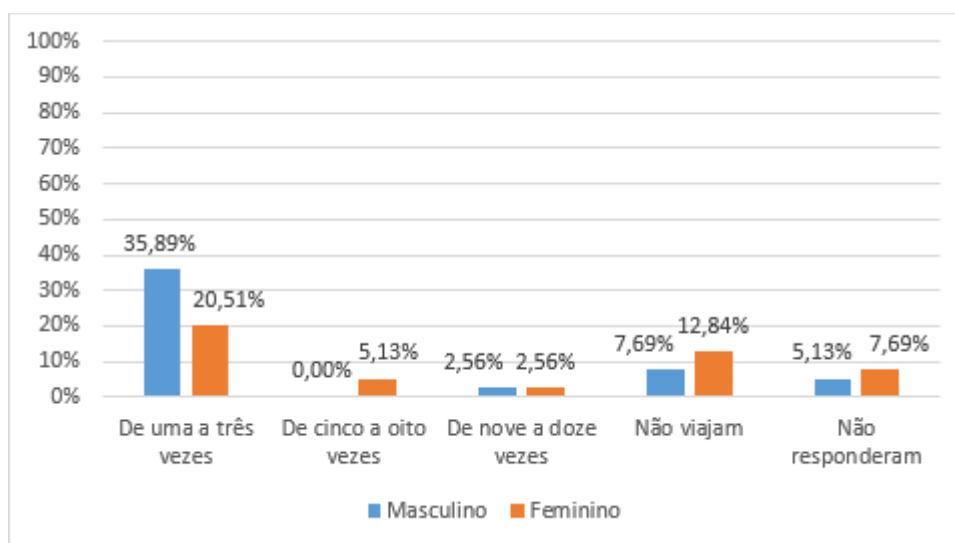
No entanto, declararam não viajar 8 (oito) pessoas idosas, sendo 3 (três) do gênero masculino (7,69%) e 5 (cinco) do gênero feminino (12,84%), perfazendo um total de 20,53%.

Não responderam à questão 5 (cinco) pessoas idosas, sendo 2 (duas) do gênero masculino (5,13%) e 3 (três) do gênero feminino (7,69%), perfazendo 12,82% no total.

A conferência da soma confirma: $[(35,89\%) + (20,51\%) + (5,13\%)] + (2,56\%) + (2,56\%) + (7,69\%) + (12,84\%) + (12,82\%) = 100\%$.

Assim, o Gráfico 24 retrata a realidade em números de viagens que as 39 (trinta e nove) pessoas idosas costumavam realizar ao longo do ano - isso até o ano de 2020, antes da epidemia do Covid-19 se propagar pelo mundo em 2019 e afetar o Brasil desde março de 2020.

Gráfico 24: Análise percentual referente ao número de viagens que as pessoas idosas costumam fazer durante o ano.



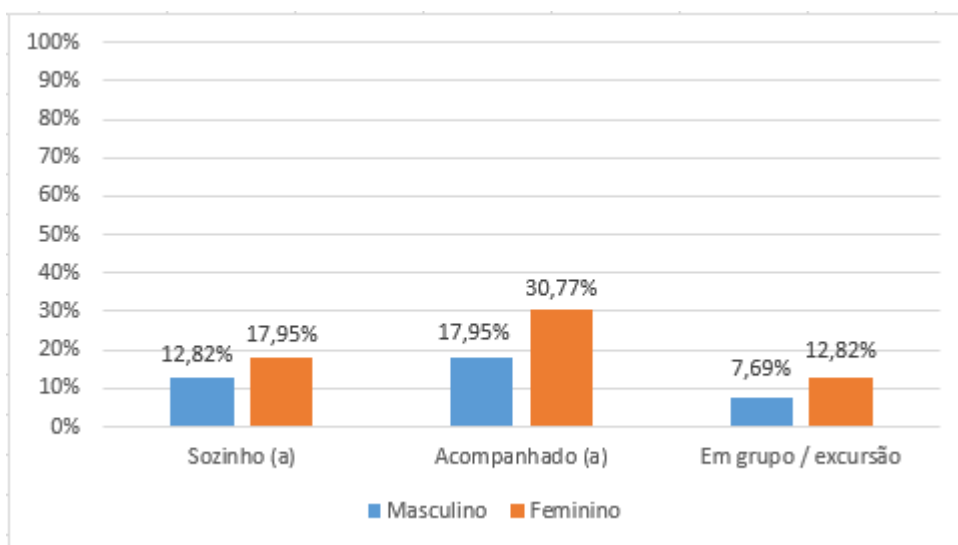
Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Segundo as entrevistas realizadas, a maioria das pessoas idosas ouvidas afirmaram gostar e costumam viajar, o que caracteriza o estado de espírito das pessoas denominadas idosas. Na realidade, apesar do número de idade ser avançado, essas pessoas idosas ostentam, na perspectiva de vida, a jovialidade se faz presente, principalmente nas práticas cotidianas, haja visto que essas pessoas não param, ou seja, estão sempre ativas e se movimentando.

Quando não estão em salas de aulas em busca de ampliar seus conhecimentos e fazer novas amizades, estão aumentando os seus ciclos de integração social com outras atividades. Procuram viajar, na maioria das vezes acompanhadas ou em grupo de pessoas, através de excursões muito bem organizadas, interagindo pelas redes sociais, dando demonstrações de que a idade não é obstáculo para se ter acesso ou domínio de novas tecnologias, além de buscarem usar de suas criatividade e experiências para a busca de uma melhor qualidade de vida.

O Gráfico 25 elenca de que modo as pessoas idosas costumam viajar. Informação importante para compreender a relação das pessoas idosas com o fazer turismo. As respostas nos ajudam a entender que 12 (doze) pessoas idosas viajam sozinhas, sendo 5 (cinco) do gênero masculino (12,82%) e 7 (sete) do gênero feminino (17,95%), perfazendo 30,77%.

Gráfico 25: Análise referente às pessoas que costumam viajar sozinhas ou acompanhadas



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

O estudo também permite entender que 19 (dezenove) pessoas idosas, viajam acompanhadas, sendo 7 (sete) do gênero masculino (17,95%) e 12 (doze) são do gênero feminino (30,77%), perfazendo 48,72%.

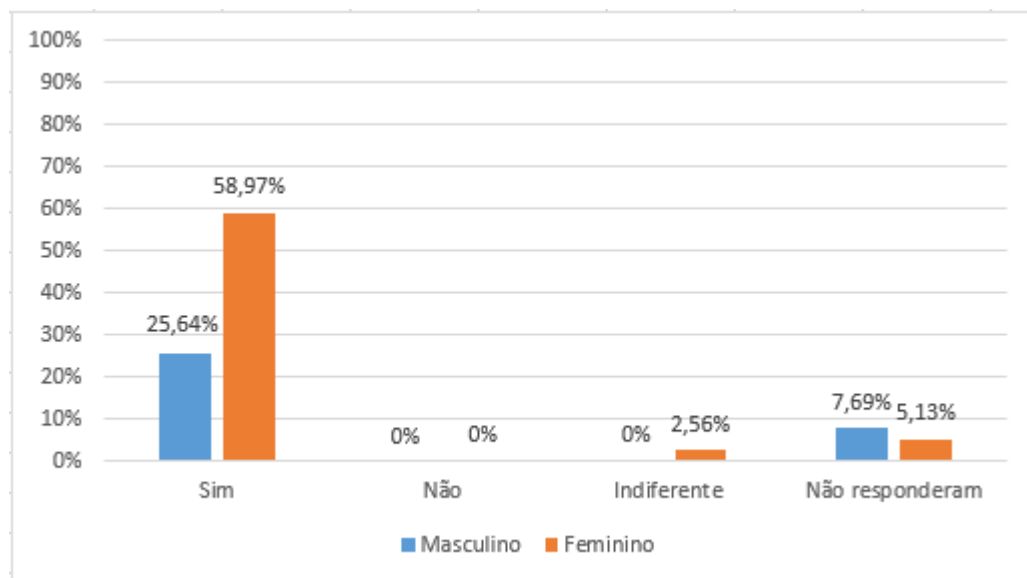
Foi constatado, portanto, no decorrer das entrevistas, que 8 (oito) pessoas idosas viajavam em grupo ou de excursão, sendo que 3 (três) eram do gênero masculino (7,69%) e 5 (cinco) eram do gênero feminino (12,82%), perfazendo 20,51%.

A conferência da soma se faz: $[(30,77\%) + (48,72\%) + (20,51\%)] = 100\%$.

A representação gráfica aqui analisada apresenta dados que, segundo os estudos realizados, essas pessoas idosas se sentem felizes e realizadas ao se juntarem a outras pessoas, amigas e amigos, para juntas, realizarem sonhos que há muito se acalentam em seus subconscientes. Portanto, é possível presumir que as pessoas idosas preferem viajar, em sua maioria, acompanhadas ou em excursão para sua maior segurança. Outro fator determinante pela preferência em viajar em grupo ou mesmo de excursão são as oportunidades de se fazer novas amizades, e o clima agradável que circula entre as pessoas idosas, durante bate papos ou em relatos de suas experiências de vida, o amor pelos netos e as relações em vida familiar.

Essas são primícias que, por si só, justificam as viagens coletivas. São momentos memoráveis que ficaram registrados na memória das pessoas idosas e que culminam em uma velhice saudável e enriquecedora. A formação de novas amizades, assim, expande o convívio social dessas pessoas, por lhes proporcionar uma vida saudável com melhor qualidade de vida.

Gráfico 26: Análise do ponto de vista das pessoas idosas referente à contribuição do lazer na qualidade de vida.



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

O Gráfico 26 retrata que 33 (trinta e três) pessoas idosas (84,62%) opinaram positivamente sobre o lazer e sua contribuição para a melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas. Sendo que 10 (dez) pessoas eram do gênero masculino (25,64%) e 23 (vinte e três) pessoas eram do gênero feminino (58,97%), perfazendo um total de 84,62%. Apenas 1 (uma) pessoa idosa, do gênero feminino, em sua opinião, com ou sem lazer é indiferente em sua vida (2,56%).

A pesquisa constatou também que 5 (cinco) pessoas idosas não tinham opinião formada a respeito do lazer, sendo 3 (três) pessoas idosas do gênero masculino (7,69%) e 2 (duas) do gênero feminino (5,13%), perfazendo 12,82% no total.

A conferência dos dados se faz: $[(84,62\%) + (2,56\%) + (12,82\%)] = 100\%$.

Mediante este diagnóstico, realizado através do trabalho de campo com o uso das entrevistas, foi possível constatar a importância do lazer, bem como do turismo, do entretenimento, do bem-estar, das viagens e das ocupações das pessoas idosas, na vida dessas pessoas, ocupando um espaço ocioso que porventura poderia existir em suas respectivas vidas.

Segundo Lima Silva (2005, p. 01):

A etimologia da palavra “ócio” em grego skolé em latim schola e em castelhano escuela. Esses nomes denominados lugares, onde a educação era intensa. Até a educação superior significava ócio A

essência skolé vem do ato de parar ou cessar, dando ideia de repouso ou paz. Depois se denominou como, ter tempo desocupado ou ter tempo livre para os gregos, bastante valorizado mais do que as atividades laborativas. Na Grécia, o ócio era o cultivo da sabedoria. Os cidadãos viviam, praticamente, nos ginásios, nas termas, no fórum e outros lugares de reunião. Para eles, o ócio era algo a ser alcançado e a atividade era um instrumento, onde se uniam as faculdades superiores do ser humano, como as da sensibilidade, ou seja, as atividades livres (o esporte, o estudo, a poesia, a filosofia). Como atividades obrigatórias, apenas a política e as armas. O trabalho, (considerado aviltante) era feito por escravos, imigrantes, servos, ou seja, cidadãos de segunda categoria, que faziam o trabalho “sujo” da sociedade.

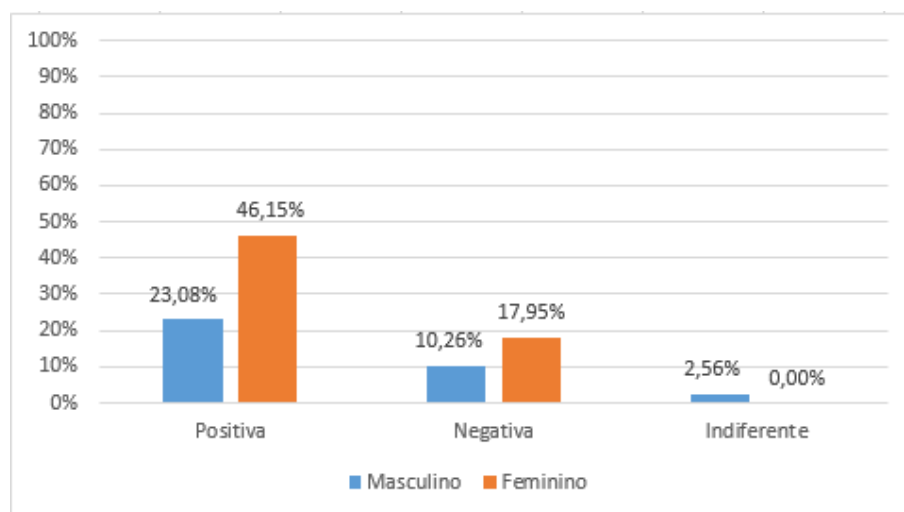
Entende-se, assim, que a proatividade e a lucidez das pessoas idosas, as motivam a buscar um permanente estado de atividade, ocupando o tempo livre que disponham da melhor maneira possível, seja com artesanato, fazendo cursos ou participando de atos sociais, com o objetivo de resgatar a cidadania de algumas pessoas que, porventura, estejam passando por dificuldades financeiras ou de ordem pessoal.

É algo enriquecedor observar que as pessoas idosas se sentem úteis, ou capazes de ajudar o próximo, utilizando suas experiências de vida, os seus empoderamentos, capazes de poder contribuir positivamente no resgate das pessoas em estado de vulnerabilidade social, fortalecendo pessoas e elevando a sua autoestima, por exemplo. São atitudes nobres que engrandecem as pessoas que as praticam, tendo, portanto, o reconhecimento da sociedade.

O Gráfico 27 nos ajuda a compreender, de forma percentual, a influência do turismo na vida das 39 (trinta e nove) pessoas idosas entrevistadas, sendo que 27 (vinte e sete) declararam que o turismo é um fator positivo em suas vidas. Esse total se distribui, sendo 9 (nove) do gênero masculino (23,08%) e 18 (dezoito) do gênero feminino (46,15%), perfazendo 69,23%.

No entanto, 11 (onze) pessoas idosas afirmaram que o turismo não tem nenhuma influência em suas vidas, sendo 4 (quatro) do gênero masculino (10,26%) e 7 (sete) do gênero feminino (17,95%), perfazendo essa variável em 28,21%. As informações ainda mostram que 1 (uma) pessoa idosa do gênero masculino, se declarou indiferente (2,56%), totalizando, portanto, a soma: $[(69,23\%) + (28,21\%) + (2,56\%)] = 100\%$.

Gráfico 27: Análise sobre a influência do turismo na vida das pessoas idosas



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A representação gráfica aqui analisada mostra que 27 (vinte e sete) pessoas (69,23%) responderam positivamente sobre a influência do turismo em suas vidas. Embora 11 (onze) pessoas (28,21%) tenham opinado que o turismo seja insignificante em suas vidas, e uma pessoa tenha se pronunciado afirmando ser o turismo indiferente em sua vida (2,56%), isso ainda se faz com uma importância relevante, pois se houvesse 100% favorável na questão, poderíamos admitir que o turismo resolve todos os problemas sociais, ou seja, tudo estava às mil maravilhas, quando os fatos nos revelam que não é bem assim.

Por outra parte, fica claro o posicionamento crítico e consciente das pessoas que opinaram de forma contrária, e nunca é demais lembrar a antológica frase do saudoso Nelson Rodrigues: “Toda unanimidade é burra”. “Quem pensa com a unanimidade não precisa pensar” (SOUZA, s./p.).

Isso nos permite caracterizar que todas as pessoas entrevistadas se posicionam de forma crítica e se posicionam particularmente sobre as questões apresentadas pela entrevista. Tem opinião própria. Diante dos dados apresentados, é possível afirmar que o turismo tem a sua importância no cotidiano dessas pessoas.

Esses dados, portanto, são relevantes para a pesquisa por ajudar na compreensão do turismo como um fenômeno social, complexo e sistêmico. Eles atestam ser o turismo positivo, em suas práticas, para a perspectiva de vida dessa população, e contribui, mediante significativa aprovação por parte das pessoas idosas entrevistadas, para uma promoção da saúde da população idosa do Brasil.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos dados apresentados por este trabalho e referenciando as leituras bibliográficas aqui citadas, é possível constatar uma heterogeneidade de opiniões por parte dos entrevistados e entrevistadas, no tocante ao turismo, o lazer, o entretenimento, a velhice e a qualidade de vida.

Como observado, a partir dos dados apresentados, muitos dos participantes das entrevistas associaram o turismo à viagem, ao lazer, ao entretenimento, e, por consequência, ao bem-estar, o que de certa forma é condizente com o conceito de turismo apresentado pela Organização Mundial do Turismo (OMT). Conforme o órgão citado, o turismo é tratado como atividade realizada por meio de viagens e estadias para lugares diferentes do entorno habitual do viajante, por um período consecutivo inferior a um ano, tendo por finalidade o lazer, os negócios ou outras atividades (OMT, 1994).

Ao promovermos um estudo sobre o fazer turismo a partir das pessoas idosas, entende-se a relevância da pesquisa para uma valorização desta população brasileira, que muitas vezes é excluída ou não contemplada, em sua totalidade, pelas políticas públicas do país.

Conforme a Portaria nº 2.528 de 19 de outubro de 2006, que aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, o preconceito contra a velhice e a negação da sociedade quanto a esse fenômeno “colaboram para a dificuldade de se pensar políticas específicas para esse grupo” (BRASIL, 2006, p. 5).

A lei ainda contribui pontuando que toda a população brasileira deve considerar “a prevenção e a promoção de saúde não como privilégio apenas dos jovens”, ou seja, a valorização, promoção e efetivação da saúde e qualidade de vida não termina quando se faz 60 anos. Um envelhecimento bem-sucedido, conforme a portaria, pode ser entendido a partir de três componentes: pela “(a) menor probabilidade de doença; (b) alta capacidade funcional física e mental; e (c) engajamento social ativo com a vida” (BRASIL, 2006, p. 6).

Outras compreensões e debates, sobre o envelhecimento e a população de idosos, podem ser levantados a partir de então. Tal como as referências teóricas aqui analisadas.

O Plano Nacional do Turismo, por exemplo, apresenta:

Ao contrário do que muitos pensam, a idade não é um impeditivo para uma vida socialmente ativa. As melhorias das condições de vida das pessoas idosas vêm proporcionando um envelhecimento ativo e ampliando sua autonomia e independência (PNT, 2013-2016, p. 12).

Tais posicionamentos, no entanto, sempre deixam margem a dúvidas e incertezas. Até porque, os conceitos estão em constante reformulação e transformação, conforme a literatura promovida em seus diagnósticos, épocas e maturidade dos pesquisadores que se debruçam sobre eles, passíveis de outras reformulações. Estas definições desassocia qualquer vínculo direto entre seus segmentos, embora haja similaridade entre elas, cada qual possui a sua própria identidade com características próprias.

Toda essa dificuldade não ocorre apenas com pessoas idosas. Ela é muito comum em pessoas de outras faixas etárias.

Diante das definições ora postas, fica demonstrado que a sabedoria popular tem coerência e relevância no cenário literário e teórico, apontando as controvérsias e confusões na hora de definir determinados conceitos. Haja visto, a complexidade a que são submetidas e a inúmeras definições propostas e apresentadas por diversos autores e autoras. Tais como os exemplos aqui supracitados, que surgem como desafio em se trabalhar essas categorias de forma efetiva, para alcançar os objetivos propostos deste trabalho.

Outro desafio que se fez presente na pesquisa foi a efetivação das 39 entrevistas, aqui tomadas como objeto de estudo e fonte dos dados para a elaboração dos gráficos e da própria análise. Todas as entrevistas foram registradas e editadas para facilitar a leitura e manuseio das informações deste trabalho. Entretanto, elas ficarão salvas no banco de dados do autor, em arquivos no formato PDF, que servirão de base para futuros trabalhos, sobre a população de pessoas idosas do Distrito Federal brasileiro e o turismo.

Os dados apresentados no capítulo 3, por exemplo, espelham com clareza e de forma objetiva, a situação real por que passam as 39 (trinta e nove) pessoas idosas entrevistadas, de ambos os gêneros: masculino e feminino.

Assim, é possível compreender o fazer turismo, a partir das percepções dos entrevistados, como uma atividade que contribui positivamente para a qualidade de vida das pessoas idosas, sendo necessário, entretanto, medidas eficazes e eficientes

a fim de completar ou sanar as lacunas existentes neste diálogo, que são passíveis de serem corrigidas, para atender uma maior parcela desta população.

Mesmo o conceito de turismo ainda ser compreendido de forma abrangente, relacionado ao entretenimento e ao lazer apenas, ele é observado como uma prática muito importante em suas respectivas propostas de qualidade de vida, auxiliando na saúde mental e psíquica, conforme os registros dos entrevistados.

Acredita-se, portanto, que os relatos feitos pelos idosos aqui identificados são muito pertinentes e possibilitam avançar nas análises, tanto por outras pesquisas quanto por parte das autoridades competentes, envolvidas na temática aqui abordada, a fim de servirem de conteúdo prévio para a elaboração de estratégias na promoção da qualidade de vida desta população. Coloco-me a disposição e permito livre acesso aos dados aqui levantados, para que sejam apreciados e possam possibilitar futuras soluções, o mais breve possível, no sentido de sanar as dificuldades existentes - pela falta de gestão e responsabilidade das organizações competentes -, que tem sido um entrave na qualidade de vida das pessoas idosas, diretamente atingidas por essas situações denunciadas pelo trabalho.

Esse trabalho, assim, surge como uma oportunidade de avançar nos meus conhecimentos, rompendo barreiras que até então existiam e nunca foram superadas, mostrando-me que, mesmo com os 65 anos vividos, eu sou capaz de conduzir uma pesquisa e promover entrevistas com pessoas até então desconhecidas. Sem sequer imaginar: qual seria a reação dessas pessoas?; qual seria o nível de aceitação das perguntas que lhes seriam feitas?; o que me revelariam de segredos até então guardados a “sete chaves”?; como seria o convívio com seus familiares e suas particularidades, que seriam revelados para mim, e nunca foram citados aos seus familiares e amigos mais próximos (algumas vezes)?

Todas essas reflexões me ajudaram a perceber que, quando se acredita em seu potencial e se tem o desejo de realizar um sonho, tudo é possível. Barreiras se rompem, obstáculos são superados e os objetivos de vida... são alcançados.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. G. M. Universidade da Terceira Idade como alternativa de resgate da cidadania idosa: análise do caso da UNIMEP. Dissertação de Mestrado. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, SP, 1997.

ALVES, D. J. O teste sociométrico: sociogramas. 2ª ed. Porto Alegre: Globo, 1974.

ALVES, F. Xerazade e os Outros (Tragédia em Forma de). Dissertação de Mestrado em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 1973.

AMARAL, L. A objetividade Jornalística. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1996.

ANDRADE, L. E. M.; MARCONI, M. D. Metodologia Científica. 7ª edição. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2017.

ARRILLAGA, J. L. Introdução ao estudo do turismo, Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.

BARRETTO, M. Turismo: Intercâmbio cultural ou imposição de modelo. Revista Comunicarte, ano I, nº 1, dez., IAC/PUC - Campinas, pp. 111-115, 1982.

BARRETTO, M. Planejamento e organização do turismo. Campinas: Papyrus, 1991.

BARRETTO, M. Mitologia e ciência no turismo. Boletim do Curso de Turismo, FIA, 2 (2), nov./dez., 1992.

BARRETTO, M. Turismo de negócios: Um conceito polêmico. Estudios y Perspectivas en Turismo, 5 (3). Buenos Aires: Ciet, jul., pp. 207-221, 1996.

BARRETTO, M. Turismo e Legado Cultural. As possibilidades do planejamento. 6ª ed. Campinas: Papyrus, 2001.

BARRETO, Margarita, Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo. 20ª ed. Editora Papyrus, 2008.

BEAUVOIR, S. A velhice. 2ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins (Monteiro). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENI, M. Política e estratégia do desenvolvimento regional: planejamento integrado e sustentável do turismo. Revista Turismo Em Análise, 10(1), 7-17, 1999. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v10i1p7-17>. Acessado em: 20 jan. 2020.

BRASIL. Lei n. 8.842, de 04 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências em relação à pessoas idosa.

BRASIL. Lei n. 10.741, de 01 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso. Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.528 de 19 de outubro de 2006. Disponível em:

<https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html>.

Acessado em: 25 de maio, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Humanização. Cartilha da PNH: acolhimento nas práticas de produção de saúde. Brasília, 2008.

BRASIL. Ministério do Turismo. Viaja Mais Melhor Idade – Manual de Orientações - Operação. Eficiência e qualidade no atendimento à melhor idade. Brasília: MTur, 2013.

BRASIL. Ministério do Turismo. Portaria 207, de 08 de setembro de 2016. Revoga a Portaria GM/ MTur nº 228, de 03 de setembro de 2013, que institui o Programa Viaja Mais Melhor Idade.

BRASIL. Ministério do Turismo. Portaria GM/MTur n. 228, de 03 de setembro de 2013.

BRASIL. Ministério do Turismo. Plano Nacional do Turismo (2007-2010): Uma Viagem de Inclusão. Brasília, DF, 2007.

BRASIL. Ministério do Turismo. Plano Nacional de Turismo (2018-2022): O turismo fazendo muito mais pelo Brasil. Brasília: MTur, 2018.

BRASIL. Ministério do Turismo. Plano Nacional do Turismo: 2013-2016. Ministério do Turismo. Disponível em:

http://www.turismo.gov.br/images/pdf/plano_nacional_2013.pdf Acessado em: 20 fev., 2020.

BRASIL. Lei n. 5.984, de 30 de agosto de 2017. Dispõe sobre a preferência de idosos, mulheres grávidas ou com crianças de colo e pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida nos assentos do transporte coletivo e no transporte metroviário do Distrito Federal. Brasília: Governo do Distrito Federal, 2017.

CAMPBELL, M. 1976, Awad & Voruganti, 2000. In: SEIDL, E.M.F; ZANNON, C.M.L.C. Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. Cad. Saúde pública, Rio de Janeiro, 20(2):580-588, mar-abr, 2004.

CHELI, M. Allocution de Son Excellence. Mgr Cheli. Pour un tourisme social et de la jeunesse dans l'Europe de demain. Bruxelles, BITS/CENTOS, 1990.

CISNE, R.; GASTAL, S. A Produção Acadêmica sobre Roteiro Turístico: Um Debate pela Superação. In: VI Seminário ANPTUR - Associação Nacional de Pesquisadores em Turismo. São Paulo: Anais do VI Seminário Anptur - Associação Nacional de Pesquisadores em Turismo, São Paulo: Aleph, 2009.

CISNE, R.; GASTAL, S. Nueva visión sobre los itinerarios turísticos: Una contribución a partir de la complejidad. In: Estudios y Perspectivas en Turismo, v. 20, p. 1449-1463, 2011.

CODEPLAN//PDAD. Companhia de Planejamento do Distrito Federal. Nota Metodológica de Estimativa do volume populacional por RA - segundo o estudo - "Projeções Populacionais 2010-2020" e a Pesquisa Distrital por Amostra Domicílios – PDAD. Brasília, Mar., 2018.

CODEPLAN/PDAD. Companhia de Planejamento do Distrito Federal. Estudos Referentes ao Retrato Social da População Idosa do Distrito Federal. Brasília, Abr., 2020.

DE LA TORRE. O. El turismo, fenómeno social, México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

FERREIRA, L. C. A questão Ambiental e políticas públicas no Brasil. São Paulo: Editora Boitempo, 1988.

FERREIRA, C. *et al.* Impacto sócio-econômico dos Programas Turismo Sênior e Saúde e Termalismo Sênior. Portugal: INATEL/CDRU, 2001.

FERREIRA, C. F. *et al.* Organização Mundial da Saúde: guia de estudos. In: Simulação das Nações Unidas para Secundaristas, 04-05, 2014, Brasília. Anais Eletrônicos. Brasília, 2014.

FERREIRA NOVO, R. F. We need more than self-reports: contributo para a reflexão sobre as estratégias de avaliação do bem-estar. Revista de Psicologia, Educação e Cultura, 9, 477-495, 2005.

FERREIRA, R. G. Pardos: trabalho, família, aliança e mobilidade social Porto Feliz, São Paulo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

FERREIRA, S. C. D.; PESSETTO, E. As oportunidades das empresas para atender o consumidor da terceira idade brasileiro: Um estudo exploratório das significativas mudanças de atitudes e comportamento deste mercado crescente. Revista Eletrônica de Administração – FAPPES vol. 2, no. 2, jan.-jun., 2011.

FERREIRA, S. F. B. Lourenço é Nome de Jogral. In: Jornal do Fundão, 30.01.72. 306, 1972.

FUSTER, L. F. Teoria y técnica del turismo. Madrid, Edição Nacional, 1974.

GASTAL, S. A. Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina, EdipucRS: Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, Jun., 2008.

GASTAL, S. A.; MOESCH, M. M. Turismo, Políticas e Cidadania. Coleção ABC do Turismo. São Paulo: Aleph, 2007.

GONÇALVES, J. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

GOLDSTEINS, M. In: NERI, A. L.; FREIRE, S. A. E por falar em uma boa velhice. Campinas: Papirus, 2004.

GUMBRECHT, H. U. O campo não-hermenêutico ou a materialidade da comunicação. In: GUMBRECHT, H. U. Corpo e forma: ensaios para uma crítica não hermenêutica. Organização de João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia. Márcio Minamiguchi. A expectativa de vida dos brasileiros aumentou para 76,3 anos em 2018. Brasília: IBGE, 2019.

IGNARRA, L. R. Fundamentos do Turismo. 2a ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

LABRADOR, P. G. Le tourisme social dans le milieu rural. Le tourisme en milieu rural. Bruxelles, BITS, 1984.

LIMA, A. M. M. Saúde no envelhecimento: o autocuidado como questão. Tese de Doutorado. Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2003.

LIMA, A. M. M.; SILVA, H. S.; GALHARDONI, R. Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras. Interface – Comunicação, Saúde, Educação, v. 12, n. 27, p. 795-807, 2008.

LIMA-COSTA, M.F. et al. Desigualdade social e saúde entre idosos brasileiros: um estudo baseado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Cad. Saúde Pública, v.19, n.3, p.745-57, 2003.

MAANEN, J. V. Reclaiming qualitative methods for organizational research a preface. In: Administrative Science Quarterly, vol. 24, n. 4, December, 1979a.

MAANEN, J. V. The fact of fiction in organizational ethnography. In: Administrative Science Quarterly, vol. 24, n. 4, December 1979b.

MALTA, L. R. Manual do revisor. São Paulo: WVC, 2000.

MANN, P. H. Métodos de investigação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

MCINTOSH, D. H. Mother-Of Cloud Over Scotland. In: Weather, vol. 27, issue 1, pp. 14-26. Pub Date: Jan., 1972. Disponível em: <https://rmets.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/j.1477-8696.1972.tb04234.x>
Acessado em: 20 fev. 2020.

MINAYO. M. C. de S. (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde..São Paulo: HUCITEC, 1999.

MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social; teoria, método e criatividade 29ª ed. Petrópolis, Vozes, 2000.

MOESCH, M. M. A produção do saber turístico. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

- OLIVEIRA, R. C. Pós-modernidade. Campinas: Unicamp, 1987.
- OLIVEIRA, R. C.; PONTAROLO, R. S. Terceira idade: uma breve discussão. Revista UEPG: Ciência Humanas, Linguística, Letras e Artes, p. 115-123, jun. 2008.
- OMS. Organização Mundial da Saúde. Relatório Mundial de Saúde, Banco de Dados. Genebra, Suíça: Organização Mundial da Saúde, 1999.
- OMS. Organização Mundial da Saúde. Organização Mundial do Turismo. Turismo: panorama 2020. Madrid: Organização Mundial da Saúde, 1999.
- OMS. Organização Mundial da Saúde. Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS. Envelhecimento ativo: uma política de saúde. 1. ed. Tradução de Suzana Gontijo, p. 61. Brasília, 2005.
- OMS. Organização Mundial da Saúde. Relatório Mundial de envelhecimento e Saúde: A diversidade das capacidades e necessidades de saúde dos adultos maiores de 60 anos. In: CHAN, Margaret. Diretoria Geral. Organização Mundial da Saúde, 2015.
- OMT. Organização Mundial do Turismo. O Código Mundial de Ética do Turismo. 1994. Disponível em: http://www.world-tourism.org/code_ethics/pdf/languages/Portugal.pdf. Acessado em: 20 fev. 2020.
- OMT. Organização Mundial do Turismo. Carta de Lisboa sobre el turismo de personas mayores. 3ª Ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 1999.
- OMT. Organização Mundial do Turismo. Turismo internacional: uma perspectiva global. 2ª Ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2003.
- OMT. Organização Mundial do Turismo. Guia de Desenvolvimento do Turismo Sustentável. Porto Alegre, RS: Bookman, 2009.
- OMT. Organização Mundial do Turismo. Panorama do turismo internacional. Porto Alegre, RS: Bookman, 2011.
- OMT. Organização Mundial do Turismo. O Código Mundial de Ética do Turismo. 1ª ed. Brasília, 2019.
- PAHR, W. P. Address delivered by Dr. Willibald. Pahr. BITS: 25 anos ao serviço do tourisme social. Bruxelles, BITS, 1988.
- ROZENBERG, J. E. Turismo social e terceira idade: desafios emergentes (Dissertação de Mestrado em Administração). Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Fundação Getúlio Vargas – FGV. Rio de Janeiro, 1996.
- SANTOS, A. V. Recreação: Qualidade de vida através das brincadeiras em Educação Física. NetSaber – Artigos, 2004. Disponível em: http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_21767/artigo_sobre_recreacao--qualidade-de-vida-atraves-das-brincadeiras-em-educacao-fisica Acessado em: 20, fev. 2020.

SANTOS FILHO, J. Breve História de Turismo e da Hotelaria. Rio de Janeiro: Confederação Nacional do Comércio /Conselho de Turismo, 2005. Disponível em: < www.cnc.com.br>. Acessado em: 20 fev., 2020.

SESC. Serviço Social do Comércio. O Século da terceira idade. São Paulo: SESC, 2003. Catálogo.

SOUZA, W. Nelson Rodrigues. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/nelson-rodrigues.htm> Acesso em: 15 mar., 2020.

APÊNDICE 1: ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA AS ENTREVISTAS

A finalidade desta entrevista é identificar qual a contribuição que o turismo proporciona no ciclo de vida das pessoas idosas. Essas informações servirão de base para as discussões que pretendo realizar no Trabalho de Conclusão do meu Bacharelado em Turismo pela Universidade de Brasília.

Questões identificadas como relevantes para a pesquisa:

- 1 - Nome Completo
- 2 - Idade
- 3 - Estado Civil
- 4 - Condição Socioeconômica
 - Renda Estimada
 - Mora em casa própria
 - Paga aluguel
 - Tem dependentes
5. Local de Origem
6. Nível de Independência
7. Relações com Familiares
8. Religião
9. História de Vida
10. Atividades preferidas
11. A quanto tempo mora em Brasília?
12. Qual a sua opinião com relação ao Turismo?
13. O turismo tem alguma influência em sua vida?
14. Na sua opinião, o que falta ao idoso e o que poderia ser feito a favor do mesmo?
15. Tem conhecimento do Estatuto do Idoso, em algum momento teve que recorrer-lo por ter os seus direitos desrespeitados?
16. Qual a sua opinião com relação ao Ministério do Turismo?
17. Na sua opinião, a Universidade tem cumprido o seu papel no tocante a melhoria da qualidade de vida da pessoa idosa?
18. Na sua opinião o Lazer contribui na melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas?

19. Costuma viajar?

- Quantas vezes ao ano?
- Sozinho(a) ou acompanhado(a)?
- Costuma viajar de Excursão

20. Dê a sua sugestão no que é possível melhorar na vida da pessoa idosa e qual a sua perspectiva sobre esse tópico.